

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS



**CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DA MULHER
ATLETA PELA MÍDIA
NOS JOGOS OLÍMPICOS – RIO 2016:
ABORDAGEM COGNITIVO-CULTURAL**

FERNANDA BASSI CABETE

Dissertação

Mestrado em Cultura e Comunicação

2019

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS



**CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DA MULHER
ATLETA PELA MÍDIA
NOS JOGOS OLÍMPICOS – RIO 2016:
ABORDAGEM COGNITIVO-CULTURAL**

FERNANDA BASSI CABETE

Dissertação orientada pela Prof.^a Doutora Maria Clotilde Almeida,
especialmente elaborada para a obtenção do grau de Mestre em
CULTURA E COMUNICAÇÃO

2019

“A Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e a Universidade de Lisboa têm licença não exclusiva para arquivar e tornar acessível, nomeadamente através do seu repositório institucional, esta dissertação, no todo ou em parte, em suporte digital, para acesso mundial. A Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e a Universidade de Lisboa estão autorizadas a arquivar e, sem alterar o conteúdo, converter a dissertação entregue para qualquer formato de ficheiro, meio ou suporte, nomeadamente através da sua digitalização, para efeitos de preservação e acesso.”

Cabete, Fernanda Bassi.

Construção da imagem da mulher atleta pela mídia nos Jogos Olímpicos – Rio 2016: abordagem cognitivo-cultural / Fernanda Bassi Cabete; orientadora: Prof.^a Doutora Maria Clotilde Almeida. Lisboa, 2019.

144f.

Dissertação (Mestrado de Cultura e Comunicação) –
Faculdade de Letras – Universidade de Lisboa

1. Cultura e Comunicação. 2. Metáfora de gênero.
3. Mulher na mídia.

NOTA PRÉVIA

Esta dissertação está formatada de acordo com as normas ditadas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), uma vez que se pretende a publicação da mesma no Brasil, onde o padrão apresentado é obrigatório. Pelo mesmo motivo, todo o texto encontra-se escrito em português brasileiro. Na bibliografia desta dissertação consta um guia online com as principais normas, que foram aqui seguidas.

AGRADECIMENTOS

Só agradeço

À Professora Clotilde, pelos ricos ensinamentos
vê nas entrelinhas do discurso, pensamentos
Despertou em mim uma oportunidade
à qual serei grata pela posteridade.

À mãe, pelos carinhos, broncas e sustento
À avó, dona de incansáveis histórias
e protagonista das minhas melhores memórias
À irmã, pelos conselhos e exemplo.

À Lilian, pela generosidade sem fim,
muito obrigada!
À Samira, poetisa empoderada,
por despertar o feminismo em mim.

Agradeço à Universidade de Lisboa,
aos professores e à banca;
E à cidade, que à toa me encanta.

Por fim, valorizando a boa companhia
sou grata pelas mãos, ombros e ouvidos
da Marina, Juliana, Maura e Bia.

RESUMO

A presente dissertação visa uma análise cognitivo-cultural de como as construções discursivas na mídia, marcadas por modelos cognitivos e culturais pré-estabelecidos, retratam a mulher atleta, em referência aos Jogos Olímpicos – Rio 2016. A participação de mulheres em meios tradicionalmente masculinos, como no esporte e na mídia, ainda que venha sofrendo avanços notáveis, continua a ser limitada. Mediante a desconstrução de conceitualizações metafóricas e metonímicas presentes no jornalismo esportivo, busca-se descortinar estes discursos segregadores e as suas consequências sociais, bem como sugerir um paradigma alternativo conducente à revisão de valores e práticas sociais que contribuem decisivamente para perpetuar a desigualdade de gênero.

Palavras-chave: mulheres no esporte. mulheres na mídia. jornalismo esportivo. metáforas de gênero. Jogos Olímpicos – Rio 2016.

ABSTRACT

The present dissertation aims at a cognitive-cultural analysis of how discursive constructions in the media, marked by pre-established cognitive and cultural models, depict women athletes, in reference to the Olympic Games - Rio 2016. In traditionally masculine environments, such as sports and media, the participation of women is still limited, even if it has undergone remarkable advances. Through the deconstruction of metaphorical and metonymic conceptualizations represented in sports media, we aim at uncovering of these biased discourses and their social consequences, as well as at suggesting an alternative paradigm conducive to the resetting of social values and practices that highly contribute to perpetuate gender inequality.

Keywords: women in sports. women in media. sports journalism. gender metaphors. Olympic Games – Rio 2016

Lista de figuras

FIGURA 1 – Representação de gênero em portas de banheiro. Fonte: reprodução de Internet

FIGURA 2 – Linha do tempo – Mulheres no esporte. Fonte: Fernanda Cabete

FIGURA 3 – Galeria de fotos. Fonte: reprodução Lance

FIGURA 4 – Vídeo da atleta de salto Ivana Španović. Fonte: reprodução Olé

FIGURA 5 – Foto da esgrimista russa Yana Egorian. Fonte: reprodução *The Sun*

Lista de tabelas

TABELA 1 – Quantidade de mulheres no Conselho de grandes empresas de mídia dos Estados Unidos

TABELA 2 – Exemplos de metonímia conceitual

TABELA 3 – Categorização das metáforas de mulher segundo Lopes

TABELA 4 – Participação de mulheres nos Jogos Olímpicos

TABELA 5 – Jornalistas homens *versus* mulheres nas redações de jornais esportivos portugueses

TABELA 6 – Jornalistas homens *versus* mulheres em veículos esportivos internacionais

TABELA 7 – Conteúdos para homens heterossexuais em sites de esporte

TABELA 8 – Dez esportistas com maiores rendimentos

TABELA 9 – Fontes

TABELA 10 – Amostra *corpus*

SUMÁRIO

Índice

Introdução	12
Capítulo 1: Identidade, gênero e mídia	16
1.1 Identidade	16
1.2 Identidade de gênero	18
1.3 Feminismo.....	24
1.4 Masculino como padrão	26
1.5 Identidade de gênero na mídia.....	29
Capítulo 2: Metáfora conceitual.....	34
2.1 Literal versus metafórico	34
2.2 Breve histórico sobre os estudos da metáfora	36
2.2.1 Referencialismo	36
2.2.2 Descritivismo	37
2.2.3 Experiencialismo	38
2.3 Metáfora e cultura	41
2.4 Tipos de metáforas.....	43
2.4.1 Metáforas Orientacionais	43
2.4.2 Metáforas Estruturais	44
2.4.3 Metáforas Ontológicas	44
2.5 Metonímia	45
2.6 Categorização.....	47
2.7 Estado da arte	49
2.7.1 Categorização da MULHER	50
2.7.2 Análise conceitual da metáfora sobre a mulher	54
2.7.3 Conclusão.....	56
Capítulo 3: Mulheres no esporte e na mídia	58
3.1 Mulheres no esporte	58
3.2 Mulheres na mídia	61
3.3 A linguagem do esporte na mídia.....	66
3.4 Metáforas de mulher no poder: o caso de Hillary Clinton.....	70
3.4.1 Mulher fora dos padrões, vadia e bruxa	72
3.4.2 Madona ou rainha da beleza	73
3.4.3 Conclusão.....	75
3.5 Abuso de poder	77

3.6 Abismo salarial.....	78
3.7 Pensamento crítico.....	79
Capítulo 4: Análise do corpus.....	84
4.1 Metodologia	84
4.2 Análise qualitativa.....	88
4.2.1 MULHER ATLETA É HOMEM	90
4.2.2 MULHER É FAMÍLIA.....	91
4.2.3 MULHER É FRAGILIDADE.....	93
4.2.4 MULHER É SEXO.....	94
4.2.5 MULHER É BELEZA	95
4.2.6 MULHER É SUBMISSÃO.....	102
4.2.7 MULHER É LAZER	104
4.2.8 MULHER É DESEJO	105
OBSERVAÇÕES FINAIS.....	<i>Erro! Indicador não definido.</i>
ANEXOS.....	112
CORPUS.....	112
MULHER ATLETA É HOMEM	112
MULHER É FAMÍLIA.....	113
MULHER É FRAGILIDADE	116
MULHER É SEXO.....	118
MULHER É BELEZA.....	119
MULHER É SUBMISSÃO	128
MULHER É LAZER	130
BIBLIOGRAFIA	136

Introdução

Desafio lançado: atualizar-se de acontecimentos esportivos sem esbarrar em discursos marcados pelo gênero. O que você vê ao acessar um site de notícias esportivas? A princípio, há de notar que existe pouco ou nenhum conteúdo sobre atletas do sexo feminino. No entanto, as mulheres costumam ter presença garantida nas *homepages* de esporte, não necessariamente enquanto atletas, mas sim como protagonistas de fotos sensuais. Ao encontrar alguma notícia sobre atletas mulheres, você talvez tenha a impressão de que elas são frágeis e sexualizadas; provavelmente saberá se têm família e se mantêm um relacionamento amoroso, ou verá que estão associadas a algum homem com talento que merece destaque.

É de notar que a presença das informações citadas – ou ausência de qualquer informação – sobre atletas mulheres não é regra, mas trata-se de um padrão. A afirmação baseia-se em um estudo da Universidade de Cambridge (2016) que verificou como mulheres e homens são descritos em discursos associados aos esportes olímpicos e é corroborada pela presente dissertação, por meio de uma análise semântica e cognitiva de 250 trechos de notícias sobre mulheres atletas publicadas na Internet durante os Jogos Olímpicos – Rio 2016.

Na análise, buscou-se identificar e categorizar conceitualizações metafóricas e metonímicas de gênero presentes nas notícias destacadas, uma vez que as metáforas conceituais representam quer uma forma de pensamento, quer uma forma de ação sobre o mundo (LAKOFF; JOHNSON, 1980). Para tanto, viu-se necessário realizar um embasamento teórico em torno de gênero, esporte, mídia e metáforas conceituais, focado em implicações em torno das mulheres.

Esse trabalho inicia-se com a elucidação do processo de construção da identidade, segundo teorias de Stuart Hall (2006). O sociólogo parte do princípio de que a identidade é moldada não biologicamente, mas sim histórica e socialmente, e do reconhecimento de que ela não é fixa nem permanente, estando em constante “deslocamento”.

A seguir, os estudos da historiadora Joan Scott (1995) explicam de que forma o gênero é um produto das nossas relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e como isso produz significado nas relações de poder. Em complemento, a filósofa Judith Butler (2003, p. 18) nos ajuda a compreender por que o feminismo vai

além da luta pelos direitos das mulheres questionando a própria identidade feminina, visto que o sujeito mulher não mais deve ser visto em termos estáveis e permanentes.

Na sequência, são brevemente expostos os significados de conceitos relacionados a gênero, sexo e poder, como patriarcado, sexismo e androcentrismo, e listados adjetivos constantemente atribuídos aos gêneros ou sexos.

Para finalizar o primeiro capítulo, é abordada a questão da identidade de gênero na mídia, a forma que é feita a representação da mulher nos meios de comunicação e as consequências deste tipo de exposição. O documentário ‘*Miss Representation*’ (2011), de Jennifer Siebel Newsom, explica por que e de que forma a imagem da mulher é reduzida ao seu corpo pela mídia, expondo os impactos que esse tipo de representação irreal provoca.

O segundo capítulo trata da análise cognitiva das representações linguísticas, com base na teoria conceitualista de George Lakoff e Mark Johnson (1980), especialmente por meio da obra “*Metaphors we live by*”. Essa abordagem afirma que a linguagem está diretamente relacionada à experiência humana e parte do princípio de que o pensamento e a linguagem dependem da experiência corporizada. Ou seja, é a partir do nosso corpo e da experiência social que atribuímos significados.

Conhecer a evolução do estudo da metáfora é uma forma de compreendê-la e perceber que a maneira como nos expressamos está diretamente relacionada às nossas vivências e valores culturais e sociais, que, por sua vez, são carregados de estereótipos e preconceitos. Sabendo disto, a relação entre metáfora e cultura torna-se inevitável.

A dissertação “Metáforas sobre a mulher: uma visão linguística e conceitual”, de Márcia dos Santos Lopes (2005), colabora ao fornecer uma análise linguística e conceitual de sentenças metafóricas sobre a mulher retiradas de ditos populares brasileiros e da mídia. Do trabalho de Lopes foram extraídas referências sobre categorização, domínios-fontes aos quais comumente recorremos ao caracterizarmos a mulher e os usos mais recorrentes de conceitualizações metafóricas de gênero, que também foram observadas no *corpus* da presente pesquisa.

No capítulo três está um breve histórico da atuação das mulheres no esporte, abordando dificuldades enfrentadas pelas atletas para inserirem-se nesse universo, além do progresso conquistado por elas. Na compreensão do processo de inserção e aceitação das mulheres no âmbito esportivo são utilizados estudos apresentados pela especialista em educação física com ênfase em história e gênero Silvana Goellner. A autora

empresta-nos informações sobre como o nosso corpo é conduzido a encaixar-se em padrões pré-estabelecidos e de que forma isso constitui a identidade do sujeito.

As respostas às questões “quem produz a notícia?”; “quem é noticiado?”; e “a quem se destina a notícia?” nos ajudam a entender a participação feminina nos principais veículos de comunicação e a forma como as mulheres são representadas. Como exemplo, são citadas as metáforas de gênero utilizadas para referir-se à atuação de Hillary Clinton na vida pública. Uma análise da forma com a ex-primeira-dama e ex-senadora é representada pela mídia nos leva à compreensão de como as expectativas tradicionais de papéis dificultam a saída da mulher da esfera privada para a pública, experiência vivida também pelas atletas.

Como um espelho dos valores da sociedade contemporânea, a mídia e demais instituições de poder transformam em discursos os interesses e pensamentos enraizados na estrutura social, cultural, histórica e política existente, com o objetivo de garantir a manutenção dos privilégios das elites simbólicas. Segundo o linguista Teun A. van Dijk (2008, p. 18), “se o discurso controla mentes e mentes controlam ação, é crucial para aqueles que estão no poder controlar o discurso em primeiro lugar”.

Aqui, recorremos mais uma vez a Hall para explicar como o poder de representar alguém ou algo de certa maneira é capaz de exercer o que ele chama de “violência simbólica” (2016, p. 193). O exercício desse poder, como explica van Dijk, pode ter as mais variadas consequências, que vão desde distúrbios de imagem enfrentados por garotas, passando pelas suas escolhas em relação ao mercado de trabalho e por diferenças de oportunidades e salários.

O terceiro capítulo é finalizado com o efeito contrário à persuasão, que a mesma mídia é capaz de estimular: o pensamento crítico. Apesar dos meios de comunicação serem reconhecidamente influenciadores de pensamento e comportamento, tudo o que é veiculado fica suscetível a ser questionado e discutido, fazendo com que o público crie os seus próprios significados a partir do que lhes foi apresentado (VAN DIJK, 2005, p. 75), ou seja, os meios de comunicação não são monolíticos e isso tem gerado uma série de manifestações e movimentos citados neste trabalho.

No quarto e último capítulo está a análise qualitativa do *corpus* desta pesquisa, feita de acordo a interpretação dos fragmentos de textos retirados de sites de notícias veiculadas durante as Olimpíadas – Rio 2016. Nos trechos destacados foi identificado o uso de conceitualizações metafóricas e metonímicas de gênero, que foram categorizadas e analisadas.

Capítulo 1: Identidade, gênero e mídia

1.1 Identidade

A compreensão da transformação estrutural experienciada pelas sociedades modernas desde o final do século XX fragmentou “as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais” (HALL, 2006, p. 9); e, agora, estão modificando as nossas identidades pessoais.

Esse fenômeno levou indivíduos que possuíam identidades unificadas e estáveis a tornaram-se seres fragmentados nas sociedades modernas e pós-modernas, em que vivemos atualmente. Esse novo sujeito passou a ser “composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas” (HALL, 2006, p. 12).

Hall (2006) chama esse abalo da ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados – tanto do nosso lugar no mundo social e cultural quanto de nós mesmos – de “deslocamento”. Este processo, segundo o autor, constitui uma “crise de identidade”. De acordo com o crítico cultural Kobena Mercer, “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza” (1990, p. 43 apud HALL, 2006, p. 9).

Ainda segundo Hall, o processo de identificação que nos projeta em nossas identidades culturais tornou-se “provisório, variável e problemático. Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceitualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial e permanente” (2006, p. 12). Sendo definida histórica e não biologicamente, a identidade passa a ser formada e transformada de forma contínua.

À medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 2006, p. 13).

A globalização é um dos principais agentes da constante e acelerada transformação das sociedades modernas, tendo impacto direto sobre a identidade cultural do indivíduo “à medida em que áreas diferentes do globo são postas em

interconexão umas com as outras” (GIDDENS, 1990, p. 6 apud HALL, 2006, p. 15). A globalização resulta em transformações do tempo e do espaço, o que Giddens chama de “desalojamento do sistema social”, que leva as relações sociais de contextos locais a escalas indefinidas de espaço-tempo (1990, p. 21 apud HALL, 2006, p. 15).

Laclau (1990) usa o mesmo conceito de “deslocamento” de Hall para descrever as sociedades modernas. De acordo com ele, o centro de poder da pós-modernidade é deslocado e substituído por múltiplos centros de poder, sem um princípio articulador ou organizador único, como ocorria anteriormente. O teórico explica que o deslocamento, apesar de problemático, possui características positivas, pois desarticula identidades pré-existentes, anteriormente estáveis, além de abrir a possibilidade de novas articulações, com a criação de novas identidades, produção de novos sujeitos e reconstrução da estrutura social (LACLAU, 1990 apud HALL, 2006, p. 40).

As sociedades da modernidade tardia são caracterizadas pela “diferença”; elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes “posições de sujeito” – isto é, identidades – para indivíduos. Se tais sociedades não se desintegram totalmente, não é porque elas são unificadas, mas porque os seus diferentes elementos e identidades podem, sob certas circunstâncias, ser conjuntamente articulados. Mas essa articulação é sempre parcial: a estrutura da identidade permanece aberta (HALL, 2006, p. 17).

Embora os estudiosos citados tenham opiniões diversas no que tange à forma como ocorrem as transformações no mundo pós-moderno, estão de acordo em relação à constante ruptura e deslocamento da sociedade contemporânea, que libertou “o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas”, que antes eram fixos e não estavam sujeitos a mudanças estruturais (HALL, 2006, p. 24).

A identidade é formada ao longo da vida do indivíduo por meio de processos inconscientes gerados por diversos estímulos, não sendo algo concebido no momento do nascimento. Ela “permanece sempre incompleta, está sempre ‘em processo’, sempre ‘sendo transformada’” (HALL; 2006, p. 38).

O nosso corpo é um dos grandes construtores da nossa identidade por ser não apenas algo que temos, mas sim algo que somos (LE BRETON; 2006, p. 24). Le Breton entende que o corpo vai além da materialidade biológica que nos constitui, sendo também o que está ao nosso redor, os nossos gestos, as roupas e acessórios que usamos, as intervenções às quais nos submetemos, sejam voluntária ou involuntariamente, a nossa própria imagem, os sentidos que produz etc. Portanto, não são as “semelhanças

biológicas” que definem o nosso corpo, “mas fundamentalmente os significados culturais e sociais que a ele se atribuem” (GOELLNER, 2008, p. 28).

Como explica Goellner (2010, p. 73), o corpo é, sobretudo, um “produto de um intrínseco inter-relacionamento entre natureza e cultura”, que “resulta de uma construção cultural sobre a qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos etc.”. A autora exemplifica que:

nos dias atuais, dificilmente encontramos uma mulher usando um espartilho com fins estéticos, como acontecia, por exemplo, no final do século XIX e início do XX, ou seja, nenhuma menina hoje é educada a suportar os apertos de um espartilho de forma que sua ação sobre o corpo lhe confira um formato que, naquele tempo, era considerado desejável. Os constrangimentos corporais são outros. (GOELLNER, 2010, p. 74).

O corpo é educado continuamente pelas instituições sociais e culturais, como a escola, igreja, mídia, medicina, família, esportes etc., para que se encaixe em padrões pré-estabelecidos de moda, alimentação, comportamento, beleza, gestos, práticas sexuais, entre outros. “Se os corpos são diferentes, é necessário pensar, ainda, que os gêneros e as sexualidades também o são. Essas marcas se inscrevem também nos corpos e, além disso, constituem a identidade dos sujeitos” (GOELLNER, 2010, p. 75).

1.2 Identidade de gênero

“A gente não nasce mulher, torna-se mulher”
(BEAUVOIR, 1949)

Assim como ocorre com a nossa identidade cultural de etnia, raça e nacionalidade, que estão em constante transformação, a nossa identidade de gênero e sexual também passa pelo mesmo processo. Abordando especificamente a construção da identidade feminina, alvo de estudo da presente pesquisa, verificamos que, na sociedade pós-moderna, o próprio sujeito “mulheres” não é mais compreendido como estável ou permanente (BUTLER, 2003, p. 18).

A citação da filósofa feminista Simone de Beauvoir, que abre este tópico, é do final dos anos 1940, quando a autora publicou o livro *O Segundo Sexo*. Desde aquele

tempo, a expressão gera discussões e é proferida por militantes e estudiosas na intenção de mostrar que o nosso modo de ser ou estar decorre de um processo construído com base em valores culturais e sociais. Da mesma forma, a afirmação também é verdadeira para o sexo masculino.

Como explica Scott (1995, p. 86), ao contrário do que muitos pensam, gênero não é algo que somos ou temos. Gênero é, na verdade, um produto das relações sociais, “baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos”, sendo “uma forma primária de dar significado às relações de poder”. Essas diferenças são construídas não biologicamente, mas sim socialmente.

Gênero é constantemente criado e recriado a partir da interação humana, da vida social, e é a textura e a ordem da vida social... Depende de todos constantemente fazendo gênero'. Gênero é uma performance e uma performance que é produzida de acordo com scripts específicos dependentes da cultura¹ (PFISTER; HARTMANN-TEWS, 2005, p. 8).

Goellner acrescenta que por “gênero entende-se a condição social por meio da qual nos identificamos como masculinos e femininos” e pontua que gênero é diferente de sexo, que “identifica as características anatômicas que diferenciam os homens das mulheres e vice-versa”. Dessa forma, fica claro que o gênero “é construído social e culturalmente e envolve um conjunto de processos que vão marcando os corpos, a partir daquilo que se identifica ser masculino e/ou feminino” (2010, p. 75). Como mencionado anteriormente, o corpo é generificado, tendo as marcas de gênero estampadas em si. A diferença entre gênero e sexo será abordada mais detalhadamente a seguir.

Cientes de que o gênero é a construção social do sexo, é preciso ressaltar que o gênero “impresso” no nosso corpo, por ser uma construção que é constantemente modificada, não existe naturalmente. Como exemplo das modificações constantes, Goellner (2010, p. 75) cita o fato de cabelos longos e uso de brincos serem características consideradas femininas até pouco tempo nas sociedades ocidentais. No entanto, hoje é aceitável que um homem use esses acessórios sem que a sua masculinidade seja comprometida. As identidades feminina e masculina, portanto, são produzidas culturalmente, não sendo fixas.

¹ Tradução livre do inglês: ‘*Gender is constantly created and re-created out of human interaction, out of social life, and it is the texture and order of that social life...it depends on everybody constantly doing gender*’ (LORBER, 1994, p. 13). *Gender is a performance, and a performance which is produced according to specific scripts dependent on culture.*

Para o estudo de gênero, Scott (1995, p. 86-87) utiliza-se de quatro elementos inter-relacionados, mas que não operam simultaneamente como reflexos. Primeiramente, a historiadora cita “símbolos culturalmente disponíveis” – como a utilização de Eva e Maria para simbolizar a mulher na tradição cristã ocidental, sendo Eva o que a mulher é e Maria o que ela deveria ser (MOTA-RIBEIRO, 2000).

A autora do ‘Pecado Original’, que foi criada a partir da costela de Adão para auxiliá-lo, tem, segundo a Igreja Católica, tanto a sua natureza pecaminosa quanto a sua submissão transportada às mulheres de sociedades cristãs. Por outro lado, Maria, como mãe de Jesus, apresenta um caráter inquestionável por conta de sua virgindade, castidade e maternidade. De acordo com Mota-Ribeiro (2000, p.3), “a mãe de Jesus é um modelo do qual as mulheres se devem aproximar, mas isso afigura-se praticamente impossível devido à natureza perfeita e inigualável”.

É este discurso de exaltação de Maria em contraste com Eva que estabelece a cisão não apenas entre ambas, mas entre Maria e todas as demais mulheres, representadas em Eva. Segundo Toldy (1997, p. 230), essa reflexão antropológica “contribuiu decisivamente para uma visão da mulher como ser inferior e como tentadora, à semelhança de Eva”. Sendo a imagem da mulher pregada pela Igreja determinante na construção da identidade feminina, a transferência de conceitos da ordem teológica para a social é mais uma estratégia que justifica a dominação masculina.

Em segundo lugar, de acordo com Scott (1995, p. 87), aparecem “conceitos normativos que expressam interpretações do significado dos símbolos” e limitam as suas possibilidades metafóricas. Esses conceitos estabelecem uma “oposição binária fixa” entre homem/mulher e masculino/feminino, por meio de doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas ou jurídicas. Mesmo que as afirmações normativas sejam contestadas, a posição dominante é declarada como sendo a única possível. Um exemplo deste segundo elemento é o fato de grupos religiosos fundamentalistas ainda tentarem restaurar o papel “tradicional” das mulheres, “embora, na realidade, haja poucos antecedentes históricos que testemunhem a existência incontestada de um tal papel”.

Em terceiro lugar, Scott cita o desafio de destruir a ideia de que a representação binária de gênero é fixa. A autora explica que, apesar de muitos pesquisadores restringirem o uso do gênero ao “sistema de parentesco”, colocando o lar e a família

como base da organização social, existe a necessidade de “uma visão mais ampla”, que inclua uma concepção política e uma referência às instituições e à organização social.

O quarto aspecto do gênero ressaltado por Scott é o que ela chama de “identidade subjetiva”. Ao mesmo tempo em que a autora concorda com a antropóloga Gayle Rubin, que afirma que a identidade de gênero inclui uma “transformação da sexualidade biológica dos indivíduos enquanto passam por um processo de enculturação”, Scott defende uma abordagem histórica. Para ela, os historiadores têm de “examinar as fontes pelas quais as identidades generificadas são substancialmente construídas” e relacioná-las “com toda uma série de atividades, organizações e representações sociais historicamente específicas” (1995, p. 88).

O antropólogo Maurice Godelier afirma que as diferenças biológicas em relação ao sexo visíveis em nossos corpos “são constantemente solicitadas a testemunhar as relações sociais e as realidades que não têm nada a ver com a sexualidade. Não somente testemunhar, mas testemunhar para, ou seja, legitimar” (apud SCOTT, 1995, p. 89).

Mas, afinal, como sexo e gênero se diferenciam? Enquanto o gênero refere-se aos significados e práticas sociais que organizam a diferença sexual, o sexo trata de aspectos biológicos do ser humano socialmente classificados como “masculinos” ou “femininos” (THOMPSON; ARMATO, 2012, p. 9).

Goellner explica que, assim como o gênero, a sexualidade também é plural, “o que implica afirmar a inexistência de um único modo correto, estável, desejável e sadio de vivenciá-la”. Um único indivíduo pode, inclusive, apresentar mais de uma identidade sexual ao longo da vida, sendo heterossexual, homossexual, bissexual etc. Essas identidades sexuais são culturalmente construídas e referem-se às diferentes maneiras como as pessoas experienciam a sua sexualidade, seja com pessoas do mesmo sexo, do sexo oposto ou com ambos (2010, p. 76).

Beauvoir diz claramente que a gente “se torna” mulher, mas sempre sob uma compulsão cultural a fazê-lo. E tal compulsão claramente não vem do “sexo”. Não há nada em sua explicação que garante que o “ser” que se torna mulher seja necessariamente “fêmea”. Se, como afirma ela, “o corpo é uma situação”, não há como recorrer a um corpo que já não tenha sido sempre interpretado por meio de significados culturais; conseqüentemente, o sexo não poderia qualificar-se como uma facticidade anatômica pré-discursiva. Sem dúvida, será sempre apresentado, por definição, como tendo sido gênero desde o começo (BUTLER, 2003, p. 27).

Butler observa que há restrições linguísticas que limitam o debate sobre construção de identidade de gênero. Segundo a autora, “o corpo”, por exemplo, é representado como “um mero *instrumento* ou *meio* com o qual um conjunto de significados culturais é apenas externamente relacionado” (2003, p. 27). Contudo, o corpo é, por si só, uma construção. Butler ressalta que os corpos não teriam uma existência significável sem a marca do seu gênero.

A autora lembra que a distinção entre sexo e gênero foi originalmente concebida para questionar o fato de a resposta a todas as perguntas sobre o assunto rondarem em torno da biologia. De acordo com Butler, “por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos”, o “gênero não é o resultado causal do sexo, nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo” (2003, p. 24).

Sendo gênero um “sistema de crenças e práticas que se referem ou lidam com a criação de um senso de diferença entre mulheres e homens” (CONNEL, 1987; WEST; ZIMMERMAN, 1987 apud THOMPSON; ARMATO, 2012, p. 10), ele é criado, mantido e transformado através de um arranjo complexo de práticas e significados compartilhados dentro de uma determinada sociedade. Tendo essa ideia em mente, vale afirmar que gênero trata-se de um fenômeno social coletivo, que possui implicações poderosas na vida das pessoas, sendo um elemento central para as relações globais (THOMPSON; ARMATO, 2012, p. 11).

O sociólogo Pierre Bourdieu afirma que a “divisão do mundo” é feita com base em diferenças biológicas, mais especificamente de acordo com aquelas relacionadas à procriação e reprodução, que são consideradas por ele como “a mais fundada das ilusões coletivas” (BOURDIEU apud SCOTT, 1995, p. 88).

As diferenças criadas entre os gêneros organizam toda a nossa vida social de forma concreta e simbólica, estabelecendo distribuições de poder, controle e acesso a recursos materiais simbólicos. Desta forma, gênero torna-se implicado na concepção e na construção do próprio poder (SCOTT, 1995, p. 88).

Existem diversas expressões do senso comum cuja intenção é justificar supostas diferenças de gênero, tal qual: “os homens são de Marte e as mulheres são de Vênus”, que tendem a “reforçar a ordem social da cultura e as categorias que a cultura usa para dar sentido ao mundo” (GRAMSCI, 1971 apud THOMPSON; ARMATO, 2012, p. 9).

Thompson e Armato (2012) citam um pensamento coletivo existente na segunda metade do século XIX como exemplo do quanto o senso comum pode ser prejudicial. A crença afirmava que “os cérebros femininos eram relativamente subdesenvolvidos e

inadequados aos rigores da educação superior e, portanto, a leitura e o raciocínio poderiam extrair muita energia de seus órgãos reprodutivos”, tornando as mulheres inférteis (CLARKE, 1873 apud THOMPSON; ARMATO, 2012, p. 9). Além do senso comum, todos os tipos de fé moldam o que as pessoas veem, sendo capazes de reforçar ou estabelecer relações de poder, a exemplo da comparação da mulher com Eva e Maria.

Teóricas feministas alertam que a sociedade como um todo, incluindo, principalmente grupos ligados às elites simbólicas, que têm acesso aos discursos públicos, como cientistas, líderes religiosos e grandes empresas de comunicação, definem como “naturais” elementos construídos para a manutenção de seus privilégios. O controle de ações praticado pelas elites é abordado detalhadamente no tópico “3.5 Abuso de poder” da presente dissertação.

Um bom exemplo de como esse processo funciona pode ser visto em Charles Darwin, no seu livro ‘A Decência do Homem’ (1871, p. 326–327), sobre o que ele considerava serem diferenças biológicas naturais entre homens e mulheres: "mulher parece diferir de homem em disposição mental, principalmente em sua maior ternura e menos egoísmo. [...] Ele se deleita na competição, e isso leva à ambição. [...] Assim, o homem acabou se tornando superior à mulher"². Ideias como as citadas tornaram-se populares e algumas sobrevivem até a atualidade, impondo papéis de gênero e ordem social.

A estrutura social refere-se a padrões nas práticas sociais, especialmente nas instituições que criam e regulam o comportamento. Sendo cultura, resumidamente, o sistema de significados de uma sociedade que moldam o nosso pensamento e dão sentido às relações, o gênero é um elemento central para a interpretação das nossas experiências (THOMPSON; ARMATO, 2012, p. 10-11).

Segundo Swidler (1986 apud THOMPSON; ARMATO, 2012, p. 11), o entendimento cultural de gênero de grande parte das pessoas é parte de um conjunto de ferramentas “inquestionáveis e impenetráveis”, que moldam as nossas ações. Contudo, embora as possibilidades de práticas relacionadas ao gênero sejam limitadas pelas estruturas sociais, os indivíduos têm o poder de agir para “sustentar ou desafiar os

² Tradução do inglês: *Woman seems to differ from man in mental disposition, chiefly in her greater tenderness and less selfishness. [...] he delights in competition and his leads to ambition. [...] Thus man has ultimately become superior to woman.*

arranjos de gênero”. Assim, podemos afirmar que as pessoas participam tanto da manutenção das diferenças de gênero quanto de suas transformações.

Adicionalmente à ação individual, o gênero também é criado pela interação de pessoas no dia a dia. É nesta interação que “aprendemos o comportamento de gênero ‘apropriado’, um processo vitalício que os sociólogos chamam de socialização de gênero” (THOMPSON; ARMATO, 2012, p. 11).

1.3 Feminismo

“Mãe, o que é uma Feminista?
Uma Feminista, minha filha
É qualquer mulher que agora se importa
Pensa sobre os seus próprios assuntos
Como os homens não acham que ela deveria.”³
(MILLER, 1915)

O termo “feminismo” começou a ser empregado por volta de 1911, nos Estados Unidos, quando escritores substituíram expressões utilizadas no século XIX, como “movimento das mulheres”, por “feminismo”, na intenção de descrever a luta pelo direito das mulheres e igualdade dos gêneros (GARCIA, 2015). Já de acordo com o dicionário Michaelis (2018), feminismo é um:

movimento articulado na Europa, no século XIX, com o intuito de conquistar a equiparação dos direitos sociais e políticos de ambos os sexos, por considerar que as mulheres são intrinsecamente iguais aos homens e devem ter acesso irrestrito às mesmas oportunidades destes. (O movimento pressupunha, já de início, uma condição fundamental de desigualdade, tanto em termos de dominação masculina, ou patriarcado, quanto de desigualdade de gênero e dos efeitos sociais decorrentes da diferença sexual.).

Assim, o feminismo pode ser definido como a tomada de consciência das mulheres, enquanto coletivo humano, acerca da opressão, dominação e exploração por parte dos homens em sociedades patriarcais. Essa conscientização as move em busca da liberdade de gênero e das transformações necessárias na sociedade para alcançar a emancipação feminina. É, ao mesmo tempo, uma filosofia política e um movimento

³ Tradução livre do inglês: *Mother, what is a Feminist? / A Feminist, my daughter, / Is any woman now who cares / To think about her own affairs / As men don't think she ought.*

social, que, como uma consciência crítica, questiona discursos que colocam o masculino como o universal (GARCIA, 2015).

A filósofa feminista Judith Butler (2003, p. 18) tem uma visão mais complexa do tema. Se, por um lado, postula que o feminismo é a luta pelos direitos das mulheres, por outro, questiona a identidade feminina, pois pontua que “o próprio sujeito das mulheres não é mais compreendido em termos estáveis e permanentes”.

Segundo a autora, as estruturas contemporâneas limitam as identidades nos termos do que ela chama de matriz heterossexual, que é a forma como culturalmente entendemos os nossos corpos, gêneros e desejos de modo a nos enquadrarmos em conceitos previamente estabelecidos.

Nesse sentido, apontar a identidade da “mulher” como sujeito do feminismo contribui para a manutenção das relações hierárquicas entre masculino e feminino e leva a um engessamento identitário, que é exatamente aquilo ao que o feminismo se opõe, além de excluir sujeitos que não se enquadram nas exigências normativas da categoria “mulher”. Assim sendo, Butler defende que o feminismo, como ação política comprometida com o desmantelamento das relações de hierarquia, não se deveria focar nas identidades em si, mas sim nos processos de produção dessas identidades e nos mecanismos de poder relacionados a elas.

Butler baseia-se na obra de Foucault (1979) para explicar o funcionamento dos mecanismos de poder. Para o filósofo francês, o poder não deve ser entendido como uma “entidade”, mas sim como uma prática efetuada em diversos níveis e direções no cotidiano, a partir de instituições como a escola, igreja, polícia, meios de comunicação, ciências etc.

Sendo o poder intimamente relacionado ao saber, a identidade do sujeito feminista não deve ser o fundamento da política feminista, pois a formação do sujeito ocorre em um âmbito de poder encoberto por esse fundamento. Butler, então, pondera se:

talvez um novo tipo de política feminista seja agora desejável para contestar as próprias reificações do gênero e a identidade – isto é, uma política feminista que tome a construção variável da identidade como um pré-requisito metodológico e normativo, senão como um objetivo político. (2003, p. 23).

Dessa forma, a autora salienta a necessidade de haver uma nova política feminista partindo da concepção da identidade de gênero, nos levando de volta à

afirmação de Beauvoir (1970) – “não se nasce mulher, torna-se”. A partir dessas novas concepções de identidade e sujeito, o sujeito do feminismo é deslocado da identidade “mulher” para um sujeito sem uma definição precisa, no sentido de que é constituído à medida que atua e luta contra imposições sociais, permitindo maior liberdade de movimentos e potencial de resistência, contra uma definição que imobiliza. Como conclui Butler, dissociar o feminismo do sujeito “mulher” abre a possibilidade de combater uma matriz que se torna mais consistente com a imobilidade das identidades.

Ao longo dos anos, os Estudos Culturais se depararam com uma série de rupturas e forças exteriores que os transformaram. Stuart Hall (2003) pontua que o feminismo foi uma dessas “intervenções” decisivas para a constituição dos Estudos Culturais, apesar de não possuir data ou local específicos de início, pois as mulheres lutam pelos seus direitos e pela igualdade de gênero há centenas de anos.

O feminismo passou a figurar nos Estudos Culturais após a publicação da obra *‘Images of Women’* (1974), que reuniu textos das teóricas feministas: Helen Butcher, Rosalind Coward, Marcella Evaristi, Jenny Garber, Rachel Harrison e Janice Winship. No entanto, foi em 1978 que o movimento alcançou maior visibilidade, com a publicação da coletânea da primeira coleção *‘Women Take Issue’*, do Centro de Estudos Culturais Contemporâneos (ESCOSTEGUY, 2008, p. 43).

Contudo, como dito anteriormente, as lutas pela igualdade de gênero começaram mais cedo. Sempre houve, ao longo da história ocidental, mulheres que se rebelaram contra sua condição e lutaram por igualdade. A chamada primeira onda do feminismo aconteceu a partir das últimas décadas do século XIX, quando mulheres se organizaram para lutar pelo direito ao voto na Inglaterra (ESCOSTEGUY, 2008). As sufragetes, como ficaram conhecidas, promoveram grandes manifestações em Londres e praticaram uma série de atos de resistência, como greve de fome; algumas foram detidas. No Reino Unido, o direito ao voto foi conquistado em 1918.

1.4 Masculino como padrão

Muito se fala acerca da construção da sociedade em que vivemos, caracterizada como patriarcal. Mas, afinal, o que isso significa? “O significado literal da palavra

patriarcado é a regra do pai”⁴ (WADE; FERREE, 2015, p. 116). Refere-se ao controle imposto por homens adultos selecionados, o patriarca, sobre membros da família do sexo feminino e sobre homens mais jovens.

Em sociedades antigas, as mulheres não tinham a guarda dos seus filhos, nem direito ao divórcio. Os homens eram os responsáveis por todas as decisões envolvendo a instituição familiar: onde morar; com quem os filhos deveriam se casar; se a mulher podia ou não trabalhar fora; o destino do dinheiro ganho por todos os membros da família etc. O patriarca tinha “permissão social e legal para punir fisicamente sua esposa ou esposas e filhos, brutalmente, se assim decidir” (WADE; FERREE, 2015, p. 116). A palavra dele era a lei da casa.

Com o passar dos anos, no entanto, a evolução das sociedades trouxe consigo modificações nas relações de poder. Lentamente, as mulheres foram conquistando direitos, como o de votar, mencionado anteriormente, escolher uma profissão, ocupar cargos públicos, decidir o destino de seus salários, divorciar-se, ter a guarda dos filhos e manter a sua própria casa. “Essas lutas mudaram tanto a lei quanto os costumes, de modo que a igualdade formal de gênero – a exigência legal de que homens e mulheres sejam tratados mais ou menos da mesma forma – passou a ser vista como senso comum”⁵ (WADE; FERREE, 2015, p. 117).

No entanto, nas sociedades contemporâneas, o masculino continua sendo concebido como o padrão ou neutro, enquanto o feminino é desviante da norma. Em muitos idiomas, como é o caso da língua portuguesa, quando o gênero é misto ou não especificado, utiliza-se a variação masculina “ele”. O mesmo ocorre quando optamos pela palavra “homem” para referir-se aos seres humanos em geral.

Wade e Ferree (2015) citam como exemplo do padrão masculino o símbolo que diferencia o banheiro dos homens do das mulheres. O banheiro masculino é identificado com um símbolo que representa simplesmente pessoas, enquanto para o feminino foi criada uma diferenciação:

⁴ Tradução do inglês: *The literal meaning of the word patriarchy is the rule of the father.*

⁵ Tradução do inglês: *These struggles have changed both law and customs so that formal gender equality – the legal requirement that men and women be treated more or less the same – has come to be seen as common sense.*



Figura 1 - Representação de gênero em portas de banheiro. Fonte: reprodução de Internet

Isso ocorre porque os homens são vistos em primeiro lugar como pessoas, e em segundo lugar como homens. Com as mulheres ocorre o contrário, sendo vistas primeiramente como mulheres e depois pessoas (WADE; FERREE, 2015, p. 117). No tópico “3.2 Mulheres na mídia” será abordada a forma como os homens são considerados como padrão também pela imprensa.

Um outro exemplo são os sinônimos e termos associados às palavras “feminino” e “masculino”. Enquanto feminino é tido como dócil, delicado e suave, masculino refere-se a corajoso, poderoso e forte. “Os sinônimos revelam que o gênero é um modo primário de significar relações de poder”⁶ (WADE; FERREE, 2015, p. 118). Apesar das sociedades terem evoluído notadamente no sentido da igualdade de gênero, vivemos no que as autoras chamam de “patriarcado modificado” (p. 117), pois a fusão entre poder e masculinidade continua sendo central na contemporaneidade e segue gerando uma série de impactos.

O preconceito baseado no sexo biológico, que tende a estar presente tanto em homens quanto em mulheres, é chamado de sexismo. Já o preconceito baseado no gênero é o androcentrismo. Este último normalmente se demonstra com a concessão de *status*, valor e poder ao masculino ante o feminino (WADE; FERREE, 2015, p. 118).

O androcentrismo significa que o que é bom para os homens (masculinidade) é considerado bom para todos, mas o que é bom para as mulheres (feminilidade) é considerado bom para as mulheres. É por isso que as mulheres usam calças e os homens não usam saias, porque as mulheres se tornam médicas, mas os homens resistiram a se tornarem enfermeiras, e porque as mulheres entraram no futebol e prática de esqui, mas os homens deixam nado sincronizado e *softball* para as mulheres (WADE; FERREE, 2015:119)⁷.

⁶ Tradução do inglês: *The synonyms reveal that gender is a primary way of signifying relationships of power.*

⁷ Tradução livre do inglês: *Androcentrism means what is good for men (masculinity) is believed to be good to everyone, but what is good for women (femininity) is considered of good for women. This is why women wear pants and men don't wear skirts, why women become doctor, but men have resisted*

Em uma terceira relação de poder, as especialistas citam a posição em que homens e mulheres são comumente colocados em relacionamentos hierárquicos, chamada de “subordinação” (WADE; FERREE, 2015, p. 119). Como exemplo, temos os enfermeiros, que são, na sua maioria, mulheres. Os enfermeiros trabalham subordinados a médicos, que, por sua vez, são majoritariamente homens. O mesmo ocorre com gerentes e secretárias, advogados e paralegais etc. Claro que há homens trabalhando como enfermeiros, secretários e paralegais – da mesma forma que há mulheres exercendo as profissões de médicas, gerentes e advogadas –, mas isto não muda o entendimento de que é “trabalho de mulher”.

1.5 Identidade de gênero na mídia

Conteúdos de mídia como telenovelas, publicidades, revistas, internet, cinema, televisão e rádio, entre vários outros exemplos, nos induzem a viver o gênero e a sexualidade através dos seus discursos. Considerando que atualmente estamos expostos a alguma forma de mídia na maior parte do tempo, a reprodução de uma imagem limitada e altamente sexualizada das mulheres acaba por influenciar diversos aspectos da nossa cultura.

Imagens de mídia limitadas do corpo das mulheres estão relacionadas a um aumento nos transtornos alimentares (REYNOLDS, 1999); imagem de mídia de hipermasculinidade encoraja os homens a se envolverem em violência e comportamento de risco (VILLANI, 2001); e as narrativas que ligam transexuais a violência extrema reforçam a "normalidade" das pessoas não trans (SCHILT; WESTBOOK, 2009)⁸ (THOMPSON; ARMATO, 2012, p. 225).

O documentário ‘*Miss Representation*’ (2011), de Jennifer Siebel Newsom, analisa como a mídia reduz a mulher ao seu corpo e expõe os impactos que este tipo de representação irreal provoca. Segundo a produção, 53% das adolescentes de treze anos

becoming nurses, and why women have pushed their way into soccer and ski jumping, but men are leaving synchronized swimming and softball to the ladies.

⁸ Tradução do inglês: *Limited media images of women’s bodies is related to an increase in eating disorders* (REYNOLDS, 1999); *media images of hypermasculinity encourage males to engage in violence and risky behavior* (VILLANI, 2001); *and narratives linking transsexuals with extreme violence reinforce the “normality” of non-trans people* (SCHILT; WESTBROOK, 2009).

são infelizes com os seus corpos. Este número salta para 78% aos dezessete anos. Insatisfeitas com sua imagem, 65% das mulheres possuem algum tipo de distúrbio alimentar e 17% das adolescentes desenvolvem comportamento de autoflagelação.

Mas, afinal, como especificamente a mídia contribui com esses distúrbios de imagem? De acordo com Thompson e Armato (2012, p. 205-206), a mídia tem sido frequentemente responsabilizada por uma série de males sociais relacionados ao gênero, como divórcio, obesidade, distúrbios na atividade sexual e violência. Os especialistas afirmam que quanto maior a exposição que as pessoas têm às mensagens da mídia, mais influência essas mensagens têm ao moldar o que as pessoas pensam e como elas se comportam.

Sabendo que os meios de comunicação em geral subordinam as mulheres aos homens e que as pessoas aprendem sobre a vida dos outros e, muitas vezes, sobre o significado social de suas próprias vidas através da mídia, fica claro o poder que os meios de comunicação têm de afetar as nossas expectativas, oportunidades e relacionamentos de acordo com gênero, raça e classe social (THOMPSON; ARMATO, 2012, p. 206).

Segundo *'Miss Representation'* (2011), a beleza tida como ideal está cada vez mais inatingível. Num passado recente, o uso de maquiagem e secador de cabelo, por exemplo, era capaz de encaixar as mulheres nos padrões de beleza impostos pelos meios de comunicação. Agora, a imagem da mulher aproxima-se da perfeição após a edição de fotos em computadores. Mesmo as mulheres consideradas bonitas e que se encaixam em um possível padrão de beleza têm suas fotos editadas no computador para se tornarem absolutamente perfeitas. Esse fato tem encorajado mulheres, especialmente adolescentes, a buscar esse ideal de beleza inatingível em idades cada vez menores. Os homens, por sua vez, acostumados a ver fotos de supermodelos retocadas em computador, passam a julgar as mulheres mais severamente.

Na coletânea *'Women Take Issue'* (1978), o texto de Janice Winship aponta que mesmo revistas consideradas femininas são construídas conforme os desejos masculinos. As mulheres magras e de beleza incontestável que ilustram as páginas das revistas são, na verdade, o ideal masculino de beleza.

'Miss Representation' justifica a ascensão desse padrão estético pelo fato de os veículos de mídia dependerem de anunciantes, sendo que os conteúdos que não são propaganda também devem apoiar a propaganda. O documentário explica que este ciclo é chamado de “economia política da mídia”.

Estudos apontam um aumento constante de imagens sexualizadas da mulher na publicidade, pois a exploração do corpo feminino vende todo tipo de produto e publicação periódica. Os anunciantes também são homens, na maioria entre 18 e 34 anos, sendo os responsáveis por estipular que tipo de programação estará disponível, já que, conforme mencionado, o conteúdo divulgado deve estar alinhado às propagandas. Além disso, como pontua Winship (1978), além do produto que está à venda, os anúncios vendem comportamentos esperados de uma mãe exemplar, dona de casa dedicada, mulher atraente etc., evidenciando, mais uma vez, a dominação masculina.

A auto objetivação leva à depressão, causa distúrbios alimentares, reduz a autoestima, a ambição e a capacidade cognitiva. Enquanto as mulheres absorvem a ideia de que nunca são suficientemente bonitas, os homens são estimulados a buscar *status* e poder. Torna-se extremamente importante dirigir um carro potente e alcançar posições de liderança.

Em contraste, a mídia diminui as mulheres em seu poder, afastando-as de cargos de liderança. Uma consequência disso pode ser vista no fato de as mulheres serem 51% da população americana, mas apenas 17% do Congresso Nacional, como mostra o documentário. Já Portugal apresenta uma participação feminina mais expressiva: são 35,2% de mulheres no parlamento, segundo dados da Comissão Europeia, divulgados em oito de março de 2018.

‘*Miss Representation*’ aponta que, nos Estados Unidos, um número igual de meninos e meninas com sete anos quer ser presidente quando crescer – aproximadamente 30%. No entanto, o interesse das meninas cai consideravelmente por volta dos quinze anos. A liderança é vista como anseio masculino e as mulheres são desencorajadas a buscar posições ambiciosas. A ativista norte-americana pelos direitos das crianças Marian Wright Edelman explica esse declínio com a afirmação: “Você não pode ser o que não pode ver”⁹.

Nos filmes de Hollywood, a mais rentável indústria cinematográfica do mundo, protagonistas do sexo feminino correspondem a 16% do total, sendo que os seus personagens geralmente estão à procura de um parceiro ou incluídos em ambiente familiar. Ainda de acordo com o documentário, entre 1937 e 2005, houve apenas treze protagonistas mulheres em desenhos animados, sendo que só uma delas não buscava

⁹ Tradução livre do inglês: *You can't be what you can't see.*

uma relação romântica. Dessa forma, tanto meninas quanto meninos aprendem desde pequenos que ser homem significa ser poderoso e estar no controle.

A jornalista e escritora norte-americana Gloria Steinem, conhecida pelo seu engajamento feminista, afirma que “uma sociedade patriarcal valoriza as mulheres por gerarem bebês”, limitando o seu valor ao período de suas vidas em que elas são sexual e reprodutivamente ativas. Na televisão, vemos que a maioria das personagens femininas (71%) tem entre 20 e 30 anos, sendo que mulheres nesta faixa etária representam apenas 39% da população dos Estados Unidos. Já a maior parte dos homens que aparecem nos filmes tem entre 30 e 40 anos (LAUZEN, 2003 apud THOMPSON; ARMATO, 2012, p. 215). Os papéis para atrizes com mais de 40 anos aumentaram nos últimos tempos, representando agora cerca de um quarto dos personagens, embora os idosos permaneçam sub-representados (MCNARY, 2009 apud THOMPSON; ARMATO, 2012, p. 215).

A diretora do Centro para o Estudo das Mulheres na Televisão e no Cinema¹⁰, Martha Lauzen, alerta no documentário para o número elevado de mulheres jovens na mídia. Segundo a especialista, em sociedades que estão ficando cada vez mais envelhecidas, “é uma enorme falsa representação da realidade e isso realmente destrói as nossas percepções”.

O “domínio masculino da indústria cinematográfica continua fora das câmeras”¹¹, pois são “os homens que decidem quais filmes serão desenvolvidos e promovidos, e eles ficam com a maior parte dos lucros”¹² (SMITH, 2010; WATKINS; EMERSON, 2000 apud THOMPSON; ARMATO, 2012, p. 214). Cerca de 70% dos revisores de filmes são homens (LAUZEN, 2007 apud THOMPSON; ARMATO, 2012, p. 214) e os filmes de maior bilheteria têm maior probabilidade de empregar homens (85%) em todas as posições fora da tela, incluindo as funções de produtor, diretor, redator e editor.

Para compreender quem são as pessoas que escolhem o que é consumido, Newsom (2011) fez um levantamento da quantidade de mulheres no Conselho de grandes companhias de mídia dos Estados Unidos:

¹⁰ Tradução livre do inglês: *Center for the Study of Women in Television and Film.*

¹¹ Tradução livre do inglês: *Men's dominance of the film industry continues off camera as well.*

¹² Tradução livre do inglês: *Men make the decisions about which films will be developed and promoted, and they reap the majority of the profits.*

Empresa	Pessoas no Conselho	Mulheres no Conselho
The Walt Disney Company	13	4 – 31%
Viacom	11	2 – 18%
Time Warner	13	2 – 15%
CBS	14	2 – 14%
Fox	16	1 – 6%

TABELA 1 – Quantidade de mulheres no Conselho de grandes empresas de mídia dos Estados Unidos

Conforme Carol Jenkins, Presidente Fundadora do *Women's Media Center*, em *'Miss Representation'* (2011), 97% de tudo o que sabemos sobre nós e sobre o mundo em que vivemos é construído por uma perspectiva masculina.

Ao selecionar o conteúdo que será produzido, onde e como ele será exibido, os diretores e produtores de Hollywood também partem do princípio de que “as mulheres vão assistir a histórias sobre homens, mas que os homens não assistem a histórias sobre mulheres”. A afirmação é da atriz e feminista Geena Davis no documentário *'Miss Representation'* (2011), que conclui que todas as decisões neste âmbito são baseadas no fato que “metade da população não está interessada na outra metade”.

A representação da mulher atleta pela imprensa esportiva será detalhada abordada posteriormente, no tópico “3.2 Mulheres na mídia” desta dissertação.

Capítulo 2: Metáfora conceitual

2.1 Literal *versus* metafórico

Por milhares de anos, os estudos das línguas reduziram as expressões metafóricas a simples figuras de estilo ou ornamentos, pertencentes exclusivamente à linguagem estética. Enquanto isso, o sentido literal era tido como o único capaz de expressar verdades e refletir a essência das coisas.

Segundo a perspectiva objetivista, o mundo é formado por objetos e eventos que possuem características específicas e estão relacionados entre si. Para descrever estes elementos, os idiomas possuem um conjunto de vocábulos literais básicos. Sendo assim, é possível dizer que “os sentidos dos termos literais especificam as condições da verdade dos objetos e eventos (bem como as suas propriedades e relações) verificáveis objetivamente no mundo” (ALMEIDA et. al., 2013, p. 15).

O subjetivismo de cariz experiencialista surgiu em oposição ao mito objetivista, abordando projeções metafóricas ou subjetivistas. Estas, por sua vez, são mutáveis e individuais, diretamente relacionadas à experiência humana e independem de realidades externas. “Nesse sentido, os significados não têm uma estrutura fixa e rígida, nem poderão ser adequadamente explicados de forma precisa” (ALMEIDA et. al., 2013, p. 15-16).

Em suma, enquanto no mito objetivista se salienta o primado do mundo exterior ao indivíduo como determinante para o conhecimento e estruturação das línguas, no subjetivista sobreleva-se antes o significado individual, independente da realidade externa. Contudo, ambos partilham a noção segundo a qual o homem e o seu meio se encontram separados (ALMEIDA et. al., 2013, p. 16).

Esta perspectiva designada por Lakoff (1987) de Realismo Experiencialista reúne alguns aspectos das anteriores, considerando que o ser humano se integra e interage com o meio em que está inserido e que os pensamentos têm a sua origem, fundamentalmente, no corpo. Da interação surgem os processos cognitivos corporizados.

O Realismo Experiencialista recusa a ideia de verdade absoluta. Nesta perspectiva, a verdade é relativizada diante da cognição e varia de acordo com os

valores de cada cultura. Esta teoria de Lakoff e Johnson (1980) afirma que o pensamento tem a sua origem fundamentalmente no corpo e considera o ser humano parte do meio onde vive. “É dessa relação interativa entre o mundo e o homem que emergem os processos cognitivos, de base necessariamente corporizada” (ALMEIDA et. al., 2013, p. 16).

Nesta linha, a metáfora conceitual é definida por Lakoff e Johnson (1980) como um mecanismo de produção de sentido a partir da nossa experiência corporal, sendo um elemento crucial na organização dos nossos pensamentos. Para os especialistas, “a forma como pensamos, o que experimentamos e o que fazemos a cada dia é uma questão de metáfora¹³” (1980, p. 9).

Os conceitos que governam o nosso pensamento não são apenas questões do intelecto. Eles também governam o nosso funcionamento cotidiano, até os detalhes mais mundanos. Nossos conceitos estruturam o que percebemos, como nos deslocamos no mundo e como nos relacionamos com outras pessoas. Nosso sistema conceitual tem um papel central na definição de nossas realidades cotidianas¹⁴ (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 9).

No entanto, do ponto de vista experiencialista, “a metáfora [é] um princípio disseminado na compreensão humana que está subjacente à nossa vasta rede de significados literais interrelacionados” (JOHNSON, 1987, p. 65).

Sabe-se hoje que a metáfora não é somente um fenômeno linguístico, mas sobretudo uma questão de pensamento e ação. Contudo, esse recurso está na base de toda a atividade linguística, incluindo formulações técnicas e científicas, sendo reconhecido como um meio primário para a compreensão. Há, inclusive, termos como o amor, que são estruturados quase na íntegra metaforicamente. Em alguns casos, a ausência de metáforas dificulta ou impossibilita a cognição (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 85). Sendo assim, podemos considerá-la como uma necessidade cognitiva.

A teoria de Lakoff e Johnson (1980) não considera a existência de uma linguagem literal e outra metafórica, visto que grande parte da nossa linguagem é metafórica e baseada em conceitos abstratos.

¹³ Tradução livre do inglês: *The way we think, what we experience, and what we do every day is very much a matter of metaphor.*

¹⁴ Tradução livre do inglês: *The concepts that govern our thought are not just matters of the intellect. They also govern our everyday functioning, down to the most mundane details. Our concepts structure what we perceive, how we get around in the world, and how we relate to other people. Our conceptual system thus plays a central role in defining our everyday realities.*

2.2 Breve histórico sobre os estudos da metáfora

Lakoff e Johnson (1980) desenvolveram teorias no estudo da metáfora conceitual partindo de duas correntes formuladas anteriormente: o Referencialismo e o Descritivismo.

2.2.1 Referencialismo

A primeira delas, o Referencialismo, é defendida por filósofos e retóricos do Mundo Antigo, como Cícero e Quintiliano. Segundo Leezenberg (2001, p. 69), ambos viam a metáfora como uma questão de semelhança entre os referentes. Para eles, era a semelhança entre entidades que dava sentido à metáfora.

Cícero afirma que metáforas nascem da pobreza da linguagem, por uma questão de prazer e elegância. Contudo, o retórico defende o seu uso, mesmo considerando-a um desvio linguístico. De forma diferente, a abordagem de Cícero já remete ao conceito da linguagem como uma roupagem para o pensamento.

Quintiliano construiu uma teoria bastante similar à de Cícero, afirmando que a metáfora é a substituição de um objeto por outro. Ele também pontua o fato do uso da figura de linguagem ser inconsciente, inclusive a sua ressignificação, para que o discurso se torne mais claro ou esteticamente melhor.

A diferença mais considerável entre as duas abordagens está no fato de Quintiliano, ao contrário de Cícero, não afirmar que a metáfora seja um desvio linguístico. Ambos os autores referencialistas definem a metáfora como um símile elíptico, sugerindo que o significado literal de uma metáfora é equivalente ao de uma comparação. Sendo assim, consideram que “A é B” pode ser transformado em “A é como B”, mantendo o mesmo sentido.

Outro ponto relevante para os referencialistas é que A e B compartilham uma ou mais propriedades, o que estudiosos contemporâneos consideram o aspecto mais importante de uma metáfora. Contudo, os referencialistas não pontuam a possibilidade de essas propriedades poderem ser construídas (PUTNAM, 1975, p. 216), como é o caso de grande parte dos exemplos selecionados aqui neste trabalho.

Para os referencialistas, a metáfora deriva do seu significado literal, tendo um sentido literal e um figurativo. Eles afirmam que, de alguma forma, ambos são ativos.

2.2.2 Descritivismo

Posteriormente ao Referencialismo surgiu o Descritivismo. Os estudiosos que defendem esta teoria afirmam que a interpretação metafórica não envolve as propriedades dos objetos em si, mas sim uma mudança no significado ou no sentido, que pode ser baseada na intenção do interlocutor. Para os descritivistas, o que dá sentido à metáfora é a diferença entre as palavras, chamada de “oposição lógica” ou “conflito semântico”.

Os estudiosos que defendem essa abordagem afirmam que a metáfora pode ou não ser associada ao seu significado. Se assim for, ela tende a constituir conotações ao invés de denotações, os chamados estereótipos (PUTNAM, 1975, p. 251). O dicionário Michaelis (2018) define estereótipo como um “padrão formado de ideias preconcebidas, resultado da falta de conhecimento geral sobre determinado assunto [...]. Imagem, ideia que categoriza alguém ou algo com base apenas em falsas generalizações, expectativas e hábitos de julgamento”.

A comunidade de fala é responsável pela escolha dos termos que usa, mesmo desconhecendo qualquer descrição real da extensão do termo (PUTNAM, 1975, p. 250). Essa comunidade também estabelece critérios de identificação para aproximar uma palavra do seu referente e construir os significados necessários. Estas construções são baseadas em ideias convencionadas, que podem ser imprecisas (PUTNAM, 1975, p. 249).

Na obra *‘More About Metaphor’* (1993), Black apresenta a Teoria da Interação, que analisa a metáfora considerando majoritariamente o seu significado, ao invés do referente. Essa abordagem defende a existência de um “sistema de relacionamentos” ou de um “complexo implicativo”.

Do ponto de vista de Black, na constituição da metáfora existe um *frame* (sujeito), responsável pelo contexto verbal literal, e um foco (sujeito secundário), que adquire um significado metafórico. No exemplo: “A atleta nada como um homem”, o *frame* é “a atleta” e o foco é “um homem”.

Black afirma que esses sujeitos interagem (1993, p. 25-26) da seguinte forma: partindo da presença do sujeito primário, o receptor seleciona algumas das propriedades do sujeito secundário e constrói um “complexo implicativo”, que possa caracterizar o sujeito primário e, também, modificar o secundário.

O autor considera que os sujeitos são um “sistema de coisas” definido a partir de um pensamento coletivo. No exemplo, “a atleta” (*frame*) impõe uma extensão de significados ao foco, “homem”, e faz com que o receptor construa um complexo implicativo para o sujeito principal. No caso, homem=veloz.

A Teoria da Interação defende que o reconhecimento e a interpretação da metáfora também dependem do contexto e da intenção do interlocutor. Portanto, os critérios para reconhecimento e interpretação das metáforas não precisam ser estritamente semânticos ou linguísticos (BLACK, 1993, p. 27).

2.2.3 Realismo Experiencialista

Nos anos 80 surgiu a abordagem do Realismo Experiencialista, advogada por Lakoff e Johnson (1980). A partir dos estudos realizados por estes autores, a metáfora passou a ser vista não somente como uma figura de linguagem, mas sim como uma figura de pensamento, que depende das nossas ações.

A metáfora não é apenas uma questão de linguagem, de meras palavras. Devemos argumentar que, pelo contrário, os “processos de pensamentos” humanos são em grande parte metafóricos. [...] As metáforas como expressões linguísticas são possíveis precisamente porque existem metáforas no sistema conceitual de uma pessoa¹⁵. (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 10).

Esta teoria pretende elucidar o modo como as nossas capacidades imaginativas são usadas na compreensão das coisas, ou seja, “significar, aquilo que experienciamos através de projeções metafóricas e metonímicas, essencialmente corporizadas” (ALMEIDA et. al., 2013, p. 18).

Lakoff e Johnson constataram que a metáfora é muito mais do que uma mera figura de estilo da linguagem poética, mas sim “estrutura ela própria grande parte do

¹⁵ Tradução livre do inglês: *Metaphor is not just a matter of language, that is, of mere words. We shall argue that, on the contrary, human thought processes are largely metaphorical. [...] Metaphors as linguistic expressions are possible precisely because there are metaphors in a person's conceptual system.*

nosso sistema conceitual, envolvendo simultaneamente processos de categorização, implicatura e inferência” (apud ALMEIDA et. al., 2013, p. 18). Por estar presente de forma difusa na linguagem cotidiana, a metáfora reúne imaginação e razão, sendo uma “racionalidade imaginativa”¹⁶ (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 193), em que “não se prevê uma objetividade absoluta, mas uma intersubjetividade ancorada no sistema conceitual de uma cultura” (ALMEIDA et. al., 2013, p. 18).

O sistema conceitual humano é oriundo da experiência corporal e cultural no ambiente em que vivemos. “As metáforas existentes e o que elas significam dependem da natureza dos nossos corpos, nossas interações físicas em ambientes físicos e nossas práticas sociais e culturais”¹⁷ (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 146).

Esse sistema contém metáforas conceituais geralmente inconscientes, convencionadas entre os membros de uma comunidade linguística. Muitas palavras e expressões dependem dessas metáforas para serem compreendidas (LAKOFF; TURNER, 1989, p. 51).

Em conformidade com esta teoria, o linguista Andrew Goatly comprova na obra ‘*Washing the Brain – Metaphor and Hidden Ideology*’ (2007, p. 35), por meio da análise de termos em inglês, que o léxico deste idioma é permeado por metáforas convencionais usadas, na maior parte do tempo, inconscientemente pela comunidade falante, pois, mesmo sem serem notadas, estruturam a maneira como pensamos e agimos.

Apesar de o autor basear-se em termos da língua inglesa, o estudo pode ser amplamente aplicado para as demais línguas ocidentais, como português e espanhol, também presentes nesta dissertação. Com a análise de expressões utilizadas comumente pelos falantes, Goatly elucidada como a linguagem está relacionada com o nosso comportamento social nas sociedades capitalistas modernas, bem como com as relações de poder que nelas vigoram.

Os estudiosos identificaram dois tipos de metáforas: a conceitual, que organiza o nosso modo de representação e categorização do mundo, além de ser a base do mapeamento conceitual; e a linguística, que materializa a estrutura conceitual implícita. Para Lakoff e Johnson, a metáfora conceitual é uma parte natural do pensamento

¹⁶ Tradução do inglês: *metaphor is thus imaginative rationality.*

¹⁷ Tradução livre do inglês: *which metaphors we have and what they mean depend on the nature of our bodies, our interactions in the physical environment, and our social and cultural practices.*

humano, enquanto a metáfora linguística é uma parte natural da linguagem humana (1980, p. 146).

Em um estudo posteriormente publicado, Lakoff (1993, p. 206-207) explica metáfora conceitual como um mapeamento sistemático entre um domínio-fonte (*source domain*) e um domínio-alvo (*target domain*), além de um mapeamento fonte-para-alvo, que seguem um padrão. A estrutura conceitual e a linguagem do domínio-fonte são usadas para retratar uma situação no domínio-alvo. A correspondência entre esses domínios é entendida como uma estrutura de conhecimento.

Este processo é representado pela fórmula sintética “A É B”¹⁸, que nada mais é do que a transferência da estrutura e de relações internas do domínio-fonte (A) para o domínio-alvo (B) (ALMEIDA et. al., 2013, p. 22). Ou seja, são extraídas expressões metafóricas de um domínio conceitual (fonte) para o entendimento de um outro domínio conceitual (alvo).

Contudo, o uso da palavra “entender” na caracterização da metáfora conceitual não é aceito por todos os estudiosos da metáfora. Alguns defendem ser mais seguro “entendemos a palavra ‘entender’ como um sinônimo na definição de metáfora das palavras ‘construir’ ou ‘conceber’”¹⁹ (KÖVECSES, 2007, p. 27). Assim sendo, temos uma metáfora conceitual quando construímos um domínio mais abstrato por meio de um domínio mais concreto oriundo da nossa interação com o mundo. “As metáforas surgem das nossas experiências, que são claramente delineadas e concretas, e permitem-nos construir conceitos altamente abstratos e elaborados²⁰” (LAKOFF, 1993, p. 105).

Kövecses (2006, p. 228) chama de “construto²¹” a construção mental feita a partir da combinação de elementos variados, como uma maneira de entender objetos, eventos etc., no sentido de interpretá-los ou conceitualizá-los. Segundo o especialista, pode haver diferentes maneiras de conceituar a mesma “coisa”, o que ele denomina de “construção alternativa”. Ao potenciar várias realizações metafóricas, uma mesma metáfora conceitual pode dar origem a um conjunto de representações metafóricas em dois planos: do pensamento (representações mentais) e das representações discursivas.

¹⁸ O uso de letras maiúsculas pequenas para indicar conceitualizações metafóricas indica que a formulação destacada não ocorre na linguagem como tal, mas está conceitualmente implícita em todas as expressões metafóricas derivadas dela (KÖVECSES, 2007, p. 22).

¹⁹ Tradução livre do inglês: *to understand the word “understand” as being synonymous in the definition of metaphor to the words construe or conceive*

²⁰ Tradução livre do inglês: *The metaphors come out of our clearly delineated and concrete experiences and allow us to construct highly abstract and elaborate concepts [...]*.

²¹ Tradução livre do inglês: *construal*.

Estas diferentes interpretações podem ser alcançadas por meio de variadas operações cognitivas, como a metáfora e a categorização (que veremos a seguir).

A própria fórmula paradigmática “A É B”, ou seja, “SUBSTANTIVO A É SUBSTANTIVO B”, é questionada por estudiosos de linguística cognitiva. Para Forceville e Urios-Aparisi (2009), essa fórmula sintética disfarça a natureza dinâmica da metáfora. “Os seres humanos se movem literalmente através do espaço e figurativamente através do tempo, e é dentro desses parâmetros que eles precisam compreender suas vidas” (FORCEVILLE; URIOS-APARISI, 2009, p. 11). Assim sendo, ainda segundo os especialistas, seria melhor conceber a metáfora como “A-ING É B-ING”, uma vez que ela está sempre em ação.

Em suma, a abordagem conceitualista afirma essencialmente que experienciamos uma coisa em termos de outra. Dessa forma, considera-se que metáfora conceitual transcende a linguagem e torna-se um fenômeno de cognição, que envolve o mapeamento entre dois domínios cognitivos, o que pode levar à variação do significado ou até mesmo à perda de sentido em diferentes contextos e culturas.

2.3 Metáfora e cultura

Defensores da perspectiva conceitual afirmam que os valores enraizados em cada cultura são compatíveis com o sistema metafórico da língua em questão. E, da mesma forma que existem conflitos culturais, metáforas associadas a culturas locais perdem o sentido quando utilizadas em outros contextos (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 19).

Discursos são produzidos de acordo com modelos mentais, que, por sua vez, são compostos por opiniões pessoais desenvolvidas a partir de vivências e repertórios e, principalmente, por valores que integram a sociedade na qual estamos inseridos. A criação e compreensão da mensagem dependem, portanto, do meio em que vivemos.

Nesta dissertação, nota-se a presença massiva de estereótipos culturais, que geralmente resultam em preconceitos ao selecionarmos membros específicos de um grupo e usá-los para representar o grupo inteiro. Estes mapeamentos, portanto, refletem como as mulheres são perspectivadas pela sociedade e como a mídia, enquanto uma

estrutura de poder localizada, colabora na construção de determinadas conceitualizações metafóricas de gênero.

No exemplo “A musa da esgrima”, ao selecionar o domínio-fonte “Musa” para caracterizar a esgrimista brasileira Amanda Simeão, aclamada por sua beleza, o interlocutor utiliza-se de um ser mitológico ao qual é atribuído a qualidade de inspirador e, assim, enfatiza o fascínio que a atleta impõe aos seus espectadores por conta, neste contexto, da sua aparência física. Nota-se que a atividade que a atleta exerce é secundária, pois a beleza se sobrepõe. Sendo assim, concluímos que, para a mulher, ser bela é mais importante do que ser atleta, resultando na conceitualização metafórica: MULHER É BELEZA.

Como exemplifica Hall (2016, p. 190), “decodificamos” um objeto plano com pernas sobre o qual colocamos coisas em cima como uma “mesa”. Mesmo que nunca tenhamos visto determinado tipo de mesa, temos um conceito geral ou categoria de mesa pré-definida, em que fazemos “caber” alguns objetos. Alfred Schutz explica que entendemos o objeto em termos do seu “tipo”, o que ele chama de “tipificação”, que, neste caso, é essencial para a produção de sentido. Da mesma forma que entendemos o objeto como uma mesa, “sabemos” algo sobre uma pessoa ou atribuímos-lhe papéis ao associá-la a diferentes grupos, de acordo com a classe, sexo, grupo etário, nacionalidade, raça, grupo linguístico, preferência sexual etc.

O mapeamento metafórico TEMPO É DINHEIRO, por exemplo, desenvolveu-se na cultura ocidental moderna, em que o tempo de trabalho interfere nos rendimentos obtidos, além de outras atividades que relacionam os dois elementos, como estacionar o carro em locais pagos e publicar anúncios em meios de comunicação, em que o valor pago aumenta de acordo com o tempo. Todavia, segundo Lakoff e Johnson (1980, p. 19-20), esse mapeamento não é um conceito universal, podendo variar de acordo com a sociedade e o momento histórico.

Outro exemplo de uso corriqueiro que demonstra a influência da cultura na produção de sentido da metáfora é o uso do modelo cognitivo BOM É PARA CIMA. “Existem culturas em que o equilíbrio ou a centralidade desempenham um papel muito mais importante²²” (LAKOFF; JONHSON, 1980, p. 20). Sendo assim, a afirmação não é verdadeira para todos os povos.

²² Tradução livre do inglês: *There are cultures where balance or centrality plays a much more important role than it does in our culture.*

Como define Johnson, "significado é uma questão sobre como entendemos situações, pessoas, coisas e eventos, e isso é tanto uma questão de valores, qualidades sentidas e motivações quanto de estruturas de experiência²³" (2017, p. 137). Dessa forma, o sentido de diversas ocorrências selecionadas nesta análise só é entendido pelo fato de vivermos em uma sociedade sexista e patriarcal, que considera atividades específicas como adequadas para cada gênero, sendo que as que envolvem força e agilidade são normalmente designadas aos homens. No exemplo: “Ela nada como um homem”, só compreendemos tratar-se de um elogio ao desempenho da atleta por conta de valores pré-estabelecidos, que designam a figura masculina como um ser mais forte e veloz do que a feminina.

Portanto, a metáfora, sendo um elemento difundido na linguagem cotidiana, mistura a imaginação e a razão, numa intersubjetividade baseada no sistema conceitual de uma cultura.

2.4 Tipos de metáforas

Para efeito de estudo e compreensão, especialistas classificaram as metáforas conceituais em três grupos: Orientacionais, Estruturais e Ontológicas, explicadas mais detalhadamente a seguir.

2.4.1 Metáforas Orientacionais

Lakoff e Johnson nos mostram que grande parte das metáforas está relacionada à nossa orientação espacial. As Metáforas Orientacionais CIMA/BAIXO, FRENTE/ATRÁS, LIGADO/DESLIGADO, CENTRO/PERIFERIA e LONGE/PERTO são exemplos de processos cognitivos envolvendo dois domínios (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 21).

Estas orientações espaciais dão origem a conceitos metafóricos a partir dos movimentos do corpo humano. Nos exemplos: “Estou me sentindo para cima” e “Estou me sentindo para baixo”, notamos que FELIZ É PARA CIMA e TRISTE É PARA BAIXO (1980, p. 15).

²³ Tradução livre do inglês: *Meaning is a matter concerning how we understand situations, people, things, and events, and this is as much a matter of values, felt qualities, and motivations as it is about structures of experience..*

2.4.2 Metáforas Estruturais

As Metáforas Estruturais nos permitem usar um conceito previamente bem-estruturado para delinear outro. Como explicam Lakoff e Johnson (1980, p. 43), assim como as Metáforas Orientacionais e as Ontológicas, que serão vistas mais adiante, as Metáforas Estruturais são fundamentadas em correlações sistemáticas dentro das nossas experiências.

Nos exemplos: “Ele atacou todos os pontos fracos do meu argumento” e “Os seus argumentos são indefensáveis”, são utilizados os elementos de guerra “ataque” e “defesa” para referir-se a uma discussão. Assim, podemos concluir que DISCUSSÃO É GUERRA (1980, p. 43).

2.4.3 Metáforas Ontológicas

Segundo Lakoff e Johnson, as “nossas experiências com objetos físicos (especialmente os nossos próprios corpos) fornecem base para uma variedade extraordinária de Metáforas Ontológicas²⁴”. Estas se manifestam “na forma de ver eventos, atividades, emoções, ideias, etc., como entidades e substâncias²⁵” (1980, p. 21).

Nos exemplos: “Nós precisamos erradicar a inflação” e “Inflação me deixa doente”, INFLAÇÃO É DOENÇA. Metáforas Ontológicas como esta são utilizadas na tentativa de lidar racionalmente com as nossas experiências, quantificando-as, identificando aspectos em particular, vendo-a como uma causa e ajudando na sua compreensão (1980, p. 21).

Objetos físicos também podem ser concebidos como pessoas, ocorrendo a personificação, que também é um fenômeno de ontologização. Nos exemplos: “A inflação está comendo os nossos lucros” e “A inflação tem atacado a base da nossa economia” algo não-humano é transformado em algo humano. Mesmo sendo personificada, a metáfora não é INFLAÇÃO É UMA PESSOA, mas sim INFLAÇÃO É UM ADVERSÁRIO (1980, p. 26).

²⁴ Tradução livre do inglês: *our experiences with physical objects (especially our own bodies) provide the basis for an extraordinarily wide variety of ontological metaphors.*

²⁵ Tradução livre do inglês: *ways of viewing events, activities, emotions, ideas etc., as entities and substances.*

2.5 Metonímia

Como explicam os especialistas em linguística cognitiva Ungerer e Schmid (2006, p. 154), assim como as metáforas, as metonímias podem ser entendidas como instrumentos cognitivos de representação do mundo. Contudo, os elementos que formam uma metonímia são decorrentes de um mapeamento conceitual no seio de um mesmo domínio cognitivo, enquanto a metáfora emerge do mapeamento conceitual entre dois domínios cognitivos diferentes.

Na metonímia, usa-se uma entidade para referir-se a outra que se relacione a ela ou cuja parte represente o todo. Em “O estádio aplaudiu de pé”, o objeto “estádio” não aplaude, tampouco fica de pé. No entanto, é aceitável e compreensível de substituição da palavra “estádio” para referir-se ao “público presente no estádio”.

Nos exemplos: “Ela é só um rostinho bonito” e “Precisamos de sangue novo na equipe”, usamos uma parte do corpo para nos referirmos a uma pessoa. Este tipo de metonímia é denominado por Lakoff e Johnson (1980, p. 28) como “parte pelo todo²⁶”.

Como a metonímia não é um dispositivo meramente referencial, quando selecionamos uma parte para representar o todo, por exemplo, esta escolha não é feita de forma aleatória. A parte escolhida deve ser saliente relativamente ao todo que queremos destacar. Ao dizer que “Precisamos de boas cabeças no projeto”, a parte “cabeça” refere-se ao todo “pessoas inteligentes”. Se a escolha fosse por “braços”, ficaria clara a necessidade de “pessoas fortes” (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 27).

O mesmo acontece em: “*The Times* ainda não chegou à coletiva de imprensa”. O uso do nome do jornal ao invés do nome do repórter ressalta a importância da instituição que o profissional representa. Sendo assim, ao dizer “Steve Roberts ainda não chegou à coletiva de imprensa”, estamos, de certa forma, dizendo algo diferente de “*The Times* ainda não chegou à coletiva de imprensa”, apesar de Steve Roberts ser o repórter que representa a instituição em questão (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 27-28).

Sublinhamos que os conceitos de metáfora e metonímia são diferentes, embora ambas operem como ferramentas cognitivas. Enquanto a metáfora é um modo de nos referirmos a uma coisa em termos de outra para promover a compreensão

²⁶ Tradução livre do inglês: *The part for the whole*.

fundamentalmente de conceito abstrato, a metonímia permite o uso de uma entidade para representar outra.

De acordo com Lakoff e Johnson, a metonímia:

[...] tem, pelo menos em parte, o mesmo uso que a metáfora, mas ela permite-nos focar mais especificamente certos aspectos da entidade a que estamos nos referindo. Assemelha-se também à metáfora no sentido de que não é somente um recurso poético ou retórico, nem é somente uma questão de linguagem. Conceitos metonímicos fazem parte da maneira como agimos, pensamos, e falamos no dia a dia (2002, p. 93).

Assim como as metáforas, as metonímias não são ocorrências aleatórias ou arbitrarias para serem tratadas como instâncias isoladas. Os conceitos metonímicos são também sistemáticos, baseados nas nossas experiências físicas e culturais.

Em resumo, sendo uma parte relevante da forma como pensamos e falamos, a metonímia consiste, basicamente, “na transferência de uma palavra para outro conceito na base de uma contiguidade conceptual entre o conceito-doador e o conceito-alvo” (ALMEIDA et. al., 2013, p. 37). Estamos familiarizados com muitas formas convencionais de metonímia e raciocinamos também em termos metonímicos.

Segundo Lakoff (1987, p. 84-85), um modelo metonímico refere-se a como A se relaciona com B dentro da mesma estrutura conceitual, sendo esta relação especificada pela função de B por A. Veja alguns exemplos:

Metonímia conceitual	Exemplo
PAÍS POR GOVERNO	Portugal compareceu ao evento.
EDIFÍCIO POR PESSOA	A tesouraria está negociando valores atrasados.
PARTE DO CORPO POR PESSOA	Precisamos de braços fortes para ajudar na mudança.
RECIPIENTE POR CONTEÚDO	O prato estava uma delícia!
CAUSA POR EFEITO	Ela é a minha felicidade
OBJETO POR AÇÃO	Eles querem os louros da vitória
MATERIAL POR OBJETO	A equipe levou ouro nas Olimpíadas.

TABELA 2 – Exemplos de metonímia conceitual

2.6 Categorização

A categorização é altamente relevante no estudo da metáfora, pois busca compreender como o ser humano agrupa em categorias as inúmeras entidades do mundo físico. Esta categorização é feita naturalmente pelas pessoas, por meio de protótipos e similaridades, através da nossa noção de causalidade.

Causalidade é um conceito humano básico. É um dos conceitos mais usados pelas pessoas para organizar suas realidades físicas e culturais. [...] A causalidade é mais bem entendida como uma *Gestalt*²⁷ experiencial. Uma compreensão adequada da causalidade requer que seja vista como um conjunto de outros componentes. Mas o aglomerado forma um *Gestalt* - um todo que nós, humanos, percebemos mais facilmente do que as partes (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 47)²⁸.

Como explicam os especialistas, isso é muito claro em bebês, que passam a ter noção de causalidade ao perceberem que podem manipular objetos ao seu redor e relacionarem estes movimentos aos efeitos gerados. Para efetuar essas manipulações, os bebês derrubam as suas colheres repetidamente, por exemplo. Mesmo partindo de bebês, tais manipulações envolvem a noção de causalidade, que é parte de como nos comportamos cotidianamente no meio onde estamos inseridos (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 47). Em adultos, a causalidade pode ser observada até em pequenas atitudes, como apertar um botão para acender a luz e abrir e fechar portas.

Embora essas ações sejam diferentes entre si, elas compartilham a característica de serem ações que produzem causalidade. Estudos indicam que as pessoas categorizam objetos de acordo com protótipos e semelhanças, não em termos teóricos pré-definidos (ROSCH, 1977 apud LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 48).

Lakoff e Johnson socorreram-se da categorização das aves a fim de exemplificar a teoria. Pequenos pássaros que voam, são ovíparos e cantam, como pardais e canários, são espécies prototípicas desta categoria. Já outras aves como galinhas, avestruzes e

²⁷ Segundo o dicionário Michaelis de português brasileiro, Gestalt é a “abordagem psicológica que tem como foco as questões ligadas à percepção e à cognição, os processos mentais por meio dos quais o homem apreende o mundo e forma o conhecimento a seu respeito. Procura compreender o ser humano como uma totalidade, vendo-o nas dimensões física, mental e psíquica”.

²⁸ Tradução livre do inglês: *Causation is a basic human concept. It is one of the concepts most often used by people to organize their physical and cultural realities. [...] Causation is best understood as an experiential gestalt. A proper understanding of causation requires that it be viewed as a cluster of other components. But the cluster forms a gestalt—a whole that we human beings find more basic than the parts.*

pinguins não são exemplares prototípicos. No entanto, também são aves, pois possuem semelhanças suficientes com os exemplos prototípicos para serem classificadas pelas pessoas como tal (1980, p. 48).

As sentenças “O agente executa o plano com sucesso” e “A mudança no paciente é perceptível” são exemplos de manipulações “prototípicas” de causalidade, embora as ações sejam diferentes, elas ocorrem no nosso dia a dia e as experienciamos como um *Gestalt*.

Como explicam Lakoff e Johnson (1980, p. 101), a “categorização é uma maneira natural de identificar um tipo de objeto ou experiência, destacando certas propriedades, minimizando outras e ainda escondendo outras”²⁹. Neste processo, nos concentramos em um conjunto de propriedades, o que afasta a nossa atenção de outras que não se encaixam no nosso propósito.

Para exemplificar o conceito, os autores citam (1980, p. 102) as seguintes afirmações: “Convidei uma loira sexy para o nosso jantar.” / “Convidei uma violoncelista de renome para o nosso jantar.” / “Convidei uma marxista para o nosso jantar.” / “Convidei uma lésbica para o nosso jantar”³⁰.

Pode até parecer que estamos falando de quatro pessoas diferentes, mas é possível que uma única pessoa se encaixe em todas essas descrições. “Descrever alguém que você conhece que tenha todas essas propriedades como ‘uma loira sexy’ é minimizar o fato de ela ser uma renomada violoncelista e marxista, além de esconder seu lesbianismo”³¹ (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 102). Ou seja, as afirmações que fazemos são baseadas na maneira como categorizamos entidades do mundo físico.

Na perspectiva cognitiva, a categorização é um processo de organização da informação a partir da apreensão da realidade. A partir de então, é feita a construção de categorias cognitivas, que são grupos de elementos influenciados por dimensões sociais e culturais, que formam o nosso acervo lexical.

²⁹ Tradução livre do inglês: *categorization is a natural way of identifying a kind of object or experience by highlighting certain properties, downplaying others, and hiding still others.*

³⁰ Tradução livre do inglês: *I've invited a sexy blonde to our dinner party / I've invited a renowned cellist to our dinner party. / I've invited a Marxist to our dinner party. / I've invited a lesbian to our dinner party.*

³¹ Tradução livre do inglês: *Describing someone who you know has all of these properties as “a sexy blonde” is to downplay the fact that she is a renowned cellist and a Marxist and to hide her lesbianism.*

2.7 Estado da arte

A análise conceitual realizada na presente pesquisa baseou-se no estudo “Metáforas sobre a mulher: uma visão linguística e conceitual”, de Márcia dos Santos Lopes (2005), pela Universidade Federal de Santa Catarina (BRA).

Em sua investigação, Lopes reuniu sentenças metafóricas sobre a mulher encontradas em revistas femininas e masculinas, páginas da Internet dedicadas a indivíduos deste gênero, piadas e ditos populares brasileiros. Deste material, foram identificadas metáforas de mulher comuns na cultura popular do Brasil.

Após realizar a análise linguística e conceitual do *corpus*, a autora observou que os conteúdos continham metáforas de quatro domínios-fonte: Animais; Artefatos e Suas Propriedades; Elementos da Natureza; e Elementos Ficcionalis.

Estes mesmos domínios-fonte, entre outros, também foram identificados no *corpus* da presente dissertação. Como exemplo, temos:

Domínio-fonte	Exemplo
ANIMAIS	Confira as <i>gatas</i> que estiveram no evento
ARTEFATOS E SUAS PROPRIEDADES	As bonecas suecas
ELEMENTOS DA NATUREZA	Mesmo com 98 kg, está brilhando
ELEMENTOS FICCIONAIS	Hércules de maquiagem

TABELA 3 – Categorização das metáforas de mulher segundo Lopes

No entanto, para cumprir o seu propósito de demonstrar a diferente abordagem praticada pela mídia ao noticiar atletas homens e mulheres, a categorização feita na presente pesquisa foi realizada do ponto de vista da desigualdade de gênero, resultando em uma categorização distinta, como é elucidado na análise conceitual do *corpus* desta pesquisa (capítulo 4).

Outras semelhanças entre as análises são o fato dos termos utilizados para descrever a mulher gerarem interpretações relacionadas a características físicas, comportamento sexual, temperamento/caráter e inteligência (2005, p. 54); além de ambas compartilharem o domínio-alvo MULHER, apesar de esta dissertação analisar notícias sobre MULHER ATLETA. Como veremos no capítulo “4. Análise do *corpus*”, o fato de a mulher ser esportista é, na maioria dos exemplos, irrelevante, pois a atleta é retratada, primeiramente, como mulher.

Por fim, a escolha do estudo realizado por Lopes como referência para este trabalho dá-se também pelo fato de ambas as pesquisas observarem a forma como a sociedade refere-se à mulher, disseminando um discurso pré-estabelecido e favorecendo a manutenção e a construção da identidade feminina com base em paradigmas e estereótipos.

2.7.1 Categorização da MULHER

Como citado anteriormente, Lopes (2005) categorizou o *corpus* da sua pesquisa sobre metáforas da mulher em quatro domínios-fonte: Animais; Artefatos e Suas Propriedades; Elementos da Natureza; e Elementos Ficcionalis, que se encontram detalhados abaixo.

A) ANIMAIS

No exemplo coletado por Lopes (2005, p. 56) “Ela é uma baleia”, o animal é escolhido por conta da sua característica física: mamífero grande e pesado. Como pontua a autora, no contexto apresentado, não há a possibilidade de uma interpretação diferente para a sentença.

Assim como afirmam os teóricos, Lopes observou que, em muitos exemplos, como “Ela é uma galinha” e “Ela é uma cadela”, os traços semânticos capazes de estabelecer uma relação entre o domínio-fonte (galinha e cadela) e o domínio-alvo (mulher) não são suficientes para a interpretação comum da sentença, que está relacionada à promiscuidade. No entanto, o leitor não encontra qualquer dificuldade para identificar que se trata do comportamento sexual da mulher.

Nesses casos, a influência do léxico é pequena. Os valores atribuídos – mesmo que não sejam reais – e o contexto são mais relevantes para determinar o sentido da sentença.

Nas expressões que metaforizam o temperamento e o caráter da mulher encontram-se, fundamentalmente, aspectos da personalidade atribuídos a pessoas do gênero feminino, como sensibilidade, emotividade e instabilidade emocional.

No exemplo “Ela é uma cobra”, o domínio-fonte é um réptil, que pode ser fêmea ou macho, conhecido por dar o bote em sua presa e, em alguns casos, ser venenoso. Para

esta metáfora, a interpretação que se dá é que a mulher é dissimulada e traidora, “ainda que não existam provas concretas dessa atitude da mulher a não ser por uma crença sociocultural construída com base no texto bíblico, portanto estereotipada” (LOPES, 2005, p. 61).

Ainda no mundo animal, a autora cita o exemplo “Ela é uma besta”, que, segundo Lopes, pode estar relacionado tanto à inteligência quanto ao temperamento da pessoa a quem o interlocutor se refere, sendo que a besta é um animal dominado pelo seu dono. Nesse caso, o contexto determina a interpretação metafórica.

Já na sentença “Ela é fera”, é possível interpretar que a mulher é imbatível por ser inteligente, forte ou veloz. Na análise dessa categoria, a autora observou que muitos animais são domésticos e outros, apesar de não serem domésticos, são submissos, o que pode contribuir para a crença da submissão feminina.

Uma questão levantada é o processo de interpretação da metáfora no seu surgimento: por não haver semelhanças entre os traços da mulher e do animal em questão, o ouvinte foi buscar a interpretação da metáfora no contexto. Como, em alguns casos, o contexto também não fornece esta interpretação, criou-se um novo efeito de sentido, que é exatamente uma das características comuns em metáforas conceituais.

B) ARTEFATOS E SUAS PROPRIEDADES

Lopes subdividiu esta categoria de acordo com a forma, função/valor e comportamento, que estão relacionados ao propósito do uso do objeto para referir-se à mulher.

Na forma, temos como exemplo a expressão “Ela é um avião”. Utilizando esta metáfora, o interlocutor se refere à mulher como uma máquina, nos seus aspectos mais positivos. Já em “Ela é um canhão”, é convencionalizado que a expressão em português brasileiro se refere a traços negativos relacionados à aparência, apesar de o domínio-fonte ou parte dele não terem qualquer relação aparente com o corpo feminino.

No caso de “Ela é uma geladeira”, a função do objeto utilizado para conservar os alimentos em baixas temperaturas remete ao temperamento frio e à frigidez sexual da mulher. Outra expressão selecionada por Lopes que também se utiliza de artefatos para remeter-se ao comportamento sexual feminino é “Ela é corrimão”, que significa que todos a tocam.

Utilizando-se da função do objeto para referir-se ao papel da mulher e à sua inteligência, temos “Ela é um trator”. Segundo a autora, o objetivo é dizer que a mulher não tem escrúpulos, sendo capaz de qualquer coisa para alcançar os seus objetivos.

Além de utilizar-se de artefatos para referir-se às pessoas, também é possível transmitir aos seres humanos as características dos objetos, como é o caso de “Ela é fechada”, “Ela está alterada” e “Ela está descontrolada”. Lopes explica que estas expressões podem também ser utilizadas de forma não metafórica; entretanto, no contexto em que foram retiradas, elas trazem adjetivos que são comumente usados para referir-se a objetos, que podem estar “fechados”, “alterados” e “descontrolados”. A aplicação destes adjetivos para caracterizar uma mulher está sempre relacionada ao controle emocional ou ao comportamento sexual.

Em “Ela é uma porta”, o interlocutor remete-se à inteligência da mulher ou, no caso, à falta de inteligência. Outros exemplos, como “Ela é antenada” e “Ela é tapada”, utilizam características possíveis a artefatos para referir-se à inteligência de um ser humano. No caso de “antenada”, que vem de “antena” – objeto que recebe ou transmite sinais a televisores e rádios –, significa que a mulher está sempre bem-informada. O sentido desta expressão refere-se tanto à inteligência quanto ao comportamento social moderno (LOPES, 2005:71).

Já o uso metafórico de “tapada” significa falta de inteligência. Uma característica comum a objetos é atribuída a uma pessoa e, por isso, é metafórica. Se a intenção fosse dizer que a mulher está tapada, no sentido de estar coberta, por exemplo, não seria uma metáfora.

A interpretação das metáforas inseridas nesta categoria se dá por meio do reconhecimento de similaridades entre predicados. Esta similaridade não é absoluta, mas produz significado a partir de características construídas (LOPES, 2005, p. 72).

C) ELEMENTOS DA NATUREZA

Também nesta categoria é possível identificar a metaforização do temperamento feminino e do comportamento sexual, exaltando tanto características negativas quanto positivas.

Em relação ao temperamento, Lopes usa como exemplo a expressão “Ela é um bloco de gelo”, que significa que a mulher em questão é dura e fria. Dependendo do contexto em que é empregada, a afirmação também pode ter conotação sexual.

A autora destaca outra metáfora em que são utilizados elementos da natureza para transmitir uma conotação sexual: “Ela é uma bananeira”. Nota-se não haver qualquer semelhança entre uma mulher e uma bananeira. No entanto, a característica retirada da bananeira para descrever a mulher é o fato de a bananeira, assim como todas as árvores, ser imóvel, fincada na terra. Nesta posição, a árvore fica sujeita a atividades humanas e não reage. Ao transportar esse conceito para a mulher, tem-se uma suscetibilidade à ação do homem, igualmente sem qualquer reação.

Afirmações que enalteçam as mulheres utilizando-se de elementos da natureza também são comuns. Expressões como: “Minha flor”, “Minha luz”, “Ela é o sol” e “Estrela da festa” remetem a características femininas idealizadas, nas quais a mulher é vista como um ser sublime ao ser comparada a elementos que inspiram simpatia e são fonte da vida.

Em “Minha flor”, o domínio-fonte “Flor” possui traços como delicadeza, beleza e perfume, que são comumente transmitidos ao domínio-alvo “Mulher”.

Já em “Minha luz”, “Meu sol” e “Estrela da festa”, as características utilizadas para referir-se à mulher são a capacidade de iluminar o ambiente, dar vida, ser essencial e bonito. Lopes (2005, p. 74) pontua que “todos esses elementos inspiram uma interpretação aproximada do ideal e utópico”.

D) ELEMENTOS FICCIONAIS

Elementos ficcionais são normalmente utilizados para exaltar um suposto fascínio ou atração física que mulheres exercem sobre os homens. Lopes também observou metáforas que se referem ao temperamento bom ou mau da mulher. Em todos os casos, os elementos da ficção são transportados para um possível mundo em que as características desses seres são utilizadas para descrever as mulheres.

Para referir-se à aparência física de forma negativa, a autora baseia-se em metáforas como: “Ela é uma bruxa” e “Ela é um dragão”, ambas expressões são compostas por seres mitológicos conhecidos por sua aparência feia. No caso da bruxa, a metáfora também é comum para referir-se à maldade.

Para transmitir a ideia oposta, de beleza, Lopes observa a ocorrência de metáforas com deusa e sereia. Em “Ela é uma deusa” e “Minha sereia”, por exemplo, são ressaltados traços referentes à beleza feminina. Ao mesmo tempo, estes seres

mitológicos possuem um forte poder de sedução e atração, o que também é comumente associado às mulheres.

Elementos mitológicos são figuras do imaginário humano associadas a religiões ou mitos originados em determinadas culturas. Estes personagens estão altamente presentes e personificados na cultura ocidental contemporânea, sendo que muitos até integram histórias infantis.

Uma das metáforas que notamos ser mais recorrente em conteúdos produzidos pela imprensa para referir-se a atletas olímpicas mulheres em 2016, que também é destacada por Lopes, é: “Ela é uma musa”.

Neste caso, a autora pontua que o domínio-fonte “Musa” não se refere apenas à aparência física ou comportamento, como nos exemplos anteriores, mas também ao fato da musa ser inspiradora de poetas, pintores e demais artistas. No caso do domínio-alvo “Mulher Atleta”, sugere-se que a esportista cativa e inspira os seus espectadores.

Como detalharemos na análise do *corpus* desta pesquisa, notamos que o termo “Musa” também é frequentemente relacionado à beleza e à sensualidade do corpo feminino.

2.7.2 Análise conceitual da metáfora sobre a mulher

Com base nas categorias observadas e apoiando-se nos conceitos previamente apresentados pelos estudiosos da metáfora conceitual, Lopes faz uma análise das metáforas sobre a mulher, aplicando as teorias existentes em metáforas comumente encontradas no português brasileiro.

As metáforas com domínio-fonte ANIMAL, por exemplo, são utilizadas para referir-se às características físicas, comportamentos sexuais, temperamento ou caráter e inteligência da Mulher. No entanto, tanto traços lexicais quanto a análise conceitual não são suficientes para o entendimento dessas metáforas, pois há conceitos implícitos que não estão diretamente associados aos elementos que as compõem. Estes são construídos por modelos prototípicos ou estereótipos.

Podemos observar, nos exemplos citados no estudo de Lopes, que o animal e a mulher não compartilham um mesmo mapeamento conceitual, mas sim um estereótipo social (PUTNAM, 1975, p. 251).

Segundo Wodak e Reisigl, utilizando-se da definição de Quasthoff, estereótipo é uma expressão verbal, que parte de convicções ou crenças, dirigida a um grupo social ou a um indivíduo pertencente a esse grupo social. O estereótipo assume a forma de um julgamento, que, de uma maneira simplista e generalista, atribui ou nega características particulares ou padrões comportamentais para uma determinada classe de pessoas (WODAK; REISIGL, 2003 apud SCHIFFRIN; TANNEN; HAMILTON, p. 378).

Nos fragmentos que indicam comportamento sexual, temperamento ou caráter e inteligência, muitas vezes não há argumentos que comprovem, por exemplo, a promiscuidade dos animais; mas, ainda assim, eles são usados para caracterizar a mulher como promíscua, como é o caso dos exemplos selecionados pela autora: “Ela é uma galinha” e “Ela é uma cadela”. Galinha e cadela podem ter comportamento sexual muito semelhante ao de outros animais, mas, ainda assim, sentidos construídos historicamente pelas experiências sociais do ser humano são retirados dos domínios-fonte para caracterizar o domínio-alvo.

Com o uso de artefatos e suas propriedades para descrever as mulheres, nota-se também uma tendência em estabelecer uma aproximação entre a forma, a função e o comportamento do objeto. Há um conceito implícito nessas metáforas que é o estereótipo mulher-objeto, que surgiu na nossa sociedade patriarcal, não sendo gerado pelas experiências humanas.

Muitas metáforas que se utilizam de elementos da natureza exaltam a mulher com base em estereótipos aplicados aos domínios-alvo. Nos exemplos: “Minha luz” e “Estrela da festa”, notam-se a valorização da figura feminina como algo belo, sublime e superior. Como pontua a autora, percebe-se uma oposição entre mulher-objeto e mulher sublime.

Quanto às metáforas construídas com base em elementos ficcionais, percebe-se que os exemplos se referem, principalmente, à aparência física e ao caráter da mulher. A autora pontua que nestas construções é notável o fascínio que a mulher exerce sobre o homem. Nesta categoria, mais uma vez, atribuem-se características ao domínio-fonte que possam servir para adjetivar o domínio-alvo, ou seja, estereótipos alimentam as metáforas.

2.7.3 Conclusão

Em sua pesquisa, Lopes (2005) cumpre com o objetivo de identificar propriedades semânticas metaforizadas em expressões comumente utilizadas pela comunidade falante de português brasileiro para referir-se à mulher. Para tanto, a autora analisou os tipos de palavras usadas e a regularidade de uso, além de observar possíveis conceitos implícitos nas expressões metafóricas.

Em relação à análise conceitual, Lopes notou que diversos conceitos são associados à visão da mulher na sociedade contemporânea, com foco na aparência física, promiscuidade sexual, temperamento instável e pouca inteligência.

Em seu estudo, a autora comprova que a linguagem é reflexo da forma como os sentidos são construídos socialmente. Nas metáforas de mulher analisadas fica evidente a exaltação de traços específicos e a criação de estereótipos construídos socialmente.

Em muitos casos, como em “Ela é gata”, não há um traço nesse animal que possa corroborar para a interpretação voltada à beleza da mulher. O que ocorre é que tanto o animal quanto a mulher compartilham um estereótipo social com sentidos construídos historicamente com base nas experiências sociais dos seres humanos.

Outra constatação da autora refere-se à relevância do contexto em que a metáfora está inserida. É o contexto que estabelece quais traços do domínio-fonte são relevantes e devem ser exaltados. Por este motivo, tanto nesta pesquisa como na de Lopes, boa parte das sentenças selecionadas podem ter um sentido diferente se forem colocadas em contextos diferentes.

Por fim, Lopes explica que muitos termos metafóricos são usados para referir-se à mulher em substituição a expressões literais numa tentativa de ocultar ofensas e xingamentos. Numa sociedade que a autora chama de “politicamente correta”, uma linguagem que mascara preconceitos e agressões à mulher – ou a qualquer outro grupo – se pauta numa concepção que percebe a linguagem como roupagem para o pensamento.

Capítulo 3: Mulheres no esporte e na mídia

3.1 Mulheres no esporte

Visto que o gênero é uma construção social, pode-se concluir que o que é “coisa de homem” e “coisa de mulher” é definido pela sociedade, que delimita as atitudes socialmente esperadas de cada um dos sexos. Os meninos são estimulados desde o nascimento a praticar esportes, enquanto as meninas brincam de boneca. Não aleatoriamente, o objetivo é formar um homem viril, forte e competitivo, ao lado de uma mãe e esposa dedicada, com habilidade para as tarefas do lar.

Da mesma forma que as mulheres são criadas para cuidarem da casa e os homens para serem fortes, o interesse por esportes também se diferencia. Como detalharemos a seguir, há muito mais homens do que mulheres consumindo notícias esportivas, além da presença masculina ser marcante em estádios de futebol, por exemplo. No entanto, o número de atletas mulheres está próximo de se equiparar com o de homens. Nas maiores delegações olímpicas – Estados Unidos e China –, as atletas do sexo feminino já são a maioria.

As mulheres conquistaram acesso às atividades esportivas há relativamente pouco tempo. Hargreaves (1994 apud BILLINGS; BUTTERWORTH; TURMAN, 2011, p. 115-116), especialista em estudos feministas no âmbito esportivo, delinea três momentos distintos para as mulheres nos esportes:

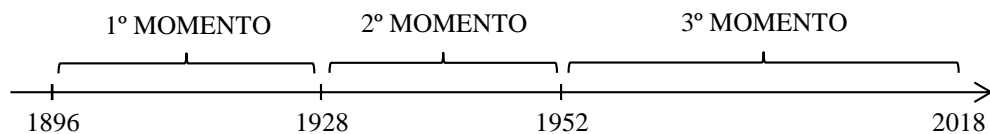


Figura 2 – Linha do tempo – Mulheres no esporte. Fonte: Fernanda Cabete

1º) De 1896, quando houve a primeira edição dos Jogos Olímpicos, em Atenas, até 1928: era de esmagadora exclusão e rejeição de qualquer combinação de mulheres com esporte.

Na primeira edição dos Jogos Olímpicos, em Atenas (1896), as mulheres foram proibidas de participar e até mesmo de assistir às competições. A estreia das

mulheres nos Jogos Olímpicos aconteceu na sua segunda edição, em Paris, no ano de 1900. As primeiras dez atletas que participaram competiram somente no golfe e no tênis, que, na época, eram consideradas modalidades que exigiam pouco esforço físico e, portanto, mais “femininas” do que as demais.

2º) De 1928 a 1952: além do golfe e do tênis, esportes como ginástica e natação também passaram a ser considerados adequados à “feminilidade”, pois a prática permitia que as mulheres pudessem se comportar da maneira como era esperado no período.

Segundo Goellner (2004, p. 366), o discurso de que as mulheres precisavam ser saudáveis para gerar filhos fez com que determinadas atividades físicas, como dança, ginástica e natação, passassem a ser recomendadas. Por outro lado, as mulheres permaneceram banidas da prática de esportes como futebol e lutas, por exemplo, sob a argumentação de que ficariam masculinizadas ou teriam a saúde reprodutiva prejudicada.

A participação em outras modalidades só foi possível às atletas quando os homens tiveram de deixar as competições para lutar na Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Durante esse período, houve escassez de competidores nos torneios, fazendo com que os organizadores recorressem às mulheres para que os eventos continuassem sendo realizados.

3º) Desde 1952: atualmente, as mulheres são admitidas em todas as modalidades esportivas. Em 2012, em Londres, foi a primeira vez que as atletas competiram em todos os esportes do programa olímpico.

Dados do Comitê Olímpico Internacional (COI) mostram que a participação feminina nos Jogos apresenta crescimento gradativo desde o início da competição, especialmente nas últimas duas décadas, tendo atingido 45,2% em 2016, no Rio de Janeiro, como mostra a tabela abaixo:

1896 – Atenas	0%	1964 - Tóquio	13,20%
1900 – Paris	2,20%	1968 - C. do México	14,20%
1904 - St. Louis	0,90%	1972 - Munique	14,60%
1908 – Londres	1,80%	1976 - Montréal	20,70%
1912 – Estocolmo	2%	1980 - Moscou	21,50%
1920 – Antuérpia	2,40%	1984 - Los Angeles	23%
1924 – Paris	4,40%	1988 - Seul	26,10%
1928 – Amsterdã	9,60%	1992 - Barcelona	28,80%
1932 - Los Angeles	9%	1996 - Atlanta	34%
1936 – Berlim	8,30%	2000 - Sydney	38,20%
1948 – Londres	9,50%	2004 - Atenas	40,70%
1952 – Helsinque	10,50%	2008 - Pequim	42,40%
1956 – Melbourne	13,30%	2012 - Londres	44,20%
1960 - Roma	11,40%	2016 - Rio de Janeiro	45,20%

TABELA 4 –Participação de mulheres nos Jogos Olímpicos

O ingresso das mulheres nos esportes tem registrado progressos constantes, com retrocessos superados pelos avanços, à medida que as mulheres buscam continuamente a participação em competições esportivas (BILLINGS; BUTTERWORTH; TURMAN, 2011, p. 122). Parte deste avanço deve-se a políticas de inclusão lançadas por governos locais e também pelo COI, que, desde 1991, exige que novos esportes inscritos para integrar o programa olímpico tenham também eventos femininos na modalidade.

Na Agenda Olímpica 2020, em vigor desde dezembro de 2014, o COI estipulou a meta de 50% de participação feminina nos Jogos. Esse objetivo deve ser alcançado por meio da realização de campanhas que estimulem e facilitem a participação e o envolvimento de mulheres no esporte, além da promoção do empoderamento de meninas.

Embora seja considerada por Hargreaves (1994) uma era de progressos diante das estruturas tradicionais de poder, a autora pontua que os estereótipos existentes sobre a capacidade atlética das mulheres continuam sendo desafiadores. Além disso, as atletas ainda possuem acessos desiguais a instalações, treinadores, patrocinadores, exposição midiática e salários, como será abordado a seguir, se comparadas aos esportistas do sexo masculino.

As especialistas em estudos de gênero Pfister e Hartmann-Tews (2005, p. 11) afirmam que, dado que todas as sociedades são delineadas pelo gênero, pelas relações de gênero e pela hierarquia de gênero, fica claro que o que se passa com as mulheres nos esportes é reflexo de outros âmbitos sociais, com raízes socioculturais muito

profundas. As ideologias de gênero estão intimamente relacionadas com as ideologias do esporte.

3.2 Mulheres na mídia

O termo “mídia” designa um conjunto de meios de comunicação direcionados ao grande público, incluindo jornais, revistas, televisão, cinema, rádio, música, sites, blogs, podcasts, rede sociais entre outros veículos. A mídia pode ser utilizada para a distribuição de notícias, anúncios e entretenimento; reality shows de televisão e programas roteirizados; filmes de Hollywood, produções independentes e documentários; desenhos animados e dramas; fotografias etc. (THOMPSON; ARMATO, 2012, p. 207-208). O conceito de mídia de massa refere-se a sistemas de comunicação impessoal que atingem um vasto público (THOMPSON; ARMATO, 2012, p. 208).

A maior parte do nosso conhecimento social e político e das nossas crenças sobre o mundo advém de relatos noticiosos aos quais temos contato diariamente. Segundo van Dijk (2005, p. 63), talvez não haja outra prática discursiva, além de conversas quotidianas, que seja tão frequente em nossas vidas como as notícias.

Desde 1400, quando o alemão Johannes Gutenberg inventou a máquina de impressão, a distribuição de ideias e informações tem sido controversa. Isto porque, visando a manutenção de poder, as elites usam a mídia para “limitar o acesso da população em geral a um espectro de ideias e influenciar visões que ajudam a sustentar a sua condição privilegiada”³² (THOMPSON; ARMATO, 2012, p. 207).

Por outro lado, essa disseminação de conteúdos em larga escala faz com que as pessoas “enxerguem alternativas à ordem social dominante, ameaçando minar as relações de poder existentes, desafiando sistemas de estratificação aceitos e disputando imagens dominantes de grupos de pessoas oprimidas”³³. (THOMPSON; ARMATO, 2012, p. 207)

³² Tradução do inglês: *to limit the access to the general population to a spectrum of ideas and, instead, to influence views in the media that help sustain their privileged status.*

³³ Tradução do inglês: *to envision alternatives to the dominant social order, threatening to undermine existing power relations, challenge accepted systems of stratification, and dispute dominant images of oppressed groups of people.*

Numa sociedade patriarcal, regida por homens brancos e ricos, este grupo se utiliza dos meios de comunicação existentes para impor a sua hegemonia diante de mulheres e indivíduos de outras etnias e condições sociais. Apesar de a mídia ter o poder de desestabilizar noções profundamente arraigadas a respeito de gênero e relações de gênero, também reforça ideias comumente aceitas sobre os temas e suas interseções com raça e etnia, sexualidades, classe social e outras dimensões da desigualdade social (THOMPSON; ARMATO, 2012, p. 207).

Conteúdos divulgados por veículos de comunicação em geral, bem como demais elites simbólicas – Estado, políticos, polícia, cientistas, grandes empresas etc. – não são apenas objetos verbais autônomos. Segundo van Dijk (2008, p. 12), estes discursos são “uma interação situada, como uma prática social ou como um tipo de comunicação numa situação social, cultural, histórica ou política”. A relação entre estruturas discursivas e sociais é um processo sociocognitivo complexo, que envolve, entre outras coisas, modelos mentais ou outras representações cognitivas dos participantes.

O discurso ideológico dos membros de um grupo (endogrupo), por exemplo, tipicamente enfatizam, de várias maneiras discursivas, as características positivas de Nosso próprio grupo e seus membros e as (supostas) características negativas dos Outros, o grupo de fora (exogrupo). Os autores podem fazer isso ao selecionar tópicos especiais, como o tamanho e a cor das manchetes, o uso de fotografias e ilustrações, por gestos ou ao escolher itens lexicais especiais ou metáforas, por argumentos (e falácias), ao contar histórias, e assim por diante. Percebemos que uma estratégia geral envolvida na reprodução discursiva (por exemplo, racista ou sexista) de dominação, a saber, a polarização endogrupo-exogrupo, pode ser realizada de várias formas e em muitos níveis de discurso (VAN DIJK, 2008, p. 14).

É comum que pessoas diferentes da maioria em algum aspecto – “eles” em vez de “nós” – fiquem expostas ao que Hall descreve como uma forma polarizada e binária de representação: “bom/mau, civilizado/primitivo, feio/excessivamente atraente, repelente por ser diferente/cativante por ser estranho e exótico. E, muitas vezes, elas são obrigadas a ser as duas coisas ao mesmo tempo” (2016, p. 145). Vale ressaltar aqui que mesmo sendo maioria na sociedade e representando quase metade dos atletas olímpicos, as mulheres são colocadas como “diferentes” pelos grupos que estão no poder, pois têm presença reduzida nas elites simbólicas, como mostrado anteriormente.

Para Hall, a questão da “diferença” e da “alteridade” desempenha um papel ambivalente e significativo. Se, por um lado, “é necessária para a produção de significados, para a formação da língua e da cultura, para as identidades sociais e para a

percepção subjetiva de si mesmo como um sujeito sexuado”. Por outro, “é ameaçadora, um local de perigo, de sentimento negativos, de divisões, de hostilidade e agressão dirigidas ao ‘Outro’” (2016, p. 160).

Sendo o jornalismo esportivo incumbido de transformar práticas esportivas em mensagens verbais, que ultrapassam os muros das arenas e chegam às casas das pessoas em uma interpretação de quem o produz (ALMEIDA et al., 2013, p. 9), para cumprir com a proposta desta dissertação de analisar o discurso da mídia internacional ao referir-se à mulher atleta durante os Jogos Olímpicos - Rio 2016, é importante citar como ocorre o acesso ao discurso por meio das mídias de massa. Para tanto, responderemos às questões: (a) “quem produz a notícia?”; (b) “quem é noticiado?”; (c) “a quem se destina a notícia?”.

Quem produz a notícia?

Nas sociedades ocidentais, o poder dentro dos conglomerados de empresas de comunicação é predominantemente praticado por indivíduos do sexo masculino. De acordo com um levantamento do *Annenberg Public Policy Center*, publicado em 2001, a maioria dos executivos de organizações que dominam os mercados de mídia globais é dos Estados Unidos e da Europa. Do total, menos de 15% são mulheres. Já os negros detêm uma fatia menor do que 4% na participação de emissoras de televisão (TURNER; COOPER, 2007 apud THOMPSON; ARMATO, 2012, p. 222). Tendo estes dados, concluímos que a propriedade das indústrias de mídia não é apenas dominada por homens, mas sim, mais especificamente, por homens brancos e ricos.

Conglomerados de mídia perpetuam os interesses dos que estão no poder, reproduzindo, por exemplo, a segregação de gênero. Esta tarefa é cumprida ao reforçar estereótipos de gênero, optando por retratar as mulheres com ênfase na sua sexualidade e emotividade (THOMPSON; ARMATO, 2012, p. 225), como é detalhado no tópico “3.3 Linguagem do esporte na mídia”, deste capítulo.

Da mesma forma, os profissionais encarregados pela produção de conteúdos sobre esporte, ou seja, os jornalistas esportivos, também se enquadram no perfil mencionado anteriormente. Em uma consulta realizada em junho de 2018 nas redações dos principais veículos esportivos de Portugal – ‘Record’, ‘A Bola’ e ‘O Jogo’ –, alvos desta pesquisa, constatou-se que cerca de 84% dos profissionais que atuam nestas equipes são homens, ao lado de apenas 16% de mulheres:

Veículo	Total de jornalistas	Jornalistas homens	Jornalistas mulheres
‘Record’	45	37	8
‘A Bola’	53	46	7
‘O Jogo’	54	44	10

TABELA 5 – Jornalistas homens *versus* mulheres nas redações de jornais esportivos portugueses

Um percentual semelhante se repete na redação de veículos esportivos de outros países. Segundo dados de junho de 2018, as redações do ‘Lance’ (Brasil), ‘AS’ (Espanha) e ‘Goal.com’ (Inglaterra) têm quase 81,9% do seu quadro composto por jornalistas do sexo masculino:

Veículo	Total de jornalistas	Jornalistas homens	Jornalistas mulheres
‘Lance’ (Brasil)	39	33	6
‘AS’ (Espanha)	112	89	23
‘Goal.com’ (Inglaterra)	20	18	2

TABELA 6 – Jornalistas homens *versus* mulheres em veículos esportivos internacionais

Segundo Hardin e Shain (2005 apud BILLINGS; BUTTERWORTH; TURMAN, 2011, p. 135), o reduzido número de jornalistas esportivas pode ser justificado pelo fato de metade dessas profissionais relatarem já terem sofrido algum tipo de abuso verbal no exercício da profissão. Este abuso, de acordo com os pesquisadores, ocorre em comentários sexuais no local de trabalho e em interações com o público.

Os autores afirmam ainda que tanto os colegas de profissão quando os espectadores presumem que as mulheres não conhecem tanto quanto os homens sobre esportes, tendo conseguido o emprego por causa de sua aparência ou por cotas estabelecidas pelas próprias empresas de comunicação, que exigem diversidade de gênero. Esta percepção traz menos credibilidade ao trabalho desenvolvido por mulheres e resulta em um número reduzido de oportunidades às profissionais.

Quem é noticiado?

Pesquisadores da Universidade de Cambridge desenvolveram um estudo para análise da forma como os meios de comunicação e os fãs se referiram a atletas homens e mulheres durante os Jogos Olímpicos de 2016. O resultado foi divulgado pelo instituto ‘*Cambridge University Press*’ em agosto daquele ano.

Utilizando-se do ‘*Sports Corpus*’ – banco de dados de palavras escritas e faladas em inglês – e de variadas fontes da imprensa, constatou-se que, nos esportes em geral, o masculino é considerado como o padrão. Ao realizar uma consulta na Internet pelo termo “partidas de futebol”, por exemplo, são exibidos, basicamente, resultados sobre o futebol masculino. Se o objetivo for buscar por futebol feminino, o gênero tem de ser especificado.

O estudo mostra também que na seção de esportes dos jornais os atletas homens são mencionados quase três vezes mais do que as atletas mulheres, mesmo que elas tenham representado 45,20% do total de esportistas participantes do torneio no Rio, conforme detalhado anteriormente.

Essa disparidade permanece consistente mesmo após mudanças na sociedade. Embora as mulheres tenham acesso cada vez maior a esferas públicas, os homens continuam dominando as páginas dos jornais. Globalmente, as mulheres representam 52% da população, mas são encontradas em apenas 21% das notícias sobre assuntos gerais (THOMPSON; ARMATO, 2012, p. 225-226).

A visibilidade concedida pela mídia está diretamente ligada ao reconhecimento, de todas as formas, recebido pelos atletas.

A quem se destina a notícia?

Além da maior parte das notícias serem produzidas por homens e falar sobre homens, uma consulta às *homepages* dos sites dos três maiores jornais esportivos portugueses – ‘Record’, ‘A Bola’ e ‘O Jogo’ –, realizada no dia 4 de abril de 2018, fornece indícios de que o principal público-alvo dos veículos é o homem heterossexual, como é possível ver nas imagens abaixo:

'Record'	'A Bola'	'O Jogo'
 <p data-bbox="373 465 616 517">Se já via vídeos de Cristiano Ronaldo, imagine-se agora....</p>	 <p data-bbox="775 454 1011 521">HANNAH JETER CONTINUA EM GRANDE FORMA A BOLA DE ESTRELAS</p>	 <p data-bbox="1123 454 1337 517">A ascendência portuguesa de Drisana que encanta</p>

TABELA 7 – Conteúdos para homens heterossexuais em sites de esporte

As três páginas, assim como diversos outros veículos esportivos, possuem vasta quantidade de conteúdos adultos voltados ao público masculino heterossexual. Vale citar aqui que não foram encontrados nas páginas consultadas conteúdos adultos voltados a homens homossexuais ou a mulheres heterossexuais.

A estrutura de poder existente se encarrega de fazer com que o número de mulheres espectadoras e leitoras de produtos esportivos em geral seja relativamente reduzido, se comparado com o público do sexo masculino.

Ainda de acordo com Billings, Butterworth e Turman (2011, p. 125), as mulheres argumentam que não consomem tanto produto de mídia esportiva quanto os homens porque as competições femininas não são transmitidas de forma tão expressiva quanto as masculinas. Além disso, “estudiosos descobriram que as mulheres consomem esportes de forma diferente dos homens por causa de questões como escolha do horário de lazer e compromissos familiares”³⁴.

As Olimpíadas, no entanto, estão entre os dois grandes eventos esportivos que mais atraem a atenção das mulheres nos Estados Unidos, ao lado do Kentucky Derby³⁵ (HELM, 2009 apud BILLINGS; BUTTERWORTH; TURMAN, 2011, p. 125). Nestes casos, a audiência feminina no país chega a superar a masculina.

3.3 A linguagem do esporte na mídia

Pesquisas revelam que homens e mulheres atletas são representados por meio de diálogos distintos na mídia. De acordo com Billings; Butterworth e Turman (2011, p.

³⁴ Tradução do inglês: *Scholars have found that women consume sports differently than men because of issues such as leisure time choices and familial commitments.*

³⁵ Corrida de cavalos disputada anualmente no hipódromo de Churchill Downs, em Louisville, Kentucky, Estados Unidos.

130), a estereotipagem ainda é muito presente; todavia, essa disparidade é justificada essencialmente pela compreensão geral de diferenças e pelo preconceito, que superam amplamente a busca por um comportamento estereotipado.

Os especialistas explicam que em décadas de estudos foram observadas distinções dialógicas em comentários esportivos que não se enquadram nas estruturas tradicionais de dominação de gênero, nem se tratam de sexismo declarado, mas representam desigualdades na forma como percebemos os homens e as mulheres.

Mesmo considerando a existência de diferenças entre os gêneros, sejam elas biológicas, como a gravidez ou a presença de testosterona, ou sociológicas, como oportunidades desiguais para a prática esportiva por meninos e meninas, as noções de domínio e poder se sobressaem nos diálogos de mídia (BILLINGS; BUTTERWORTH; TURMAN, 2011, p. 130 e 131). Como exemplo, os autores citam uma questão feita repetidas vezes à tenista belga Kim Clijsters durante o Torneio de Tênis Aberto dos EUA, em 2009: "Como você se sente ao ganhar sendo mãe?". Notícias em que a família e a maternidade são exaltadas ante a atividade atlética desenvolvida pela mulher são frequentes também no *corpus* da presente pesquisa.

Uma questão proeminente no levantamento da Universidade de Cambridge, já citado anteriormente no presente estudo, é a maneira como as mulheres atletas são descritas pela mídia. De acordo com Billings, Butterworth e Turman (2011, p. 124), nos jornais, elas são, primeiramente, mulheres – supostamente atraentes e femininas –, sendo que o fato de serem atletas é colocado em segundo plano. O foco de grande parte das notícias está na aparência física das esportistas e em detalhes da sua vida pessoal, dando menor relevância ao desempenho da profissional nas competições.

Como exemplos da depreciação sofrida pelas mulheres do ponto de vista atlético, Billings, Butterworth e Turman (2011, p.132-133) citam uma transmissão de ginástica artística em que a esportista é referida como um “duende adorável”. Outro exemplo pode ser visto quando os telespectadores tiveram de ouvir comentários acerca do ensaio para a revista Playboy da atleta norte-americana Gabrielle Reece, ao invés de obterem informações sobre a partida e a atuação das atletas em quadra.

Visto que esportes são atividades físicas e que a prática profissional exige que o corpo seja elevado à sua capacidade máxima, corpos masculinos também são alvos de comentários. “Alguns estudos constataram que, em termos de contagem de comentários sobre corpos de homens e mulheres, os números podem ser considerados relativamente

equivalentes”³⁶ (BILLINGS; BUTTERWORTH; TURMAN, 2011, p. 132). A diferença está na escolha, consciente ou não, do que é dito a respeito dos competidores dos dois gêneros. “Os comentários em torno de homens atletas tendem a ser mais aptos a fazer referências ao físico (‘construído como super-homem’) do que os mesmos comentários sobre a atratividade que as mulheres mais frequentemente recebem”³⁷ (BILLINGS; BUTTERWORTH; TURMAN, 2011, p. 133).

Segundo a já referida pesquisa da Universidade de Cambridge, aspectos da vida pessoal das mulheres são exaltados em notícias. As descrições “mais velha”, “grávida”, “casada” ou “não casada” aparecem com frequência, enquanto os homens são adjetivados como “mais rápido”, “forte” e “grande”.

Ao abordar o desempenho do esportista, os homens são associados a termos como “mentor”, “vencer”, “ganhar” e “dominar”. Já em textos sobre as mulheres encontram-se: “competição”, “participação” e “esforço”.

As mulheres também tendem a ser retratadas de maneira infantilizada ou tradicionalista. Ao citá-las, é comum o uso de “meninas” e “senhoras”, enquanto “meninos” e “senhores” pouco aparecem em notícias que se referem aos homens.

Billings, Butterworth e Turman (2011, p. 130-131) destacam termos que corroboram o estudo acima mencionado. Os autores constataram ser mais comumente atribuído aos homens atletas adjetivos como “poderoso”, “conquistador”, “melhor no mundo”, “destemido” e “incrível”. Já as mulheres são descritas como “talentosa”, “dedicada”, “melhor mulher do mundo” (com o gênero especificado), “emocional” e “legal”.

De acordo com Erika Falk, autora do livro *‘Women for president’* (2008), em depoimento ao documentário *‘Miss Representation’* (2011), “é duas vezes mais provável que as mulheres sejam descritas emocionalmente do que um homem”. Ao fazer isto, “perpetuamos o estereótipo de que as mulheres são emocionais, portanto, irracionais, não aguentam crises e não devem ter a chance de serem líderes”.

A produção cita comentários e perguntas feitos sobre ou para mulheres que não seriam feitos a homens na mesma situação, como: “será que ela é forte o suficiente?” ou “se você for eleita, quem vai cuidar do seu filho?”.

³⁶ Tradução do inglês: *Some studies have found that in terms of sheer counts of comments about men's and women's bodies, the numbers could be considered to be relatively equivalent.*

³⁷ Tradução do inglês: *the comments surrounding men and athletes tend to be more apt to fall into references to physique ("built like superman") than the same comments about attractiveness that women players more often receive.*

Atletas do sexo masculino também são mais propensos a serem considerados mais experientes na modalidade esportiva a qual se dedicam. “Alguns desses tipos de comentários podem ser fundamentados em diferenças lógicas e sociológicas”³⁸ (BILLINGS; BUTTERWORTH; TURMAN, 2011, p. 132). Como exemplo de diferenças lógicas, os autores citam o fato de esportes como ginástica geralmente envolverem atletas mulheres adolescentes, enquanto os homens estão na faixa dos vinte anos. Já do ponto de vista sociológico, como mencionado anteriormente, os atletas masculinos podem realmente ter mais anos de prática, considerando que os meninos são incentivados a atuar como esportistas profissionais em idades mais precoces.

“Mesmo considerando esses fatores atenuantes, no entanto, ainda há um foco desproporcional na experiência de atletas homens quando comparados a mulheres com conhecimentos e experiências semelhantes”³⁹ (BILLINGS; BUTTERWORTH; TURMAN, 2011, p. 130-132).

Do mesmo modo, os homens vencedores são mais propensos a terem o seu preparo psicológico exaltado pela mídia do que as mulheres vencedoras. A atribuição desta compostura superior ocorre também por conta da experiência mencionada anteriormente, mas essencialmente por terem uma suposta resistência mental e capacidade de serem inabaláveis diante de um momento de alta pressão, características não atribuídas às mulheres (BILLINGS; BUTTERWORTH; TURMAN, 2011, p. 132).

Já as atletas estão mais acostumadas a ver os seus êxitos atribuídos à sorte do que os homens. De acordo com Billings, Butterworth e Turman (2011, p. 133), este é um recurso utilizado para amenizar as conquistas das mulheres. Quando uma mulher tem sucesso no esporte, é comum que os comentaristas acrescentem que a jogadora teve alguns percalços em seu caminho. Ou seja, a sorte vem para garantir a vitória em momentos em que somente o desempenho atlético poderia não ser suficiente, tornando, mais uma vez, as habilidades da mulher no esporte secundárias.

³⁸ Tradução do inglês: *Some of these types of comments may be founded in logic and sociological differences.*

³⁹ Tradução do inglês: *Even when taking these mitigating factors into account, however, there is still a disproportionate focus on the experience of men athletes when compared to women of similar expertise and backgrounds.*

3.4 Metáforas de mulher no poder: o caso de Hillary Clinton

Um artigo publicado pelo cientista político Elvin T. Lim, intitulado ‘Metáforas de gênero de mulheres no poder: o caso de Hillary Clinton como Madona, mulher fora dos padrões, vadia e bruxa⁴⁰’ – parte integrante da obra ‘*Politics, Gender and Conceptual Metaphors*’ (2009), de K. Ahrens – analisa as metáforas de gênero utilizadas para referir-se à atuação da ex-primeira-dama e ex-senadora Hillary Clinton na vida pública.

O estudo comprova que as expectativas tradicionais de papéis dificultam a saída da mulher da esfera “privada” – família – para a esfera “pública” – política e, no caso da presente pesquisa, esportiva.

Segundo Lim, “quando as mulheres entram na política, elas frequentemente têm de negociar a disjunção entre definições sociais de “feminilidade” e liderança, denominada por Anderson e Sheeler (2005, p. 6) de ‘*double bind*’⁴¹” (2009, p. 255) – o confronto de duas exigências inconciliáveis. O mesmo ocorre nos esportes.

Wade e Ferree (2015, p. 143) explicam que as mulheres são autorizadas e até encorajadas a praticar o que elas chamam de “masculinidades”, ou seja, comportamentos esperados de pessoas do sexo masculino. Isso, no entanto, deve ser feita na dosagem ideal, de modo a não violar a “regra de gênero número um”, que visa garantir que cada indivíduo se identifique com um gênero, masculino ou feminino, e aja de forma consistente com essa identidade.

A cobertura midiática tende a valorizar mulheres que pratiquem “masculinidades” e “feminilidades” simultaneamente. As autoras citam uma matéria da revista ‘ESPN’ com a jogadora da equipe americana de basquete Candace Parker, publicada em 2009. A atleta foi capa da revista depois de ganhar os prêmios de Revelação do Ano e Jogadora Mais Valiosa, além de ser nomeada a Atleta Feminina do Ano.

Contudo, a capa da publicação optou por não retratar uma atleta extraordinária. Ela apareceu de vestido branco, grávida e sorrindo para a câmera, ao lado da manchete:

⁴⁰ Tradução livre do inglês: *Gendered metaphors of women in power: the case of Hillary Clinton as Madonna, unruly woman, bitch and witch.*

⁴¹ Tradução livre do inglês: *when women do enter into politics, they often have to negotiate the disjunction between social definitions of femininity and leadership in what Anderson and Sheeler (2005: 6) have termed a ‘double bind’.*

"Quão grande pode ser Candace Parker?"⁴². A cobertura claramente enfatizou o “*double bind*” praticado pela atleta, o perfeito equilíbrio entre atributos masculinos e femininos.

No texto, o jornalista afirma que Parker é uma "combinação de jogo, generosidade e beleza"⁴³ e "um dos caras"⁴⁴, embora use cabelo pranchado e batom rosa⁴⁵. O artigo não enaltece a capacidade da atleta de realizar “masculinidade”, nem a sua habilidade de realizar com sucesso a “feminilidade”, mas sim o fato de conseguir equilibrar os dois.

As mulheres têm a oportunidade de praticar masculinidades e obter reconhecimento por características e atividades mais valorizadas, e isso é bom para elas. Mas as mulheres também devem fazer feminilidade. Ser inteligente, ambiciosa, sincera e esportiva, em outras palavras, é ótimo, mas ser propriamente feminina é essencial⁴⁶ (WADE; FERREE, 2015, p. 144).

As autoras lembram que esta é uma lição que a boneca Barbie nos ensina desde criança: ela pode ser médica, astronauta, atleta ou política, mas é muito importante que, ao realizar qualquer uma dessas atividades, esteja sempre maquiada e com a silhueta em forma. “Ela pode fazer qualquer coisa que quiser, desde que também atue para afirmar o binário hierárquico de gênero do qual o privilégio e o poder dos homens dependem”⁴⁷ (WADE; FERREE, 2015, p. 145).

No caso de Clinton, o equilíbrio entre “masculinidades” e “feminilidades” nem sempre foi perfeito, rendendo-lhe alcunhas que iam de Madona a mulher fora dos padrões, vadia e bruxa.

No documentário ‘*Miss Representation*’ (2011), a empresária do setor de comunicação Pat Mitchell afirma que “uma mulher no poder é frequentemente vista como algo negativo. Nós consideramos todos os piores aspectos do poder e os transferimos para a mulher que está buscando por poder”, exatamente como ocorreu com Clinton.

⁴² Tradução do inglês: *How big can Candace Parker get?*

⁴³ Tradução do inglês: *combination of game, generosity and gorgeous*

⁴⁴ Tradução do inglês: *one of the guys*

⁴⁵ Tradução do inglês: *albeit with flat-ironed hair and pink lipstick.*

⁴⁶ Tradução do inglês: *Women have the opportunity to do masculinity and get the esteem that comes with valued traits and activities, and that's nice for them. But women must also do femininity. Being intelligent, ambitious, outspoken, and sporty, in other words, is great, but being properly feminine is essential.*

⁴⁷ Tradução do inglês: *She can do anything she likes, so long as she also acts to affirm the hierarchical gender binary on which men's privilege and power depend.*

3.4.1 Mulher fora dos padrões, vadia e bruxa

Para serem respeitadas em um ambiente predominantemente masculino, as mulheres que atuam na política abrem mão da sua “feminilidade” e se tornam mulheres “Fora dos Padrões⁴⁸” – metáfora utilizada para descrever as líderes políticas duronas. “No entanto, ao fazê-lo, essas líderes são frequentemente percebidas como dominadoras, arrogantes e frias⁴⁹” (LIM, 2009, p. 255).

Lim (2009, p. 255) cita a Rainha Elizabeth I (A Rainha Virgem), a Imperatriz Viúva Cixi (O Velho Buda) e Margaret Thatcher (A Dama de Ferro) como exemplos. Estas três personalidades são lembradas como “líderes fortes, às custas de sua ‘feminilidade’ e simpatia⁵⁰”. Ou seja, em troca de respeito na esfera pública, elas adotaram a metáfora de Mulher Fora dos Padrões e, em contrapartida, perderam a simpatia do público.

A impopularidade de Hillary Clinton vai além de qualquer problema de caráter ou personalidade. Trata-se da reafirmação do dilema do “*double bind*”. “Ela era a Mulher Fora dos Padrões por excelência; desagradável, polarizada, mas, por Deus, no comando⁵¹” (LIM, 2009, p. 256).

A metáfora Mulher Fora dos Padrões pode ser considerada, até certo ponto, um elogio indireto, pois, apesar de retratar a mulher como uma má mãe e uma esposa desobediente, enfatiza sua força. Já as suas variáveis Vadia e Bruxa, também muito presentes na caracterização de Clinton, são, sem dúvida, ofensivas, pois desumanizam e animalizam a mulher.

Enquanto a metáfora Vadia desumaniza e doméstica Clinton, além de ser considerado um adjetivo socialmente agressivo, a Bruxa está também em confronto com a sociedade e com Deus, o guardião das normas sociais (LIM, 2009, p. 262-263). “A maneira conveniente de entender o caos social, político e cognitivo que a invasão de

⁴⁸ Expressão em inglês usada que se refere ao momento em que uma pessoa é confrontada com duas exigências irreconciliáveis ou uma escolha entre dois cursos de ação indesejáveis.

⁴⁹ Tradução livre do inglês: *However, in doing so these woman leaders were often perceived as domineering, arrogant and cold.*

⁵⁰ Tradução livre do inglês: *strong leaders, but they were thought so at the expense of their ‘femininity’ and likeability.*

⁵¹ Tradução livre do inglês: *She was the Unruly Woman, par excellence; unlikeable, polarising, but by God, in charge.*

Clinton faria na política era simplesmente caracterizá-la como uma Bruxa e caçá-la⁵²” (LIM, 2009, p. 265).

A Mulher Fora dos Padrões rejeita os papéis tradicionais de gênero e, assim, ofende aqueles que acreditam na ideologia da “feminilidade” materna. “Longe de ser um objeto de reverência ou fantasia sexual, a Mulher Fora dos Padrões é uma ameaça aos homens, precisamente porque ela aspira ser mais do que uma Madona ou uma Rainha da Beleza” (LIM, 2009, p. 260).

3.4.2 *Madona ou rainha da beleza*

No outro extremo do “*double bind*” tem-se a mulher que não incorpora comportamentos tradicionalmente masculinos ou até intensifica demonstrações de “feminilidade”, agindo como uma “*Madona*” ou “Rainha da Beleza”. Essa mulher é vista como vulnerável, fraca e sem perfil de liderança. Ao atingir as expectativas tradicionais em relação à “feminilidade” e não cumprir o que se espera de um líder na esfera pública, ela acaba por parecer “menos ameaçadora e mais atraente”. “O que ela perde em respeitabilidade, ela ganha em simpatia⁵³” (LIM, 2009, p. 255) do público.

Em outras palavras, as expectativas tradicionais de como uma mulher deve se comportar são mutuamente exclusivas no momento em que ela sai da esfera privada para a pública. O “*double bind*” pressiona as mulheres líderes em relação ao que é um comportamento aceitável para elas. Quando se trata de abraçar a “masculinidade” como uma tática de sobrevivência na esfera pública, as mulheres são condenadas se o fizerem, e condenadas se não o fizerem (LIM, 2009, p. 256)⁵⁴.

Em seus primeiros anos como primeira-dama, Clinton notou que a sua postura firme, considerada intransigente, afastava aqueles que esperavam dela uma postura “materna” (*Madona*), ao invés de racional (Fora dos Padrões) no processo de reforma da Saúde dos Estados Unidos. Foi então que ela passou a dedicar-se à promoção de causas

⁵² Tradução livre do inglês: *The convenient way to make sense of the social, political and cognitive chaos that Clinton’s intrusion into politics would make was simply to characterise her as a Witch and to hunt her down.*

⁵³ Tradução livre do inglês: *less threatening and more appealing. What she loses in respectability, she gains in likeability.*

⁵⁴ Tradução livre do inglês: *In other words, traditional expectations of how a woman should behave are mutually exclusive the moment she steps out of the private into the public sphere. The double bind squeezes woman leaders into a practically non-existent bandwidth of what is acceptable behaviour for them. When it comes to embracing ‘masculinity’ as a survival tactic in the public sphere, women are damned if they do, doomed if they do not.*

tradicionalmente femininas, como o direito das crianças e das mulheres. Em seu primeiro livro, *'It Takes a Village'* (1996), Clinton se retratou como mãe e protetora das crianças da nação. Não por acaso, ao abraçar o papel de gênero esperado, os seus índices de aprovação como primeira-dama foram revisados para cima (LIM, 2009, p. 259).

Em campanha eleitoral, em 2003, a equipe de Clinton optou por sutilmente reforçar uma leitura de gênero que reafirmasse a postura de homens enquanto mais aventureiros em oposição às mulheres, retratadas como avessas ao risco, utilizando a contraposição "experiência" *versus* "mudança". Nota-se este posicionamento no *slogan*: “força e experiência para fazer a mudança acontecer⁵⁵”.

Os sucessos de Hillary Clinton na campanha podem ser atribuídos em parte à sua capacidade de explorar as ferramentas retóricas e metafóricas que estavam disponíveis e em consonância com o que era culturalmente familiar, assim como alguns de seus fracassos devem ser atribuídos à sua incapacidade de transcendê-los (LIM, 2009, p. 257)⁵⁶.

Transportando estes conceitos para o âmbito esportivo, notamos nesta pesquisa que as atletas que praticam “feminilidades” – valorização da beleza, casamento, maternidade, demonstrações públicas de fragilidade etc. – têm as suas vidas pessoais mais comumente noticiadas e com grau de relevância maior do que o desempenho na atividade esportiva que realiza.

Para um jornalista do ‘Extra’, a esgrimista brasileira Amanda Simeão, por exemplo, não deve se considerar derrotada, mesmo tendo perdido os confrontos, pois a sua popularidade basta: “Amanda Simeão não deixa os Jogos Olímpicos com a sensação de derrota. Nem poderia. A esgrimista de Curitiba perdeu os dois jogos desta quinta-feira, encerrou sua participação na competição, mas também ganhou muito graças à fama que conquistou. Alçada ao posto de ‘Musa da Esgrima’, agora espera colher os frutos da popularidade”.

No caso da atleta chinesa de saltos ornamentais He Zi, que foi pedida em casamento no pódio, tem-se a veiculação do momento como sendo considerado mais

⁵⁵ Tradução livre do inglês: *the strength and experience to make change happen*

⁵⁶ Tradução livre do inglês: *Hillary Clinton's successes on the campaign trail can be attributed in part to her ability to mine the rhetorical and metaphorical tools that were available and consonant with what was culturally familiar, just as some of her failures must be attributed to her failure to transcend them.*

importante do que uma medalha olímpica pela ‘BBC’, ao dizer: “O que é melhor que uma medalha olímpica? Um pedido de casamento!”.

Em ambos os exemplos, ao praticarem “feminilidades”, as atletas viram o seu desempenho na atividade esportiva colocado em segundo plano, enquanto a vida pessoal ganhou maior relevância.

Por outro lado, ao balancear “feminilidades” com “masculinidades”, a vitoriosa nadadora húngara Katinka Hosszú ganhou a alcunha “Dama de Ferro”, mas do tipo que está sempre acompanhada do marido: “Dama de Ferro pulveriza recorde mundial e leva o marido à loucura”.

Ao falar sobre mulheres no poder, jornalistas e apresentadores de televisão tendem a chamá-las de “bruxa”, a mencionar atributos físicos, sejam eles positivos ou negativos, e até a cogitar uma possível TPM⁵⁷ para justificar comportamentos não esperados.

O documentário ‘*Miss Representation*’ (2011) cita o momento em que um especialista em política opinou sobre uma mulher ser a presidente dos Estados Unidos. Ao ser questionado por um jornalista da ‘Fox News’ sobre qual seria o ponto negativo, ele responde: "Você quer dizer, além da TPM e das alterações de humor?".

Provavelmente não há influência mais poderosa no modo como vemos o poder do que a maneira como a mídia trata o poder. E a mídia trata o poder como ele tem sido definido por homens (MITCHELL apud ‘*Miss Representation*’, 2011).

3.4.3 Conclusão

De acordo com Lim (2009, p. 258), para o bem ou para o mal, as metáforas de poder baseadas no gênero são fundamentais para a criação e a compreensão de identidades e realidades. A ascensão meteórica de Hillary Clinton, que saltou de primeira-dama (*Madona* e *Rainha*) a senadora e, posteriormente, candidata a presidente (*Fora dos Padrões*, *Vadia* e *Bruxa*), gerou uma colisão entre os entendimentos existentes sobre poder e o papel das mulheres na esfera pública.

⁵⁷ TPM: tensão pré-menstrual. Conjunto de sintomas físicos e psicológicos que surgem alguns dias antes do período menstrual. A síndrome é causada por alterações hormonais e acomete um grande número de mulheres.

O domínio-alvo das metáforas de mulher no poder é um fenômeno relativamente desconhecido; já o domínio-fonte é o nosso entendimento do papel das mulheres na sociedade. Assim sendo, “é muito mais provável que tenhamos experimentado e, portanto, compreendamos as mulheres como mães e rainhas do que como senadoras ou presidentes⁵⁸” (LIM, 2009, p. 258) ou esportistas.

Ao praticar a inversão de papéis, as mulheres perturbam a hierarquia de gênero e, segundo Lim, concentram a nossa atenção na construção (ou desconstrução) social do gênero. A Mulher Fora dos Padrões tenta redefinir fronteiras, mas também consegue calibrar as suas transgressões, de acordo com o que o seu público pode tolerar. “Quando ela é vista como tendo ido longe demais, como alguns acreditam de Hillary Clinton, ela se transforma de Mulher Fora dos Padrões em Vadia e, depois, Bruxa⁵⁹” (LIM, 2009, p. 262).

O uso de metáforas de gênero na política é uma arte e exige sensibilidade ao lidar com estereótipos populares e culturais enraizados, embutidos na própria estrutura da linguagem. No entanto, essas metáforas de gênero não têm o poder de evitar a perpetuação de sistemas de sexo e gênero que privilegiam a “masculinidade” e os homens (HASTE, 1994 apud LIM, 2009).

Como essas metáforas estão enraizadas, pelo menos em parte, nos entendimentos existentes e, portanto, retrógrados, do papel das mulheres, elas devem ser implantadas com a menor parcimônia possível. Em vez de usar essas metáforas de forma irrefletida como figuras de linguagem convenientes, mesmo quando elas dão às mulheres líderes mais do que elas tomam, devemos questionar as ontologias incorporadas em seu uso. [...] O dia em que podemos discordar ou até mesmo odiar Hillary Clinton em uma linguagem que não é tendenciosa quanto ao gênero é o dia em que transcendemos o verdadeiro teto de vidro de igual respeito entre mulheres e homens⁶⁰ (LIM, 2009, 266-267).

⁵⁸ Tradução livre do inglês: *We are far more likely to have experienced and therefore understand women as mothers and beauty queens than as senators or presidents.*

⁵⁹ Tradução livre do inglês: *When she is perceived to have gone too far, as some believe Hillary Clinton has, she graduates from Unruly Woman to Bitch, and then to Witch.*

⁶⁰ Tradução livre do inglês: *As these metaphors are rooted, at least in part, on extant and therefore retrogressive understandings of women's roles, they should be deployed as sparingly as is possible. Instead of unreflectively using these metaphors as convenient figures of speech, even when they give to women leaders more than they take, we should question the ontologies embedded in their usage. [...] The day we can disagree or even hate Hillary Clinton in a language which is not gender-biased is the day where we have transcended the real glass ceiling of equal respect among women and men.*

3.5 Abuso de poder

"A forma mais comum das pessoas abdicarem de seu poder é pensando que não têm nenhum"

Alice Walker

“Abuso de poder” é a denominação dada por van Djik (2012, p. 12) para a dominação exercida pelas elites simbólicas. Por terem acesso privilegiado aos discursos públicos, estas controlam, também, a reprodução discursiva da dominação na sociedade em diversos setores, como na mídia, na política e na ciência.

O controle sobre a ação dos outros se dá também no interesse sobre os que exercem o poder, e contra os que são controlados, vindo daí o termo “abuso de poder” (VAN DJIK, 2012, p. 17).

Se as ações envolvidas são ações comunicativas, isto é, o discurso, então podemos, de forma mais específica, tratar do controle sobre o discurso de outros, que é uma das maneiras óbvias de como o discurso e o poder estão relacionados (VAN DJIK, 2012, p. 18).

Contudo, o controle praticado pelas elites vai além do discurso, pois visa manipular conhecimento, opiniões, atitudes e ideologias. Naturalmente, este controle da mente reflete-se no controle indireto das ações, que podem, por sua vez, manifestar-se na forma de discurso, influenciado pelo anterior. Resumidamente, é desta forma que ocorre o processo fundamental da reprodução de poder através do discurso. “Se o discurso controla mentes e mentes controlam ação, é crucial para aqueles que estão no poder controlar o discurso em primeiro lugar” (VAN DIJK, 2008, p. 18).

Vale mencionar que o poder tem que ser entendido aqui também em termos simbólicos ou culturais mais amplos do que, por exemplo, em termos de exploração econômica e coerção física, “incluindo o poder de representar alguém ou alguma coisa de certa maneira”, que tem a estereotipagem como um “elemento-chave deste exercício de violência simbólica” (HALL, 2016, p. 193).

A estereotipagem, muito presente no *corpus* desta dissertação, “é parte da manutenção da ordem social e simbólica. Ela estabelece uma fronteira simbólica entre o ‘normal’ e o ‘pervertido’, o ‘normal’ e o ‘patológico’, o ‘aceitável’ e o ‘inaceitável’, o ‘pertencente’ e o que não pertence ou é o ‘Outro’, [...] entre nós e eles” (HALL, 2016, p. 192). A estereotipagem ocorre com mais frequência em espaços onde existem grandes

desigualdades de poder e, de acordo com Dyer, citado por Hall (2016, p. 192), um dos seus aspectos é o etnocentrismo, que consiste na aplicação das normas da própria cultura para a dos outros. Em suma, por meio da estereotipagem, classificamos as pessoas segundo uma norma e definimos os excluídos.

Ao promover diferenciações na forma como notícia, a mídia confere visibilidade a atletas, competições, clubes e acontecimentos esportivos, exercendo, assim, o poder de definir quem está incluído e quem está excluído daquilo que é narrado (GOELLNER, 2007, p. 173). Constata-se, assim, que as “práticas de comunicação, intencionalmente ou não, subordinam as mulheres aos homens e aos seus interesses⁶¹” (BILLINGS; BUTTERWORTH; TURMAN, 2011, p. 124).

3.6 Abismo salarial

A ‘Revista Forbes’ divulgou em 15 de junho de 2017 uma lista anual denominada “Os Atletas Mais Bem Pagos do Mundo 2017⁶²”, na qual enumera os cem esportistas com ganhos mais altos. Para elaborar o *ranking*, a publicação considerou salários e bônus recebidos pelos profissionais entre 1º de Junho de 2016 e 1º de Junho de 2017.

Na tabela abaixo estão listados os dez mais bem colocados na classificação salarial da elite esportiva mundial, segundo a Forbes. Nota-se que não há mulheres nas primeiras posições:

Posição	Atleta	Modalidade	US\$
1ª	Cristiano Ronaldo (Portugal)	Futebol	93 milhões
2ª	LeBron James (EUA)	Basquete	86,2 milhões
3ª	Lionel Messi (Argentina)	Futebol	80 milhões
4ª	Roger Federer (Suíça)	Tênis	64 milhões
5ª	Kevin Durant (EUA)	Basquete	60,6 milhões
6ª	Andrew Luck (EUA)	Futebol americano	50 milhões
	Rory McIlroy (Reino Unido)	Golfe	50 milhões
8ª	Stephen Curry (EUA)	Basquete	47,3 milhões
9ª	James Harden (EUA)	Basquete	46,6 milhões
10ª	Lewis Hamilton (Reino Unido)	Fórmula 1	46 milhões

⁶¹ Tradução livre do inglês: *communication practices that, intentionally or not, subordinate women to men and men's interests.*

⁶² Tradução livre do inglês: *The World's Highest-Paid Athletes 2017*

TABELA 8 – Dez esportistas com maiores rendimentos

No *ranking* liderado pelo futebolista português Cristiano Ronaldo, que recebeu 93 milhões de dólares no período, a única mulher que figura entre os cem atletas com melhores salários é a tenista norte-americana Serena Williams. Ela não aparece na tabela acima por ocupar apenas a 51^a posição⁶³, ao contabilizar um ganho de 27 milhões de dólares no período.

Williams é a maior vencedora de *Grand Slams*⁶⁴ da modalidade, com 23, além de já ter sido a tenista número um do mundo. A atleta caiu onze posições na lista dos mais ricos em relação a 2016 após ter deixado as quadras momentaneamente para ser mãe.

Homens e mulheres podem fazer coisas parecidas e até mesmo praticar os mesmos esportes, mas a noção de que eles o fazem de maneiras esmagadoramente diferentes ainda é bastante prevalente na sociedade moderna. Como explicado em Messner (2002), as crenças de que “homens são de Marte e mulheres são de Vênus” são “evidências deprimentes de um essencialismo renovado - a crença de que mulheres e homens são tão natural e categoricamente diferentes que eles poderiam ser de planetas diferentes” (p. 1) permanece⁶⁵ (apud BILLINGS; BUTTERWORTH; TURMAN, 2011, p. 126).

3.7 Pensamento crítico

Por toda parte é possível encontrar mensagens de mídia que tendem a refletir padrões mais amplos na ordem de gênero, preservando o privilégio dos homens e a opressão das mulheres. Segundo Thompson e Armato (2012, p. 206), essa disparidade se cruza com raça, classe, sexualidade, idade, deficiência, nacionalidade e outros pontos, de maneira a reproduzirem um *status quo* de privilégio e opressão em relação a esses sistemas interligados.

⁶³ O 51º lugar no ranking de atletas mais ricos da revista Forbes é dividido entre a tenista norte-americana Serena Williams e o jogador de baseball da US Major League Baseball Ryan Howard.

⁶⁴ *Grand Slams* é um termo usado no tênis para denominar quando o mesmo atleta conquista os quatro torneios de tênis que ocorrem no mesmo ano.

⁶⁵ Tradução do inglês: *Males and females may do similar things and even play the same sports, but the notion that they do so in overwhelmingly different ways is still quite prevalent in modern society. As explained in Messner (2002), beliefs that “men are from Mars, and women are from Venus” are “depressing evidence of how a renewed essentialism – the belief that women and men are so naturally and categorically different that they might as well be from different planets” (p. 1) remains.*

Como explica van Dijk (2005, p. 75), “o poder da mídia é geralmente simbólico e persuasivo, pois controla, até certo ponto, as mentes do seu público, mas não tem o poder de controlar diretamente as suas ações”. Ou seja, o controle é feito de maneira indireta, “nos planos, conhecimentos, crenças e opiniões, que são representações mentais que monitorizam atividades concretas, as ações em si”.

Tendo a capacidade de comunicar ideias de grupos dominantes de forma rápida e sucinta para um vasto público, a mídia pode acabar por, simultaneamente, reforçar mensagens enganosas, negativas e estereotipadas. Entretanto, não importa o poder de influência exercido pela mídia, já que seu público não é um destinatário passivo. As pessoas podem escolher entre diferentes tipos de mídia e até se envolverem criticamente com o conteúdo veiculado (THOMPSON; ARMATO, 2012, p. 204).

Apesar do poder da mídia ser reconhecidamente grande, o público tem a capacidade de manter a sua autonomia e independência e “engaja-se mais ou menos ativamente no ‘uso’ dos meios de comunicação de massa, em vez de adotar uma posição puramente passiva”. Ou seja, por maior que seja o poder simbólico da mídia, sempre terá quem seja capaz de questionar e “resistir” a tal persuasão (VAN DIJK, 2005, p. 75).

Isso significa dizer que, ao mesmo tempo em que as mídias potencialmente moldam o que sabemos e como percebemos o mundo, o público não absorve negligentemente o que é divulgado pelos meios de comunicação, mas sim cria os seus próprios significados a partir do que lhe foi apresentado.

Vale ressaltar que “os meios de comunicação não são monolíticos, impondo ideias dominantes a todos. A mídia, como todas as instituições sociais, é um lugar onde ideias e práticas pertencentes ao gênero e suas interseções com outros sistemas de desigualdade podem ser contestadas”⁶⁶ (THOMPSON; ARMATO, 2012, p. 206).

Dessa forma, a mídia também é questionada e utilizada na luta por justiça social. “As pessoas não imitam passivamente o que veem e ouvem; eles exercitam sua agência individual e coletiva e fazem escolhas sobre quais mídias usar e como usá-las”⁶⁷. Ao pensar em mídia, devemos considerar tanto o poder da mídia quanto dos indivíduos e grupos receptores (THOMPSON; ARMATO, 2012, p. 206).

⁶⁶ Tradução do inglês: *The media are not monolithic, imposing dominant ideas upon everyone from above. Media, like all social institutions, are places where ideas and practices pertaining to gender and its intersection with other systems of inequality may be contested.*

⁶⁷ Tradução do inglês: *People do not passively mimic what they see and hear; they exercise their individual and collective agency and make choices about which media to use and how to use them.*

Uma campanha no Twitter com a *hashtag* #CoverTheAthlete⁶⁸ é um exemplo de como o público recebe criticamente os conteúdos da mídia e manifesta-se sobre eles. Incomodados com a cobertura dos Jogos Olímpicos de 2016, usuários da rede social compartilharam conteúdos com comentários sexistas considerados inadequados utilizando a *hashtag* #CoverTheAthlete. Desta forma, passaram a expor e estimular uma discussão a respeito de conteúdos inadequados divulgados pela mídia, exigindo que os meios de comunicação concentrassem a sua cobertura no desempenho das atletas em vez de suas aparências.

Esse movimento, que se popularizou em 2016, surgiu no ano de 2015, em reação à abordagem de um comentarista australiano, que pediu à tenista canadense Eugenie Bouchard para “dar uma voltinha e contar sobre a sua roupa”. Os telespectadores consideraram a entrevista abusiva e teceram comentários a respeito no Twitter usando a *hashtag* #CoverTheAthlete.

O site ‘covertheathlete.com’ descreve o movimento como combatente a “comentários sexistas, perguntas inadequadas em entrevistas e artigos focados na aparência física”⁶⁹, justificando que estas ações “não apenas trivializam as realizações de uma mulher, mas também transmitem uma mensagem de que seu valor é baseado em sua aparência, não em sua capacidade”⁷⁰.

Os organizadores da campanha ressaltam a importância das grandes empresas de comunicação e das mídias locais fazerem uma cobertura sem diferenciação de gênero. Alguns dos conteúdos analisados no *corpus* dessa dissertação foram compartilhados com a *hashtag* #CoverTheAthlete, sendo amplamente discutidos pelos usuários do Twitter.

Diversos outros grupos feministas realizam campanhas com propósitos semelhantes. Outro exemplo é o projeto que resultou no ‘Minimanual de Jornalismo Humanizado’, da Organização não Governamental (ONG) brasileira ‘Think Olga’, que se autodescreve como uma “ONG feminista criada em 2013, com o objetivo de empoderar mulheres por meio da informação”.

Disponível online no site da organização, o manual lista “dicas para jornalistas e veículos que desejam limpar sua comunicação de preconceitos” e tornar a “leitura de

⁶⁸ Cubra a atleta, em inglês.

⁶⁹ Tradução do inglês: *Sexist commentary, inappropriate interview questions, and articles focused on physical appearance.*

⁷⁰ Tradução do inglês: *not only trivializes a woman’s accomplishments, but also sends a message that her value is based on her looks, not her ability.*

notícias uma experiência agradável e respeitosa para pessoas tão diversas quanto a humanidade pode ser”.

O tópico ‘Estereótipos nocivos’, por exemplo, critica a utilização da metáfora “musa”, muito presente no *corpus* desta dissertação, para caracterizar a mulher, e aborda a contribuição da mídia na obsessão pela forma física e por dietas, erotização e pressões estéticas na infância e adolescência, gordofobia, supervalorização de arquétipos e manutenção de privilégios, entre outros tópicos, sugerindo transformações na forma como as notícias são apresentadas aos públicos, denominadas de “boas práticas”.

Outro exemplo de campanha *online*, que está em evidência no momento, é o movimento #MeToo⁷¹, que reúne denúncias de assédio sexual e abusos contra mulheres. O movimento surgiu em 2017, após virem a público acusações de assédio e abuso sexual de atrizes contra o produtor de cinema Harvey Weinstein. Isto incentivou muitas mulheres, não só da indústria cinematográfica, a divulgarem situações de assédio.

Por meio das campanhas citadas e tantos outros casos, nota-se uma relação paradoxal entre gênero e mídia: “ao mesmo tempo em que a mídia perpetua imagens de gênero prejudiciais, cria oportunidades para a distribuição massiva de críticas e imagens de gênero alternativas”⁷² (THOMPSON; ARMATO, 2012, p. 204-205).

A percepção da diferenciação, seguida de uma reação por parte da audiência, pode ser considerada um importante passo para a transformação na forma como a mídia exerce o seu poder sobre as mulheres. Ao fazerem publicações apontadas como inadequadas, os veículos de comunicação passam a ser questionados e atacados. Em muitos casos, precisam retratar-se publicamente, além de terem perdas consideráveis no seu público, na sua imagem e, conseqüentemente, nos seus negócios.

Mesmo a igualdade de gênero estando a séculos de se concretizar, atitudes individuais e de grupos locais têm ganhado destaque e colaborado para colocar a causa em questão e evoluções são notáveis.

⁷¹ Eu também, em inglês.

⁷² Tradução do inglês: *media simultaneously perpetuate harmful gender images, while also creating opportunities for the mass distribution and alternative gender images.*

Capítulo 4: Análise do *corpus*

4.1 Metodologia

Os dados analisados nesta pesquisa foram extraídos de websites dedicados a notícias de esportes e de websites de notícias gerais, que possuem uma editoria de esportes. As páginas, de países variados, são em português (europeu e brasileiro), inglês e espanhol.

Os veículos consultados foram:

PORTUGUÊS	INGLÊS	Express (Reino Unido)
ESPN (Brasil)	CBC (Canadá)	Mirror (Reino Unido)
Estadão (Brasil)	BBC (EUA)	The Sun (Reino Unido)
Extra (Brasil)	Chicago Tribune (EUA)	The Telegraph (Reino Unido)
Folha de S. Paulo (Brasil)	CNN (EUA)	-
Globo.com (Brasil)	ESPN (EUA)	ESPAÑHOL
Globoesporte.com (Brasil)	HuffPost (EUA)	Cinco Dias (Argentina)
HuffPost Brasil (Brasil)	La Opinion (EUA)	Clarín (Argentina)
IG (Brasil)	NBC (EUA)	La Nacion (Argentina)
LANCE! (Brasil)	New York Post (EUA)	Más Deportes (Argentina)
O Globo (Brasil)	People (EUA)	Olé (Argentina)
R7 (Brasil)	Sports Illustrated (EUA)	ABC (Espanha)
RedeTV (Brasil)	Sporting News (EUA)	AS (Espanha)
Terra (Brasil)	Star Tribune (EUA)	El Diario (Espanha)
Terra (Brasil)	The Athletic Build (EUA)	El Mundo (Espanha)
Torcedores.com (Brasil)	The Eagle (EUA)	El Pais (Espanha)
UOL (Brasil)	The Guardian (EUA)	La Informacion (Espanha)
Yahoo (Brasil)	The New York Times (EUA)	Marca (Espanha)
Diário de Notícias (Portugal)	The Sportster (EUA)	Mundo Deportivo (Espanha)
Jornal de Notícias (Portugal)	thestar.com (EUA)	Vanguardia (Espanha)
O Jogo (Portugal)	USA Today (EUA)	Depor.com (Peru)
Record (Portugal)	RTÉ Sport (Irlanda)	La Republica (Peru)
Sapo (Portugal)	Daily Mail (Reino Unido)	RPP (Peru)
Tvi 24 (Portugal)	Daily Star (Reino Unido)	-

TABELA 9 – Fontes

A pesquisa *online* foi feita no mês de novembro de 2017; entretanto, as matérias são datadas de agosto de 2016, quando ocorreram as Olimpíadas do Rio de Janeiro. No levantamento buscou-se por conteúdos que fizessem referência às esportistas que

participaram dos Jogos Olímpicos do Rio e, mais especificamente, textos que fizessem uso de conceitualizações metafóricas e metonímicas de gênero.

O levantamento dos dados foi realizado por meio de sites de busca, visto que, no momento da coleta dos dados, grande parte dos veículos não mais disponibilizava as notícias sobre os Jogos Olímpicos de 2016 em *links* de fácil acesso a partir das suas *homepages*. Foram priorizados meios de comunicação populares e do alcance do grande público, procurando mesclar páginas dedicadas especificamente à cobertura esportiva, como ‘A Bola’ e ‘Olé’, com outras de notícias gerais, como ‘Daily Mail’ e ‘El País’, bem como meios de comunicação mais conservadores, como ‘The New York Times’ e ‘Folha de S. Paulo’, com tabloides, como ‘The Sun’ e ‘Mirror’. No entanto, nenhum veículo que se enquadre nos quesitos citados foi priorizado em detrimento de outro, ou seja, dentre websites com perfis diversificados e consultados pelo grande público, a busca foi feita de maneira aleatória, até a localização das conceitualizações metafóricas desejadas.

Vale ressaltar que algumas das expressões destacadas poderiam também ser usadas para referir-se a atletas homens, embora apareçam com menor frequência por conta da diferenciação na forma como indivíduos de ambos os gêneros são retratados pela mídia, abordada no capítulo anterior.

O *corpus* desta pesquisa é composto por 250 fragmentos de notícias, como pode ser visto na íntegra no ANEXO 1. O volume foi estabelecido em 250 por considerar que ele nos permite ter uma visão suficientemente abrangente para alcançar os objetivos desta dissertação de mestrado em Cultura e Comunicação.

Cinquenta conteúdos foram analisados individualmente. Nesta amostra, buscou-se destacar um percentual semelhante de cada tipo de conceitualização nos diferentes idiomas. A escolha se deu por trechos que exemplificassem situações mais recorrentes e, assim, suficientes para a representação do todo. Os trechos destacados como amostra são:

(1) Essa garota está fazendo tempos respeitáveis para homens ⁷³
(2) Phelps de maiô?
(3) Muito rápida para ser uma mulher? ⁷⁴
(4) Existe uma mulher que joga futebol melhor do que você

⁷³ Tradução livre do inglês: *This girl is doing respectable times for guys*

⁷⁴ Tradução livre do espanhol: *¿Demasiado rápida para ser una mujer?*

(5) Lydia Valentín, Hércules de maquiagem ⁷⁵
(6) O que é melhor do que uma medalha olímpica? Um pedido de casamento! ⁷⁶
(7) Por si só, conquistar uma prata olímpica já seria motivo de uma grande felicidade. No entanto, a chinesa conseguiu uma alegria ainda maior: foi pedida em casamento, logo após deixar a cerimônia de premiação no pódio
(8) A jogadora de 28 anos vai se casar com um militar em dezembro e quer caber no vestido para o dia mais importante da sua vida
(9) A nova mãe ficou em terceira nos 100 metros borboleta feminino ⁷⁷
(10) A primeira mulher a concluir cinco maratonas olímpicas tem 40 anos, é mãe de cinco filhos e se despediu do atletismo nas ruas do Rio de Janeiro representando o Chile ⁷⁸
(11) Apesar do pânico, as meninas tinham uma coisa na cabeça – medalhas ⁷⁹
(12) A tenista canadense Eugenie Bouchard pensou muito, refletiu e decidiu ter coragem de enfrentar as nebulosas informações sobre o vírus da Zika e vir aos Jogos do Rio de Janeiro
(13) As meninas não diminuíram o ritmo, mas sofreram um golpe
(14) Sempre tem sido uma menina com caráter especial ⁸⁰
(15) Saltadora brasileira se desentende com companheira de equipe ao levar canoísta para quarto compartilhado na Vila Olímpica para ‘maratona de sexo’ ⁸¹
(16) Musa da esgrima, Amanda Simeão admite que rolou paquera na Rio 2016
(17) Nossa sereia do nado sincronizado, Lorena Molina, já está na contagem regressiva para os Jogos
(18) Após a conquista da medalha de ouro pela sua equipe nas Olimpíadas de Londres em 2012, que ela desempenhou um papel importante, Morgan tornou-se uma grande celebridade na América, e não apenas por causa de suas vitórias atléticas ⁸²
(19) Patrícia Mamona encanta fotógrafos do Rio
(20) Thaisa Pallesi com atributos para Miss Jogos Olímpicos
(21) Teresa Almeida, uma goleira sem complexos ⁸³
(22) Elas estão fora da Rio-2016, mas batem um bolão fora do esporte
(23) Algumas atletas do esporte mundial não vão poder mostrar seus talentos nas Olimpíadas 2016, no Rio de Janeiro, seja por suspensão, corte, desclassificação ou desistências. Mas, além disso, os Jogos também vão perder grandes nomes a musas da Rio-2016
(24) Seja no atletismo, natação ou futebol, a beleza feminina foi marca registrada nos Jogos do Brasil. Confira as gatas que estiveram no evento
(25) Tem muita atleta gata prometendo brilhar e conquistar ouro. Pensando nisso, o Purebreak fez uma listinha para apresentar essas musas
(26) Aos 22 anos, a esgrimista Amanda Simeão não conquistou medalhas em sua estreia em Olimpíada na Rio 2016, mas deu o que falar por sua beleza
(27) Linda, craque e adora ver futebol na TV. Conheça Alex Morgan
(28) Ellen Hoog é muito mais que um rosto bonito
(29) Elodie Clouvel: a francesinha tem rosto de atriz! Com 27 anos, ela arrasa no pentatlo moderno

⁷⁵ Tradução livre do espanhol: *Lydia Valentín, una Hércules con maquillaje*

⁷⁶ Tradução livre do inglês: *What's better than an Olympic medal? A proposal!*

⁷⁷ Tradução livre do inglês: *The new mom came in third in the women's 100-meter butterfly*

⁷⁸ Tradução livre do espanhol: *La primera mujer en concluir cinco maratones olímpicos tiene 40 años, es madre de cinco hijos y se despidió del atletismo en las calles de Río de Janeiro representando a Chile*

⁷⁹ Tradução livre do inglês: *Despite the panic, the girls had one thing on their minds – their medals*

⁸⁰ Tradução livre do espanhol: *Siempre ha sido una niña con carácter especial*

⁸¹ Tradução livre do inglês: *Brazilian diver falls out with team mate by bringing canoeist back to shared Olympic Village room for 'marathon sex session'*

⁸² Tradução livre do inglês: *Following her team's gold medal win at the 2012 London Olympics, which she played a huge role in assuring, Morgan became a big celebrity in America, and not just because of her athletic accomplishments.*

⁸³ Tradução livre do espanhol: *Teresa Almeida, una portera sin complejos*

que inclui natação, esgrima, tiro esportivo, corrida e hipismo. Quanta coisa, não?
(30) Encanto em um salto ⁸⁴
(31) As bonecas suecas ⁸⁵
(32) Bia e Branca já haviam há algum tempo causado espanto pelo físico, quando abandonaram o corpo mais de meninas com que ficaram famosas e passaram a ostentar abdomens sarados
(33) Mas não espere encontrar, na internet, discussões sobre seu desempenho nas pistas
(34) Se a visse na Aldeia Olímpica, provavelmente não diria que se tratava de uma atleta, mas a verdade é que, mesmo com 98 kg, está brilhando e já conquistou o apoio... até do público brasileiro
(35) A goleira chama atenção por suas boas defesas e também por sua forma física
(36) Lorena Molinos é carioca da gema e possui um corpo que lembra as mais belas curvas do Rio de Janeiro
(37) O homem responsável ⁸⁶
(38) Húngara passou a dominar as piscinas desde que começou a ser treinada pelo namorado
(39) Rivas, o homem que converteu em ouro as birras de Carolina ⁸⁷
(40) Mulher do atacante do Bears ganha medalha de bronze ⁸⁸
(41) A russa Egorian ganhou o ouro na categoria de sabre no Rio, mas não gosta de nada mais do que tirar a roupa pesada e relaxar em seu biquíni ⁸⁹
(42) Quem precisa de uma medalha quando pode se divertir muito mais usufruindo de todo o resto? ⁹⁰
(43) Depois das cinco medalhas, Simone Biles realizou um dos maiores sonhos da sua vida, ao conhecer no Rio de Janeiro o ator Zac Efron
(44) Bia e Branca Feres estão a causar furor na Aldeia Olímpica, no Rio de Janeiro
(45) Claro, elas são as melhores atletas do mundo em termos de força, velocidade e talento, mas essas atletas olímpicas também estão no topo quando se trata de simplesmente serem gostosas ⁹¹
(46) Serena Williams – Você sabe quem ela é, especialmente se você gosta de bunda ⁹²
(47) Gêmeas brasileiras fazem subir temperatura no Rio 2016
(48) Apontada como atleta mais sexy do mundo, Alex Morgan é séria candidata a musa da Olimpíada
(49) Esportistas olímpicas espanholas que despertam mais paixões ⁹³
(50) Vistas como uma das mais belas equipes dos Jogos Olímpicos, as holandesas brincaram com o rótulo e acreditam que isso não interfere nada dentro de campo, no entanto, esse fator pode fazer com que os torcedores compareçam aos jogos

TABELA 10 – Amostra *corpus*

A análise a seguir foi realizada do ponto de vista cognitivo. Em suma, propõe-se identificar as metáforas e metonímias e categorizá-las, considerando a conexão existente entre o linguístico e o social, reconhecendo, assim, a intenção dessas construções.

⁸⁴ Tradução livre do espanhol: *Encanto en un salto*

⁸⁵ Tradução livre do espanhol: *Las muñecas suecas*

⁸⁶ Tradução livre do inglês: *The man responsible*

⁸⁷ Tradução livre do espanhol: *Rivas, el hombre que convirtió en oro las rabietas de Carolina*

⁸⁸ Tradução livre do inglês: *Wife of Bears' lineman wins bronze medal*

⁸⁹ Tradução livre do inglês: *Russian Egorian won gold in the sabre category in Rio but likes nothing more than to take off her heavy costume and relax in her bikini*

⁹⁰ Tradução livre do inglês: *Who needs a medal when you can have this much fun experiencing everything else?*

⁹¹ Tradução livre do inglês: *Sure, they're the best athletes in the world in terms of strength, speed and talent, but these sizzlin' Olympians are also on top of their game when it comes to simply being hot*

⁹² Tradução livre do inglês: *Serena Williams - You know who she is, especially if you like booty*

⁹³ Tradução livre do espanhol: *Deportistas olímpicas españolas que despiertan más pasiones*

Os contextos nos quais os textos estão inseridos são de grande relevância, visto que muitas das expressões não possuem os mesmos significados se observadas isoladamente. Em alguns exemplos foi identificada intertextualidade⁹⁴, ou seja, são casos em que a compreensão da sentença depende de imagens que ilustram a matéria ou outros discursos previamente conhecidos.

Apesar de os exemplos serem reais e situados num contexto definido, como a coleta dos dados não teve um caráter sistemático, o *corpus* é ilustrativo. Desta forma, não se pretende uma análise quantitativa.

Vale lembrar que as notícias foram publicadas durante os Jogos Olímpicos do Rio no ano de 2016, tendo em vista o papel desempenhado pela imprensa no reforço da ordem social. Na análise, serão descritos os acontecimentos nos quais as atletas e outros indivíduos citados estiveram envolvidos. Desta forma, a compreensão da intenção da mídia com o conteúdo publicado pode ser elucidada.

Apesar de o grande volume de conteúdo selecionado tornar a análise extensa e exaustiva, não houve dificuldade em localizar os elementos buscados nas notícias. Isso comprova que o padrão das narrativas contemporâneas sobre atletas do sexo feminino é atrelado à sua aparência, sexualidade e papel na sociedade (THOMPSON; ARMATO, 2012, p. 227).

4.2 Análise qualitativa

A análise cognitiva das expressões utilizadas para descrever mulheres atletas durante os Jogos Olímpicos – Rio 2016 foi feita de acordo a interpretação dos fragmentos de textos selecionados, levando em conta o fato de a comunicação social ressaltar, seja de modo consciente ou não, determinados fatos e características das atletas em detrimento de outros.

No estudo das conceitualizações metafóricas e metonímicas destacadas, como prega a perspectiva conceitual, segundo Lakoff e Johnson (1980, p.48), não foram considerados apenas o léxico e suas propriedades, mas sim os conceitos implícitos em cada expressão, sob o ponto de vista semântico.

⁹⁴*Diccionario de análisis del discurso*: intertextualidade é tanto uma propriedade constitutiva do texto quanto o conjunto de relações explícitas ou implícitas que um texto ou um grupo de textos mantém com outros textos. Segundo Barthes (1973), texto é um intertexto, pois outros textos são apresentados nele, em níveis variados e em formas mais ou menos reconhecíveis.

Também é válido pontuar que, em todos os exemplos citados, o leitor não tem dificuldade em identificar o significado do texto, visto que são expressões de uso comum e cotidiano.

Cabe lembrar que tanto a análise do léxico quanto a conceitual não são suficientes para a compreensão do significado das conceitualizações, visto que, em muitos casos, conceitos implícitos na metáfora e a metonímia não estão associados aos elementos que as compõem. Esses conceitos são construídos por modelos prototípicos ou estereótipos vigentes ainda hoje no século XXI.

Esta constatação é corroborada pela teoria conceitualista de Lakoff e Johnson (1980, p. 53), que afirma que o fato de as propriedades do domínio-fonte não servirem para interpretação da metáfora se justifica por não haver um mapeamento conceitual preestabelecido. A ausência desse mapeamento torna necessária a criação de significados a partir de experiências físicas, culturais e/ou sociais.

Nos exemplos, a mídia, incumbida de reforçar os valores da sociedade na qual está inserida, retrata a mulher como um ser frágil, altamente sexualizado, belo, submisso e com um papel social limitado ao âmbito familiar. Já o homem é apontado como um indivíduo forte, inteligente, habilidoso e poderoso.

Esta análise é uma demonstração da forma como a mulher é vista na sociedade, sabendo que construções sociais são traduzidas por meio dos significados e conceitos inerentes à linguagem.

Observou-se que os termos usados para referir-se às atletas constituem 12 categorias, sendo que o domínio-alvo MULHER ATLETA está presente em apenas uma. As oito categorias mais abrangentes e também mais recorrentes dão nome aos tópicos a seguir.

Fez-se a opção de não categorizar, no presente trabalho, a maior parte das metáforas como sendo do domínio-alvo MULHER ATLETA por entender que, como explicado no tópico “3.3 A linguagem do esporte na mídia” desta dissertação, as atletas são retratadas pela imprensa primeiramente como mulheres, sendo sexualizadas, e com ênfase em suas atividades no âmbito familiar. Assim sendo, grande parte das conceitualizações metafóricas e metonímicas aqui identificadas também pode ocorrer na caracterização de mulheres que realizam qualquer atividade. Então, o domínio-alvo é simplesmente MULHER.

A única conceitualização com o domínio-alvo MULHER ATLETA é MULHER ATLETA É HOMEM, já que, nesse caso, a atividade esportiva desenvolvida pelo

indivíduo tem relevância. Em todos os exemplos dessa categoria expostos a seguir nota-se que é atribuída “masculinidade” à atleta, aproximando o seu desempenho na atividade esportiva ou o seu comportamento esperado de indivíduos do sexo masculino.

4.2.1 MULHER ATLETA É HOMEM

Ao todo, a conceitualização metafórica MULHER ATLETA É HOMEM foi identificada em 20 fragmentos da pesquisa. Para efeito de análise individual, foram selecionados cinco deles, conforme segue:

(1) “Essa garota está fazendo tempos respeitáveis para homens” (USA Today)

O jornal citou a declaração do nadador Ryan Lochte para explicar o sucesso da também nadadora Katie Ledecky nas piscinas. De acordo com o atleta e com a publicação, Ledecky possuía nove títulos mundiais e bateu 12 recordes mundiais antes de completar 20 anos por nadar como um homem.

Ao assumir que os homens são mais rápidos que as mulheres, o texto sugere que mulheres são lentas. Assim, temos as conceitualizações metafóricas: **MULHER É LENTIDÃO** e **MULHER ATLETA É HOMEM**.

(2) “**Phelps de maiô?**” (GloboEsporte.com)

O site referiu-se à nadadora Katinka Hosszú como a versão feminina do também nadador Michael Phelps. Para enfatizar o sucesso de Hosszú nas piscinas olímpicas, a publicação optou por realizar uma comparação na qual substituiu o nome da esportista pelo de Phelps, citando trajes de banho femininos para que fosse possível identificá-la.

Temos aqui novamente a conceitualização metafórica: **MULHER ATLETA É HOMEM**.

(3) “**Muito rápida para ser uma mulher?**” (La Vanguardia)

O jornal questiona se a corredora sul-africana Caster Semenya é mesmo uma mulher, pelo fato de ser muito rápida. A atleta ficou conhecida por ter alto nível de testosterona⁹⁵ e frequentemente foi levantado o debate de que ela não deveria ser habilitada a competir com mulheres. Semenya afirmou diversas vezes ser simplesmente uma mulher rápida.

⁹⁵ Dicionário Michaelis: Hormônio sexual masculino (C19H28O2) produzido nos testículos (apesar de a descrição no dicionário limitar o termo ao sexo masculino, a testosterona também está presente em mulheres, embora em concentrações menores, colaborando para a diferenciação dos sexos).

Neste exemplo, novamente fica subentendido que o homem é tido como sendo mais rápido do que a mulher. Assim, temos: **MULHER É LENTIDÃO** e **MULHER ATLETA É HOMEM**.

(4) “**Existe uma mulher que joga futebol melhor do que você**” (Globo.com)

Ao assumir que os leitores, em sua maioria homens – como vimos no tópico 3.2 Mulheres na mídia –, jogam futebol melhor do que as mulheres, incluindo as futebolistas profissionais, o site afirma que a norte-americana Alex Morgan é uma exceção à regra.

Assim, fica subentendido que homem joga futebol melhor do que mulher. **MULHER ATLETA É HOMEM**.

(5) “**Lydia Valentín, Hércules de maquiagem**” (ABC)

A halterofilista Lydia Valentín é referida como um semideus mitológico conhecido por sua força. O elemento ficcional transporta a sua aparência musculosa e força física à atleta. Ao mesmo tempo em que é forte como um semideus, Valentín é vaidosa, característica atribuída às mulheres por meio de estereótipo de gênero.

Portanto, pode-se retirar as conceitualizações: **HERÓI É FORÇA**, **MULHER É BELEZA** e **MULHER ATLETA É HOMEM**.

Nos exemplos em que a conceitualização metafórica MULHER ATLETA É HOMEM foi identificada, a MULHER ATLETA (domínio-alvo) é referida como se fosse um HOMEM (domínio-fonte), ao ser atribuída a ela uma certa “masculinidade” por conta de um bom desempenho no esporte, esperado de pessoas do sexo masculino.

4.2.2 MULHER É FAMÍLIA

A conceitualização metafórica MULHER É FAMÍLIA foi identificada em 28 fragmentos da pesquisa, dos quais cinco foram selecionados para análise:

(6) “**O que é melhor do que uma medalha olímpica? Um pedido de casamento!**” (CBC)

A atleta de saltos ornamentais He Zi foi pedida em casamento logo após receber uma medalha.

Ao afirmar que casamento é melhor do que medalha olímpica, podemos concluir que, ao menos para as mulheres, ter uma família é mais importante do que ter uma profissão.

Assim, temos: **MULHER É FAMÍLIA.**

(7) **“Por si só, conquistar uma prata olímpica já seria motivo de uma grande felicidade. No entanto, a chinesa conseguiu uma alegria ainda maior: foi pedida em casamento, logo após deixar a cerimônia de premiação no pódio”** (Estadão)

Bem como no exemplo anterior, é dado maior valor ao pedido de casamento que a saltadora He Zi recebeu do que à conquista da medalha nos Jogos. Temos novamente a conceitualização: **MULHER É FAMÍLIA.**

(8) **“A jogadora de 28 anos vai se casar com um militar em dezembro e quer caber no vestido para o dia mais importante da sua vida”** (Globoesporte.com)

A goleira de handebol da equipe angolana, Teresa Almeida, foi muito noticiada por ser considerada acima do peso para a prática esportiva. A matéria afirma que o único motivo para a atleta olímpica emagrecer seria “o dia mais importante da sua vida”, o casamento.

Assim, o texto afirma que o casamento é mais importante do que o esporte, pois a família é mais importante do que a profissão e ser esposa é melhor do que ser atleta. Temos novamente a conceitualização: **MULHER É FAMÍLIA.**

(9) **“A nova mãe ficou em terceira nos 100 metros borboleta feminino”** (Huffington Post)

A nadadora Dana Vollmer é mulher, mãe, esposa etc., além de atleta. No entanto, a publicação opta por referir-se a ela como mãe, mesmo ao narrar os seus feitos enquanto atleta, utilizando-se da metonímia **FUNÇÃO POR PESSOA.**

Com esta construção, o objetivo do site é enfatizar o fato de Vollmer ter dado à luz poucos meses antes do evento, uma vez que muitas mulheres não retornam às suas atividades profissionais imediatamente após o parto, e ressaltar o paradoxo entre ser mãe e atleta de alto rendimento.

Assim, é possível concluir que ser mãe é mais relevante do que ser atleta e que mãe não é atleta. Temos a conceitualização: **MULHER É FAMÍLIA.**

(10) **“A primeira mulher a concluir cinco maratonas olímpicas tem 40 anos, é mãe de cinco filhos e se despediu do atletismo nas ruas do Rio de Janeiro representando o Chile”** (La Nacion)

O site exaltou a vida pessoal e familiar da vitoriosa maratonista chilena Erika Olivera ao noticiar a sua aposentadoria do atletismo nas Olimpíadas do Rio. Neste caso, concluímos mais uma vez que **MULHER É FAMÍLIA.**

Em todos os exemplos em que a conceitualização MULHER É FAMÍLIA foi utilizada, a atleta é descrita como mãe, esposa ou dona de casa, evidenciando o que ainda é considerado como o seu principal papel na sociedade: a sua atuação no âmbito familiar.

4.2.3 MULHER É FRAGILIDADE

A conceitualização metafórica MULHER É FRAGILIDADE foi identificada em 20 fragmentos da pesquisa, dos quais quatro foram selecionados para análise individual:

(11) **“Apesar do pânico, as meninas tinham uma coisa na cabeça – medalhas”** (Express)

A reportagem relata momentos de pânico vividos pela equipe norte-americana de ginástica após soar um alarme de incêndio durante o treino. Por meio da metonímia **OBJETO POR AÇÃO**, o texto diz que, apesar do susto, elas conseguiram focar-se em vencer a competição.

Ao afirmar que o soar de um alarme gerou “pânico”, ao mesmo tempo em que se refere às profissionais como “meninas”, o site sugere uma certa fragilidade por parte das atletas.

Assim, é possível concluir que mulheres são meninas, e que pequenas adversidades podem tornar-se grandes desafios. Temos a conceitualização: **MULHER É FRAGILIDADE**.

(12) **“A tenista canadense Eugenie Bouchard pensou muito, refletiu e decidiu ter coragem de enfrentar as nebulosas informações sobre o vírus da Zika e vir aos Jogos do Rio de Janeiro”** (UOL)

Bouchard ficou conhecida após fazer publicações nas redes sociais sobre suas preocupações em relação ao vírus da Zika⁹⁶ antes de sua ida ao Brasil. As declarações chegaram a ser apontadas como preconceituosas.

Apesar de “enfrentamento” estar associado à guerra, a construção visa evidenciar um medo ou fraqueza de Bouchard em relação às doenças causadas pelo vírus da Zika.

⁹⁶ Vírus da Zika: transmitida na maior parte das vezes pelo mosquito *Aedes aegypti*, a doença causa um quadro de mal-estar geral, com febre e manchas pelo corpo. Pode ter complicações tais como microcefalia em bebês de mulheres infectadas durante a gravidez e síndrome de Guillain-Barré (doença autoimune que afeta o sistema nervoso). A incidência da doença aumentou no Brasil no período das Olimpíadas.

Assim, tal qual no exemplo anterior, pequenas adversidades são retratadas na reportagem como grandes desafios que as atletas foram capazes de enfrentar. Desta forma, concluímos que **MULHER É FRAGILIDADE**.

(13) **“As meninas não diminuíram o ritmo, mas sofreram um golpe”** (GloboEsporte.com)

O site infantiliza e ressalta a fragilidade da equipe de futebol feminino do Brasil ao chamar as atletas de “meninas” e ao afirmar que a saída de uma jogadora lesionada durante a partida representa “um golpe”.

Neste caso, assim como nos exemplos (11) e (12), pequenas adversidades são colocadas como grandes desafios para as atletas. Além disso, a construção dessas notícias evidencia como demonstrações de coragem por parte de mulheres impressionam. Temos: **MULHER É FRAGILIDADE**.

(14) **“Sempre tem sido uma menina com caráter especial”** (El País)

O site infantiliza a ginasta espanhola Carolina Rodríguez ao chamá-la de “menina”.

Como mulher é criança e criança é frágil, subentende-se que **MULHER É FRAGILIDADE**.

Nos exemplos em que aparece a conceitualização **MULHER É FRAGILIDADE**, a mulher é retratada como uma pessoa sensível, que sofre ao lidar com pequenas adversidades, ou vista como uma criança frágil e dependente de adultos.

4.2.4 MULHER É SEXO

A conceitualização metafórica **MULHER É SEXO** foi identificada em 14 fragmentos da pesquisa, dos quais foram selecionados dois para análise, conforme abaixo:

(15) **“Saltadora brasileira se desentende com companheira de equipe ao levar canoísta para quarto compartilhado na Vila Olímpica para ‘maratona de sexo’”** (Telegraph)

A publicação ironiza o fato de a atleta de saltos ornamentais brasileira Ingrid de Oliveira levar o canoísta Pedro Henrique Gonçalves ao seu quarto compartilhado com a companheira de equipe Giovanna Pedroso.

Ao utilizar o trocadilho “maratona de sexo”, colocado entre aspas, fica clara a intenção do jornalista de fazer uma brincadeira com o envolvimento sexual entre os atletas, que acabou se tornando público e virando notícia, e com o fato de Oliveira ser uma esportista. Vale citar que o texto aborda exclusivamente a vida pessoal da atleta e só menciona o seu parceiro.

Podemos concluir que sexo é mais importante do que esporte. Mulher atleta é sexualizada. **MULHER É SEXO.**

(16) “**Musa da esgrima, Amanda Simeão admite que rolou paquera na Rio 2016**” (RedeTV)

“Musa” é um ser mitológico que inspira os poetas (LOPES, 2005, p. 76). A expressão é utilizada somente para referir-se a mulheres, na intenção de afirmar que elas trazem inspiração, seja pela sua beleza, pela atividade que exercem ou simplesmente pela sua existência. Nas notícias de esportes, a aplicação mais comum do termo “musa” é para referir-se à beleza da atleta, o que pode ser visto numa série de exemplos presentes no *corpus* desta dissertação.

Ao tratar a mulher como “musa”, a publicação opta por exaltar atributos não associados à prática esportiva. O mesmo ocorre na pergunta feita a Simeão, que se refere exclusivamente à sua vida pessoal.

Assim, entendemos que sexo é mais importante do que esporte. Mulher atleta é sexualizada. **MULHER É BELEZA e MULHER É SEXO.**

Em todos os exemplos citados em que a conceitualização MULHER É SEXO foi identificada, características do domínio-alvo MULHER relacionadas ao comportamento sexual, existentes ou criadas pelos jornalistas (homens heterossexuais, como mostra o tópico “3.2 Mulheres na mídia”), são exaltadas.

Os meios de comunicação utilizam-se do domínio-alvo SEXO para satisfazer os interesses do público-alvo das notícias esportivas (composto também, majoritariamente, por homens heterossexuais).

4.2.5 MULHER É BELEZA

A conceitualização metafórica MULHER É BELEZA foi identificada em 100 fragmentos da pesquisa, dos quais 20 foram selecionados para análise. Veja:

(17) **“Nossa sereia do nado sincronizado, Lorena Molinos, já está na contagem regressiva para os Jogos”** (O Globo)

Sereia é um ser mitológico metade mulher, metade peixe, que representa os perigos do mar. Em lendas, elas atraem os pescadores com o seu canto e a sua beleza e os enfeitiçam com o intuito de afogá-los.

O jornalista utiliza-se desse elemento ficcional para referir-se à aparência física da atleta brasileira de nado sincronizado Lorena Molinos, em referência à atração que ela supostamente exerce sobre a audiência.

Desta forma, notamos que **MULHER É SEDUÇÃO** e **MULHER É BELEZA**.

(18) **“Após a conquista da medalha de ouro pela sua equipe nas Olimpíadas de Londres em 2012, que ela desempenhou um papel importante, Morgan tornou-se uma grande celebridade na América, e não apenas por causa de suas vitórias atléticas”** (Sporting News)

Ao mesmo tempo em que o site reconhece que Alex Morgan foi importante para a vitória da equipe de futebol dos Estados Unidos nas Olimpíadas de Londres, em 2012, afirma que a atleta ganhou popularidade por conta da sua beleza.

Neste caso, notamos que o reconhecimento é conquistado pela aparência física, já que esta torna-se mais importante que o desempenho esportivo para atletas do sexo feminino. Temos a conceitualização: **MULHER É BELEZA**.

(19) **“Patrícia Mamona encanta fotógrafos do Rio”** (Jornal de Notícias)

A atleta de salto triplo é metaforizada como uma fada, ser mitológico capaz de encantar humanos. No caso dessa matéria, fica evidente que a varinha de condão é o próprio corpo da atleta, que encanta com a sua beleza.

Temos as conceitualizações: **MULHER É BELEZA** e **MULHER É SEDUÇÃO**.

(20) **“Thaisa Pallesi com atributos para Miss Jogos Olímpicos”** (O Jogo)

Bicampeã olímpica pela equipe de vôlei do Brasil, a atleta foi noticiada como potencial “miss” dos Jogos Olímpicos. O termo em inglês, que significa senhorita (mulher jovem e solteira), também é utilizado para denominar candidatas de concursos de beleza. A expressão, no entanto, popularizou-se no português e é comumente encontrada fora deste contexto para referir-se a mulheres belas.

Vale citar que, embora existam também os concursos de “mister” (senhores), o termo não foi introduzido no vocabulário dos falantes de português e por isso não faria sentido se referir a um atleta homem desta maneira.

Temos: **MULHER É BELEZA**.

(21) **“Teresa Almeida, uma goleira sem complexos”** (Marca)

Como já citado anteriormente, Almeida foi frequentemente noticiada por ser considerada acima do peso para uma esportista olímpica. Nesse exemplo, o jornalista afirma que a goleira não tem complexos, assumindo que se esse sentimento é esperado de pessoas gordas.

Temos as conceitualizações **ATLETA É BOA FORMA** e **PESO É VERGONHA**.

(22) **“Elas estão fora da Rio-2016, mas batem um bolão fora do esporte”** (Lance)

A expressão “bater um bolão” é popular no português brasileiro e costuma ser utilizada para referir-se à beleza ou ao desempenho em determinada atividade. O fato de a matéria ser composta por uma galeria de fotos das atletas evidencia que o termo faz referência à aparência das mesmas.

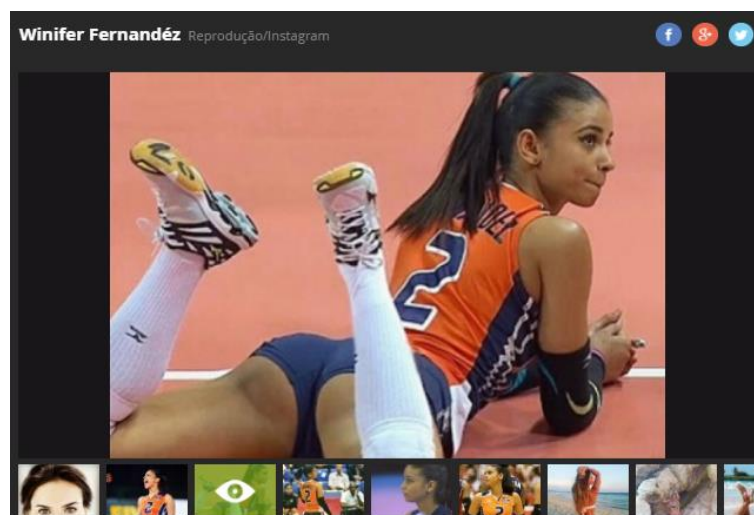


Figura 3 – Galeria de fotos. Fonte: reprodução Lance

Neste caso, ao utilizar a expressão “batem um bolão”, o jornalista ainda faz um trocadilho com o esporte.

Temos a conceitualização metafórica: **MULHER É BELEZA**.

(23) **“Algumas atletas do esporte mundial não vão poder mostrar seus talentos nas Olimpíadas 2016, no Rio de Janeiro, seja por suspensão, corte, desclassificação ou desistências. Mas, além disso, os Jogos também vão perder grandes nomes a musas da Rio-2016”** (Terra)

Assim como no exemplo anterior, ao noticiar as atletas que não participaram no torneio, a publicação lamenta não somente a perda para o esporte, mas também de

potenciais “musas”. Da mesma forma que ocorre no exemplo (16), o termo é usado para metaforizar a beleza feminina.

Assim, temos: **MULHER É BELEZA.**

(24) **“Seja no atletismo, natação ou futebol, a beleza feminina foi marca registrada nos Jogos do Brasil. Confira as gatas que estiveram no evento”** (iG)

A “marca registrada” das modalidades femininas não foi o talento, mas sim a beleza feminina, segundo o site. A expressão refere-se a algo marcante e notável.

A publicação também chama as atletas de “gatas”, uma metáfora com o domínio-fonte Animal, segundo Lopes (2005, p. 77), usada para referir-se ao que é fisicamente belo ou sexualmente atraente. Vale pontuar que não há um traço nesse animal que corrobore com a interpretação voltada para a beleza feminina. A justificativa para esta associação está no fato de a mulher e o gato compartilharem um estereótipo social (PUTNAM, 1975, p. 251).

Conceitualização metafórica: **MULHER É BELEZA.**

(25) **“Tem muita atleta gata prometendo brilhar e conquistar ouro. Pensando nisso, o Purebreak fez uma listinha para apresentar essas musas”** (Terra)

Além de referir-se às atletas como “gatas”, assim como no exemplo anterior, o site afirma que elas prometem “brilhar”, sendo esta uma característica de estrelas, um elemento da natureza.

Ao atribuir à mulher um traço geralmente associado às estrelas, tem-se a intenção de exaltá-la por sua beleza e habilidade no esporte, utilizando-se de características das estrelas como “beleza” e “capacidade de iluminar” e transportando-as às mulheres. Neste caso, a metaforização também ocorre com base em estereótipos aplicados ao domínio-alvo, pois essa expressão remete-se a atributos femininos idealizados (LOPES; 2005, p. 74). Portanto, esse elemento inspira uma interpretação próxima ao ideal e ao utópico.

Mais adiante, em “conquistar ouro”, há o uso da metonímia conceitual **MATERIAL POR OBJETO.**

Podemos interpretar que a intenção do jornalista foi tanto afirmar que as atletas podem conquistar a medalha de ouro nas modalidades esportivas que praticam quanto conquistá-la por sua beleza, o que significaria dizer que, por serem belas, já podem ser consideradas vencedoras. O trecho é concluído com a menção às atletas como “musas”.

Conclui-se que beleza é mais importante do que esporte. Então, **MULHER É BELEZA.**

(26) **“Aos 22 anos, a esgrimista Amanda Simeão não conquistou medalhas em sua estreia em Olimpíada na Rio 2016, mas deu o que falar por sua beleza”**
(Extra)

No português brasileiro, bem como no europeu, a expressão “dar o que falar” refere-se a algo que se tornou de domínio público, tendo sido amplamente discutido por algum motivo. Neste caso, mesmo não tendo alcançado êxito nos jogos, Simeão “deu o que falar” por conta de sua beleza.

Novamente, fica subentendido que a beleza é mais importante do que o esporte e a conceitualização metafórica é: **MULHER É BELEZA**.

(27) **“Linda, craque e adora ver futebol na TV. Conheça Alex Morgan”**
(GQ)

Mesmo sendo uma das protagonistas da equipe vencedora da Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2015 e campeã olímpica dos Jogos do Japão, em 2012, a beleza da norte-americana Alex Morgan ganha espaço de destaque nas notícias, com sua atuação em campo sendo preterida por sua aparência.

Neste exemplo, é dada a Morgan uma característica comum a homens: gostar de assistir futebol na televisão. O intuito do redator foi tornar a atleta ainda mais atraente aos olhos do seu leitor homem heterossexual.

Desta forma, temos: **MULHER É BELEZA**.

(28) **“Ellen Hoog é muito mais que um rosto bonito”** (GloboEsporte.com)

Ao noticiar as conquistas da jogadora holandesa de hóquei sobre grama Ellen Hoog, o site primeiramente menciona a beleza da atleta por meio da conceitualização metonímica **PARTE DO CORPO POR PESSOA**.

Assim, conclui-se que a beleza vem antes da atuação esportiva e temos a conceitualização **MULHER É BELEZA**.

(29) **“Elodie Clouvel: a francesinha tem rosto de atriz! Com 27 anos, ela arrasa no pentatlo moderno que inclui natação, esgrima, tiro esportivo, corrida e hipismo. Quanta coisa, não?”** (Terra)

O trecho começa afirmando que a competidora de pentatlo francesa Elodie Clouvel tem “rosto de atriz”. A comparação leva os leitores a concluir que a atleta é bonita, visto que boa parte das atrizes se enquadra em um padrão de beleza pré-estabelecido.

Na sequência, ao citar todas as atividades realizadas por Clouvel na modalidade olímpica que pratica e questionar se não seria muito, o leitor é levado a interpretar que

sim. Apesar de poucas pessoas serem capazes de realizar tantas atividades físicas com sucesso, deve-se levar em consideração que, sendo Clouvel uma atleta olímpica de pentatlo, essas são, na verdade, premissas para que ela esteja apta a competir.

É possível interpretar que praticar esportes de alto rendimento não é coisa de mulher, pois, na verdade, **MULHER É BELEZA**.

(30) “**Encanto em um salto**” (Olé)

A habilidade de encantar é um atributo de elementos ficcionais, como a fada, comumente atribuída a mulheres, assim como ocorre no exemplo (19).

Por este trecho, que é o título da matéria, não fica claro se o jornalista afirma que a serva Ivana Španović, atleta de salto em distância, encanta com sua atuação esportiva ou com a sua beleza. No entanto, a página contém um vídeo em que a atleta aparece saltando somente nos primeiros segundos. No restante do tempo, ela é filmada em um ensaio fotográfico, ao som da música ‘Sexbomb’, de Tom Jones e Mousse T. Assim, não há dúvidas que o encanto referido diz respeito à beleza e atração supostamente exercidas por Španović.

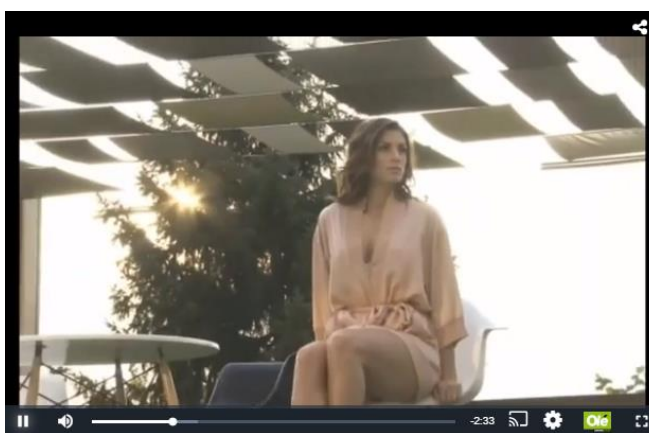


Figura 4 – Vídeo da atleta de salto Ivana Španović. Fonte: reprodução Olé

Conceitualizações metafóricas: **MULHER É BELEZA** e **MULHER É SEXO**.

(31) “**As bonecas suecas**” (Olé)

As atletas da delegação sueca são chamadas de bonecas, domínio-fonte que transporta ao domínio-alvo características como delicadeza e beleza, além do fato de serem manipuláveis.

As conceitualizações possíveis são: **MULHER É OBJETO** e **MULHER É BELEZA**.

(32) **“Bia e Branca já haviam há algum tempo causado espanto pelo físico, quando abandonaram o corpo mais de meninas com que ficaram famosas e passaram a ostentar abdomens sarados”** (UOL)

As irmãs gêmeas do nado sincronizado brasileiro, Bia e Branca Feres, começaram adolescentes no esporte, e tiveram as mudanças dos seus corpos observadas pela imprensa.

Como apontado no tópico “3.3 A linguagem do esporte na mídia”, os corpos dos atletas, tanto femininos quanto masculinos, são alvos frequentes de comentários, visto que é por meio deles que as atuações esportivas acontecem e se justificam. Contudo, os comentários a respeito dos corpos femininos tendem a referir-se à sua atratividade ou falta dela, enquanto as notícias que retratam o corpo masculino limitam-se a abordar a força e a habilidade física (BILLINGS; BUTTERWORTH; TURMAN, 2011, p. 133).

A expressão “causar espanto” pode ser tanto negativa – no sentido de assustar –, quanto positiva, como é o caso acima – no sentido de surpreender, mostrar algo diferente e inesperado.

A conceitualização metonímica-metafórica presente nesse trecho é: **MULHER É CORPO**.

(33) **“Mas não espere encontrar, na internet, discussões sobre seu desempenho nas pistas”** (Folha de S. Paulo)

Michelle Jenneke ficou famosa pelos movimentos que faz antes da largada para se aquecer. O jornal coloca a corredora como uma das atletas australianas em evidência no Rio 2016, mesmo que, de acordo com o site, não seja possível encontrar *online* informações sobre o seu desempenho no esporte. O foco, portanto, é o corpo de Jenneke e os seus movimentos pré-competição.

Assim, notamos que o corpo é relevante na prática esportiva, e que, para as mulheres, a aparência física é mais importante do que o desempenho no esporte. **MULHER É CORPO e MULHER É BELEZA**.

(34) **“Se a visse na Aldeia Olímpica, provavelmente não diria que se tratava de uma atleta, mas a verdade é que, mesmo com 98 kg, está brilhando e já conquistou o apoio... até do público brasileiro”** (Record)

Segundo o texto, por ter um porte físico fora do padrão para esportistas, a goleira de handebol angolana Teresa Almeida não parece uma atleta. Além de ressaltar o peso da goleira, a publicação narra como surpreendente o fato de ela “brilhar” com sua atuação e conquistar o público, conferindo a ela atributo de estrelas, como no item (25).

Concluimos que **ATLETA É BOA FORMA**.

(35) “**A goleira chama atenção por suas boas defesas e também por sua forma física**” (HuffPost Brasil)

Também ao noticiar a goleira de handebol angolana Teresa Almeida, a publicação divide as atenções entre as defesas e o corpo da esportista.

Concluimos que **ATLETA É HABILIDADE** e **ATLETA É BOA FORMA**.

(36) “**Lorena Molinos é carioca da gema e possui um corpo que lembra as mais belas curvas do Rio de Janeiro**” (R7)

O site traz uma lista de atletas que considera como sendo as mais belas participantes da competição. Na descrição da nadadora brasileira Lorena Molinos, o corpo da esportista é comparado com a geografia da cidade sede dos Jogos, conhecida pelos seus morros e por sua beleza. Neste trecho, a atividade desempenhada pela atleta não chegou a ser citada, pois o foco estava em sua aparência física.

Assim, notamos que, ao menos para mulheres, aparência física é mais relevante do que prática esportiva e temos as conceitualizações: **MULHER É CORPO** e **MULHER É BELEZA**.

Nos casos em que a metáfora **MULHER É BELEZA** foi utilizada, a atividade esportiva praticada pela atleta é comprometida em detrimento da aparência física do domínio-alvo **MULHER**, estereotipada como bela e atraente. Ao optar pelo domínio-fonte **BELEZA** para noticiar as atletas, a mídia acaba por minimizar a atuação da profissional nos jogos.

Nas composições que metaforizam a beleza das atletas, nota-se grande ocorrência especialmente de elementos ficcionais (musa, sereia, herói e fada), mas também de animais (gata), artefatos e suas propriedades (boneca e cidade) e elementos da natureza (estrela) (LOPES, 2005).

4.2.6 MULHER É SUBMISSÃO

A conceitualização metafórica **MULHER É SUBMISSÃO** foi identificada em 20 fragmentos da pesquisa, dos quais quatro foram selecionados para análise individual:

(37) “**O homem responsável**” (NBC)

Um locutor esportivo creditou o recorde mundial batido pela nadadora húngara Katinka Hosszú ao seu então namorado e treinador, Shane Tusup.

Uma interpretação possível é que mulheres precisam de homens para torná-las vencedoras. Assim, temos: **HOMEM É CONQUISTA** e **MULHER É SUBMISSÃO**.

(38) “**Húngara passou a dominar as piscinas desde que começou a ser treinada pelo namorado**” (Diário de Notícias)

Assim como no exemplo anterior, as conquistas de Hosszú são atribuídas ao treinamento dado pelo namorado.

As conceitualizações metafóricas repetem-se: **HOMEM É CONQUISTA** e **MULHER É SUBMISSÃO**.

(39) “**Rivas, o homem que converteu em ouro as birras de Carolina**” (AS)

O texto publicado no Twitter sobre a jogadora espanhola de badminton Carolina Marín atribuiu o mérito da campeã olímpica e número um da modalidade ao seu treinador, Fernando Rivas. A publicação ainda infantiliza a atleta ao afirmar que ela fazia “birras”, atitude comum a crianças.

Também se nota aqui o uso da metonímia **MATERIAL POR OBJETO**, ao utilizar “ouro” para referir-se à medalha de ouro, assim como ocorre no exemplo (25).

Temos: **HOMEM É CONQUISTA** e **MULHER É SUBMISSÃO**.

(40) “**Mulher do atacante do Bears ganha medalha de bronze**” (Chicago Tribune)

O nome da atiradora Corey Cogdell sequer foi mencionado pelo veículo que noticiou, no Twitter, a conquista da medalha de bronze pela atleta. Cogdell foi referida como a mulher do atacante da equipe de futebol americano Chicago Bear, Mitch Unrein.

Assim sendo, é possível concluir que o homem é mais importante do que a mulher e que **HOMEM É REFERÊNCIA**.

Notamos que composições metafóricas com a conceitualização **MULHER É SUBMISSÃO** são utilizadas para enaltecer os homens ligados às atletas, colocando-as em segundo plano. Neste caso, as habilidades do domínio-alvo **MULHER** são postas em cheque, visto que o trunfo é atribuído a um homem por meio da utilização do domínio-fonte **SUBMISSÃO**, que sempre ocorre em relação a algo ou alguém, neste caso, a um indivíduo do sexo masculino.

Os exemplos (37) e (40) tiveram ampla repercussão e levantaram debates em redes sociais e na própria imprensa acerca da forma como os veículos de informação retrataram as mulheres. As reações públicas comprovam que, por mais influentes e

confiáveis que sejam os meios de comunicação, como detalhado no item “3.7 Pensamento crítico” da presente dissertação, a audiência não é um destinatário passivo.

4.2.7 MULHER É LAZER

A conceitualização metafórica MULHER É LAZER foi identificada em 15 fragmentos da pesquisa, dos quais três foram selecionados para análise, conforme segue:

(41) “A russa Egorian ganhou o ouro na categoria de sabre no Rio, mas não gosta de nada mais do que tirar a roupa pesada e relaxar em seu biquíni” (The Sun)

Para o tabloide ‘The Sun’, a esgrimista russa Yana Egorian, que conquistou uma medalha de ouro nos Jogos, tem como sua maior satisfação “relaxar em seu biquíni”. A página é ilustrada com oito fotos da atleta, sendo que em seis dessas fotos ela aparece em trajes de banho.



Figura 5 – Foto da esgrimista russa Yana Egorian. Fonte: reprodução The Sun

Além de noticiar o que a atleta faz em suas horas livres ao invés de focar em seu desempenho esportivo, a publicação ainda presume que o lazer é mais gratificante para Egorian do que a conquista de medalha de ouro e exhibe o corpo da atleta.

O texto também faz uso da metonímia conceitual **MATERIAL POR OBJETO**, assim como os exemplos (25) e (39).

As conceitualizações possíveis são: **MULHER É LAZER** e **MULHER É BELEZA**.

(42) **“Quem precisa de uma medalha quando pode se divertir muito mais usufruindo de todo o resto?”** (ESPN Estados Unidos)

Segundo o site, o fato de a tenista canadense Eugenie Bouchard ter deixado a competição sem vitórias é aceitável, desde que ela possa usufruir da viagem ao Rio de Janeiro.

Assim, fica subentendido que, para as mulheres, a atuação profissional não é relevante. Momentos de lazer são mais importantes. **MULHER É LAZER**.

(43) **“Depois das cinco medalhas, Simone Biles realizou um dos maiores sonhos da sua vida, ao conhecer no Rio de Janeiro o ator Zac Efron”** (O Jogo)

Segundo o texto, apesar de a ginasta norte-americana Simone Biles ter ganhado cinco medalhas no campeonato, o seu sonho era mesmo conhecer Efron.

Na composição, nota-se mais uma vez que a atuação profissional da atleta não é relevante, pois momentos de lazer e descontração têm mais valor. Temos a conceitualização: **MULHER É LAZER**.

Os trechos destacados como exemplos para a conceitualização metafórica **MULHER É LAZER** sugerem que atividades sociais como diversão e relaxamento são mais almejadas pelas atletas em detrimento da prática esportiva, bem como de possíveis conquistas por meio do esporte.

4.2.8 MULHER É (OBJETO DE) DESEJO

A conceitualização metafórica **MULHER É DESEJO** foi identificada em 33 fragmentos da pesquisa, dos quais sete foram selecionados para análise:

(44) **“Bia e Branca Feres estão a causar furor na Aldeia Olímpica, no Rio de Janeiro”** (Sabado.pt)

O site afirma que as atletas de nado sincronizado da equipe do Brasil estão causando excitação no público. Na leitura do texto, fica claro que este furor não é atribuído à prática esportiva, uma vez que esta não é sequer mencionada.

É possível concluir que a mulher atleta é noticiada por ser ou não sexualmente atraente; as que são consideradas sexualmente atraentes ganham mais visibilidade na mídia. Como os leitores (homens heterossexuais) buscam por mulheres sexualmente atraentes para satisfazerem os seus desejos, **MULHER É DESEJO**.

(45) **“Claro, elas são as melhores atletas do mundo em termos de força, velocidade e talento, mas essas atletas olímpicas também estão no topo quando se trata de simplesmente serem gostosas”** (Daily News)

O texto, acompanhado de uma galeria de imagens, lembra que as atletas têm talentos para a prática esportiva, mas enfatiza o fato de elas serem sexualmente atraentes aos olhos do seu público, formado de homens heterossexuais.

É possível concluir que: **MULHER É DESEJO**.

(46) **“Serena Williams – Você sabe quem ela é, especialmente se você gosta de bunda”** (TheAthleticBuild.com)

Mesmo sendo a tenista mais vitoriosa da atualidade, o texto diz que Williams é conhecida especialmente por quem “gosta de bunda”, anulando as conquistas da atleta e evidenciando uma parte do seu corpo que desperta o desejo sexual masculino.

Assim, temos as conceitualizações: **MULHER É CORPO** e **MULHER É DESEJO**.

(47) **“Gêmeas brasileiras fazem subir temperatura no Rio 2016”** (Record)

As atletas brasileiras do nado sincronizado Bia e Branca Feres sequer tinham entrado na competição e já ganhavam as páginas dos jornais pela aparência física e sensualidade.

É improvável interpretar essa manchete como a possibilidade de que duas pessoas seriam capazes de fazer a temperatura da cidade subir literalmente. No dado contexto, o leitor não possui dúvidas de que a expressão “subir a temperatura” foi escolhida para referir-se ao desejo que os homens sentem ao verem mulheres sexualmente atraentes.

Assim sendo, temos a conceitualização **MULHER É DESEJO**.

(48) **“Apontada como atleta mais sexy do mundo, Alex Morgan é séria candidata a musa da Olimpíada”** (Yahoo Brasil)

O mesmo acontece com a futebolista norte-americana Alex Morgan, que virou notícia por ser considerada “sexy”. A publicação refere-se a Morgan como “musa”, um ser mitológico e inspirador citado em vários exemplos destacados nesta dissertação.

Tendo isto, é possível interpretar que **MULHER É DESEJO**.

(49) **“Esportistas olímpicas espanholas que despertam mais paixões”** (El Diálogo)

O site lista atletas espanholas que “despertam mais paixões”, deixando evidente, por meio das imagens escolhidas, que as escolhas não foram baseadas no desempenho esportivo das atletas.

Podemos dizer que **MULHER É DESEJO**.

(50) **“Vistas como uma das mais belas equipes dos Jogos Olímpicos, as holandesas brincaram com o rótulo e acreditam que isso não interfere nada dentro de campo, no entanto, esse fator pode fazer com que os torcedores compareçam aos jogos”** (Terra)

O texto afirma que as próprias atletas de hóquei sobre grama da Holanda reconhecem que a aparência pode levar mais fãs ao estádio. Assim, podemos dizer que o público que vai aos jogos, formado em sua maioria por homens heterossexuais, não procura apenas por esportes, mas sim pela beleza e sensualidade das atletas.

Notamos que **MULHER É BELEZA** e **MULHER É DESEJO**.

Em **MULHER É DESEJO**, percebe-se a valorização do domínio-alvo **MULHER** em detrimento de características que satisfazem desejos sexuais masculinos. Ao reduzir a mulher ao domínio-fonte **DESEJO**, o homem reafirma a sua hegemonia e coloca os indivíduos do gênero feminino como pessoas que têm o papel de satisfazê-los.

OBSERVAÇÕES FINAIS

O presente estudo evidencia que a visibilidade e o reconhecimento dados a atletas homens e mulheres pela mídia ocorrem de forma desigual. Paradoxalmente ao fato de corresponderem a mais da metade da população mundial e terem uma presença similar à dos atletas homens nas arenas olímpicas, as mulheres continuam sendo coadjuvantes nos meios de comunicação, integrando menos de um quarto dos conteúdos veiculados.

Essas diferenças se fazem notar tanto na presença das atletas em notícias esportivas quanto na escolha do discurso. Enquanto eles são comparados a super-heróis: rápidos, fortes, grandes, experientes e psicologicamente bem preparados; elas são descritas como belas, atraentes, frágeis, dedicadas, emotivas, esposas e mães. Os jornais atribuem aos atletas homens o título de “melhores do mundo”, enquanto as atletas mulheres aparecem, no máximo, como as “melhores mulheres do mundo”, tendo sempre seu gênero especificado, de acordo com pesquisa da Universidade de Cambridge (2016) citada anteriormente, corroborada com a análise do *corpus* deste trabalho.

No material coletado, verificou-se que as conceitualizações metafóricas utilizadas para referir-se aos homens são: HOMEM É CONQUISTA e HOMEM É REFERÊNCIA. Cabe mencionar que o número reduzido de conceitualizações metafóricas de atletas homens dá-se pelo fato de o foco desta dissertação ser na observação da representação feminina pela mídia. Às mulheres restaram: MULHER ATLETA É HOMEM; MULHER É LENTIDÃO; MULHER É FAMÍLIA; MULHER É FRAGILIDADE; MULHER É SEXO; MULHER É BELEZA; MULHER É SEDUÇÃO; MULHER É OBJETO; MULHER É CORPO; MULHER É SUBMISSÃO; MULHER É LAZER; e MULHER É (OBJETO DE) DESEJO. Para referir-se tanto a homens quanto a mulheres atletas, foram encontradas as conceitualizações: ATLETA É BOA FORMA, PESO É VERGONHA, ATLETA É HABILIDADE.

Nos 250 fragmentos de notícias analisados nesta pesquisa notou-se maior ocorrência de menções à beleza das mulheres atletas. Estas menções ocorreram por meio de conceitualizações metafóricas que enaltecem a aparência física da mulher e colocam a prática esportiva em segundo plano. Ao todo, o *corpus* desta dissertação possui 100 trechos com este viés.

Na sequência, aparecem os exemplos que colocam a mulher atleta como um objeto de desejo masculino (33); ressaltam o seu papel no âmbito familiar (28); afirmam

que as suas habilidades esportivas são comuns em homens (20); retratam as atletas como um indivíduo frágil ou infantilizado (20); colocam-nas como submissas ao homem (20); afirmam que atividades de lazer e relaxamento são mais relevantes do que a profissão (15); ou sexualizam a mulher (14).

Já se esperava uma maior incidência de textos que levassem à valorização da beleza feminina, visto que o tópico “1.5 Identidade de gênero na mídia” aponta para esta realidade. Como citado anteriormente, este padrão de beleza é suportado por anúncios publicitários, programas de entretenimento e outros conteúdos de mídia.

O mesmo pode-se perceber a respeito da alta incidência de textos que retratam a mulher como objeto de desejo do homem. De acordo com o item “3.2 Mulheres na mídia”, as notícias, bem como conteúdos de mídia em geral, são feitas por homens para atender aos interesses dos homens, mesmo quando se trata de um programa cujo público-alvo é majoritariamente feminino.

Assim como ocorre na obra de Lopes (2005), tomada como referência neste estudo, notou-se que, na sua maioria, as conceitualizações metafóricas são utilizadas para referir-se às características físicas, comportamento sexual, temperamento/caráter e inteligência da atleta.

Também foi observada ocorrência de expressões que se utilizam de elementos ficcionais como herói, musa, sereia e fada. Em seguida, nota-se o uso de artefatos e suas propriedades (boneca, cidade e comida); animais (gata); e elementos da natureza (estrela), sendo que a maior parte das metáforas se refere à aparência física, comportamento sexual e temperamento/caráter das atletas noticiadas.

Como abordado anteriormente, a escolha do discurso não é aleatória, mas sim um reflexo das nossas experiências, uma tradução em representações linguísticas dos valores culturais e sociais da sociedade em que vivemos. A mídia, bem como demais elites simbólicas, faz uso de ferramentas de construção discursiva, tais como metáforas e metonímias conceituais, para controlar os discursos públicos e garantir a manutenção dos privilégios dos que estão no poder. A prevalência deste discurso é favorecida por estereótipos de gênero, pela compreensão geral de que as diferenças existem de fato e pelo preconceito. Sabendo que a maior parte do nosso conhecimento e crenças vem da mídia e que estamos constantemente expostos a conteúdos de mídia, especialmente em centros urbanos, podemos compreender a grandeza do impacto desse padrão de discurso.

Pode-se observar que, apesar do grande poder de influência da mídia, o público não é passivo, pois tem senso-crítico e autonomia para questionar e se opor aos conteúdos que lhes são dados. Ou seja, ao mesmo tempo em que atua no reforço de conceitos pré-estabelecidos, a mídia abre espaço para novas discussões e pontos de vista capazes de desconstruir verdades até então absolutas, ou ao menos nos fazer pensar a respeito e discutir, seja por meio de seus próprios discursos ou pela reação da audiência.

A sociedade tem experienciado progressos significativos no que diz respeito ao gênero, mesmo que ainda esteja longe da almejada igualdade pela qual briga o movimento feminista. A mídia tem o poder de barrar ou acelerar estas transformações, mesmo que parcialmente, por meio do seu discurso. Considerando que os danos vão além das páginas de Internet e das folhas dos jornais e refletem em distúrbios de imagens, diferenças de salários e de oportunidades, fica evidente o quanto o formato atual de grande parte da mídia de massa pode ser nocivo.

Esta dissertação comprovou, por meio do seu *corpus*, os conceitos previamente apresentados e, com isso, visa ser impulsionadora da criação de um novo padrão de jornalismo mais equitativo, que valorize os feitos das atletas e leve a mudanças de mentalidades enraizadas nas mentes de jornalistas e de membros da sociedade como um todo. Espera-se, também, que esta pesquisa possa auxiliar no desenvolvimento de trabalhos acadêmicos sobre o tema, que sejam convertidos em mudanças concretas na representação da mulher atleta.

“Me levanto
sobre o sacrifício
de um milhão de mulheres que vieram antes
e penso
o que é que eu faço
para tornar essa montanha mais alta
para que as mulheres que vierem depois de mim
possam ver além”
(KAUR, 2015)

ANEXOS

ANEXO 1 – CORPUS

MULHER ATLETA É HOMEM

Website	Link	Data da pesquisa	Conteúdo
Sports Illustrated	https://www.si.com/olympics/2016/06/01/olympics-2016-road-to-rio-katie-ledecky-swimming	24/11/17	It's her style—a Michael Phelps-like gallop and crippling pace, even in practice—that leaves teammates and opponents in awe.
Sports Illustrated	https://www.si.com/olympics/2016/06/01/olympics-2016-road-to-rio-katie-ledecky-swimming	24/11/17	She swims like a guy.
USA Today	https://www.usatoday.com/story/sports/olympics/rio-2016/2016/08/01/katie-ledecky-team-usa-swimming-olympics/87904910/	24/11/17	This girl is doing respectable times for guys
Daily Mail	http://www.dailymail.co.uk/news/article-3728695/The-female-Michael-Phelps-Triple-world-record-holder-Katie-Ledecky-19-clinch-FOUR-possible-golds-pool-tonight-Team-USA-s-superstar.html?ITO=1490&ns_mchannel=rss&ns_campaign=1490&utm_medium=twitter&utm_source=twitterfeed	24/11/17	Meanwhile Katie Ledecky, who is being touted as the female Phelps, has broken her own world record to win gold in the Women's 400m freestyle.
People	https://people.com/sports/rio-olympics-5-things-to-know-about-katie-ledecky/	25/11/17	No one wants to compete against Ledecky, even the guys of Team USA.
Globoesporte.com	http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/natacao/noticia/2016/08/dominante-katie-ledecky-esta-pronta-para-herdar-trono-de-phelps-no-rio.html	18/11/17	Ameaça até aos homens nos treinos
Globoesporte.com	http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/natacao/noticia/2016/08/dominante-katie-ledecky-esta-pronta-para-herdar-trono-de-phelps-no-rio.html	18/11/17	A americana tem se acostumado a deixar os homens para trás nas atividades.
Globoesporte.com	http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/natacao/noticia/2016/08/dominante-katie-ledecky-esta-pronta-para-herdar-trono-de-phelps-no-rio.html	18/11/17	Eu nunca vi uma nadadora como ela. Seus tempos são bons para um cara. Ela está me batendo agora e eu fico tipo: "O que está acontecendo?"
Globoesporte.com	http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/natacao/noticia/2016/08/phelps-magico-dama-de-ouro-e-show-de-recorde-o-pacotao-da-natacao.html	18/11/17	Phelps de maiô?
Torcedores.com	http://torcedores.uol.com.br/noticias/2016/08/rio-2016-conheca-missy-franklin-a-versao-	23/11/17	Rio 2016: conheça Missy Franklin, a 'versão feminina' de Michael Phelps

	feminina-de-michael-phelps		
Torcedores.com	http://torcedores.uol.com.br/noticias/2016/08/rio-2016-conheca-missy-franklin-a-versao-feminina-de-michael-phelps	23/11/17	Uma das candidatas ao ouro nos Jogos Olímpicos do Rio, a americana Missy Franklin é considerada por muitos como a “versão feminina” de Michael Phelps.
Globo.com	http://gq.globo.com/GQ-no-podio/noticia/2016/08/linda-craque-e-adora-ver-futebol-na-tv-conheca-alex-morgan.html	21/11/17	Existe uma mulher que joga futebol melhor do que você e que enquanto não está com a bola nos pés gosta mesmo é de ficar vendo jogos o dia inteiro na frente da TV.
Globoesporte.com	http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/natacao/noticia/2016/08/com-atencao-em-phelps-katinka-hosszu-tenta-roubar-cena-nos-jogos.html	20/11/17	Em sua quarta olimpíada, a Dama de Ferro enfim vinga nos Jogos e consegue a façanha de brilhar nos holofotes apontados para o americano.
Mundo Deportivo	http://www.mundodeportivo.com/juegos-olimpicos/20160808/403762274573/katie-ledecky-la-fuerza-interior.html	23/11/17	Nada como un hombre
La Nacion	http://www.lanacion.com.ar/1929750-rio-2016-atletismo-la-final-femenina-que-tendra-dos-atletas-con-aspecto-de-hombre	24/11/17	Río 2016: el rechazo a Semenya y Wambui en la antesala de una final de mujeres con atletas con aspecto de hombre
ABC	https://www.abc.es/deportes/juegos-olimpicos/rio-2016/abci-lydia-valentin-hercules-maquillaje-201608122344_noticia.html	24/11/17	Lydia Valentín, una Hércules con maquillaje
La Vanguardia	http://www.lavanguardia.com/deportes/olimpiadas/20160818/404003809329/rio-2016-atletismo-caster-semenya-feminidad.html	28/11/17	¿Demasiado rápida para ser una mujer?
Marca	http://www.marca.com/juegos-olimpicos/2016/08/19/57b6e10a268e3e7b7c8b4654.html	28/11/17	la versión femenina de Rafa Nadal
El Mundo	https://www.elmundo.es/deportes/2016/08/19/57b6688c468aeb6d158b45a0.html	24/11/17	La mujer gigante, Semenya y la 'intersexualidad'
La Nacion	https://www.lanacion.com.ar/1925178-rio-2016-la-chica-que-le-metio-miedo-a-phelps	23/11/17	Río 2016: Katie Ledecky, la chica de 19 años que le metió miedo a Phelps

MULHER É FAMÍLIA

Website	Link	Data da pesquisa	Conteúdo
CBC (Canadá)	https://twitter.com/CBCOlympics/status/764924016075214849	24/11/17	What's better than an Olympic medal? A proposal!
BBC	http://www.bbc.com/news/world-asia-china-37079909	24/11/17	Chinese diver He Zi had just received a silver medal for the women's three-metre springboard at the Rio Olympics on Sunday. But she ended up with another

			prize when her boyfriend Qin Kai, in front of a global TV audience, went down on one knee.
RTÉ Sport	https://twitter.com/RTEsport/status/764943383798304768	25/11/17	What a day for Chinese diver He Zi. A silver medal in the Women's 3m springboard followed by a marriage proposal!
The Guardian	https://www.theguardian.com/sport/2016/aug/15/chinese-diver-proposes-medals-podium-rio-olympic-games-he-zi-qin-kai	25/11/17	For most athletes, simply winning a silver medal for diving at the Olympics would be an overwhelming experience but China's He Zi was asked to take the plunge again when her boyfriend proposed to her as she stepped down from the podium.
The Telegraph	http://www.telegraph.co.uk/olympics/2016/08/15/in-twist-chinese-divers-get-engaged-on-olympic-medal-stage/	24/11/17	China's He Zi received the shock of her life when team-mate and boyfriend Qin Kai rushed up with a diamond ring during the medal ceremony of the women's three metre springboard event.
NBC	https://twitter.com/NBCOlympics/status/762003970843750401	25/11/17	Find someone who loves you the way Katinka Hosszu's husband loves her.
Record	https://www.record.pt/jogo-da-vida/detalhe/alex-morgan-ja-e-uma-mulher-casada-923347	21/11/17	Alex Morgan já é uma mulher casada
Record	http://www.record.pt/jogo-da-vida/detalhe/alex-morgan-ja-e-uma-mulher-casada-923347.html	21/11/17	Alex Morgan, jogadora da seleção feminina dos Estados Unidos, que é considerada uma das futebolistas mais bonitas do Mundo, casou-se com o Servando Carrasco, jogador do Houston Dynamo.
Diário de Notícias	https://www.dn.pt/desporto/rio-2016/interior/medalha-de-prata-seguida-de-proposta-de-casamento-5339183.html	25/11/17	A chinesa He Zi não venceu a prova de trampolim de três metros, mas não foi por isso que chorou. Depois da cerimónia do pódio, He Zi foi surpreendida pelo namorado, o também mergulhador Qin Kai (vencedor de uma medalha de bronze), que se ajoelhou para a pedir em casamento, com um anel de diamantes numa caixa vermelha.
Record	http://www.record.pt/multimedia/fotogalerias/detalhe/ganhou-a-prata-e-foi-pedida-em-casamento.html#/0	25/11/17	A chinesa He Zi ganhou este domingo a medalha de prata no concurso de trampolim a três metros dos Jogos Olímpicos do Rio'2016, mas para lá dessa conquista teve outro motivo para celebrar. É que o seu namorado, o também saltador Qin Kai, decidiu surpreendê-la pouco depois da cerimónia, fazendo-lhe um pedido de casamento. Emocionada, He Zi aceitou...
O Jogo	https://www.ojogo.pt/internacional/rio-2016/noticias/interior/ba-conquista-brasileiros-em-vesperas-de-dar-o-no	23/11/17	apesar de mostrar orgulho pelo peso que tem, revelou que vai tentar emagrecer por um motivo especial.

	5326003.html		
Tvi 24	http://www.tvi24.iol.pt/internacional/jogos-olimpicos/ginasta-olimpica-criticada-pelo-peso-a-mais	24/11/17	Ginasta olímpica criticada pelo peso a mais
Globoesporte.com	http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/handebol/noticia/2016/08/xodo-goleira-angolana-de-98kg-quer-emagrecer-so-por-causa-do-vestido.html	23/11/17	Xodó, goleira angolana de 98kg quer emagrecer só "por causa do vestido"
Globoesporte.com	http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/handebol/noticia/2016/08/xodo-goleira-angolana-de-98kg-quer-emagrecer-so-por-causa-do-vestido.html	23/11/17	A jogadora de 28 anos vai se casar com um militar em dezembro e quer caber no vestido para o dia mais importante da sua vida.
Globoesporte.com	http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/ginastica-ritmica/noticia/2016/07/musa-confessa-empresaria-e-futura-juiza-natalia-gaudio-no-selfie-olimpico.html	18/11/17	Musa? Ela gosta de ser chamada dessa forma. Quem não curte tanto é seu namorado Luiz Felipe, com quem tem um relacionamento que já dura três anos.
LANCE!	http://www.lance.com.br/rio2016/chinesa-pedida-casamento-apos-subir-podio-olimpico.html	25/11/17	Se He Zi foi prata, Qin Kai foi bronze no trampolim sincronizado de 3 m. O maior título, porém, não veio em forma de medalhas para o casal.
Estadão	http://esportes.estadao.com.br/noticias/jogos-olimpicos,medalhista-de-prata-nos-saltos-chinesa-recebe-pedido-de-casamento,10000069519	25/11/17	Por si só, conquistar uma prata olímpica já seria motivo de uma grande felicidade. No entanto, a chinesa conseguiu uma alegria ainda maior: foi pedida em casamento, logo após deixar a cerimônia de premiação no pódio.
Clarín	https://www.clarin.com/sociedad/saltador-olimpico-pidio-matrimonio-premiaban_0_rkLfcDJc.html	24/11/17	Un saltador olímpico le pidió matrimonio a su novia mientras la premiaban
El Mundo	https://www.elmundo.es/deportes/2015/08/10/55c8571046163f1c688b4578.html	24/11/17	Y hasta se ha echado novio
USA Today	https://eu.usatoday.com/story/sports/olympics/rio-2016/2016/08/07/dana-vollmer-swimming-womens-100m-butterfly-final-result/88378314/	24/11/17	New mom Dana Vollmer wins bronze in women's 100 fly
HuffPost	https://www.huffpost.com/entry/dana-vollmer-just-misses-becoming-first-us-mom-to-win-a-gold-in-swimming_n_57a7d17be4b021fd9878f67f	24/11/17	Dana Vollmer Wins Bronze Medal 17 Months After Giving Birth
HuffPost	https://www.huffpost.com/entry/dana-vollmer-just-misses-becoming-first-us-mom-to-win-a-gold-in-swimming_n_57a7d17be4b021fd9878f67f	24/11/17	The new mom came in third in the women's 100-meter butterfly
HuffPost	https://www.huffpost.com/entry/dana-vollmer-just-misses-	24/11/17	Before giving birth, Vollmer believed she would retire from the

	becoming-first-us-mom-to-win-a-gold-in-swimming_n_57a7d17be4b021fd9878f67f		Olympics once she was a mom, but decided to make a comeback shortly after Arlen was born
USA Today	https://www.usatoday.com/story/sports/olympics/rio-2016/2016/08/06/new-mom-dana-vollmer-chases-history-rio-olympics/88346406/	25/11/17	New mom Dana Vollmer chases history in Rio Olympics
O Globo	https://oglobo.globo.com/esportes/rio-2016/conheca-as-atletas-musas-do-rio-2016-1979921	18/11/17	A musa colombiana do ciclismo BMX é uma forte candidata a arrasar o coração dos cariocas. Mas não se empolguem meninos, Mariana Pajón acaba de completar três anos de namoro com o ciclista Vincent Pelluard
LANCE!	http://www.lance.com.br/fora-de-campo/jaque-volei-quer-seguir-carreira-moda-diz-site.html	18/11/17	Namorando com, o também jogador de vôlei, Murilo há 19 anos, Jaque tem um filho de 3 anos, falou sobre a gravidez e a volta as quadras: — Precisávamos de uma mudança depois de tanto tempo juntos, de algo a mais. Ele veio para somar — contou Jaque, que engordou 12kg na gravidez — Emagreci bem rápido. Quatro meses depois do nascimento, já estava disputando um torneio internacional. Foi tranquilo voltar ao meu peso normal.
La Nacion	http://www.lanacion.com.ar/1924294-valentina-kogan-la-arquera-de-handball-que-se-animo-a-vencer-los-prejuicios	26/11/17	Diabética y vegetariana, tiene 36 años y participará de su primera cita olímpica; en octubre será madre, junto con su esposa Carolina
La Nacion	http://www.lanacion.com.ar/1928387-rio-2016-atletismo-la-chilena-erika-olivera-primera-mujer-en-completar-cinco-maratonas-olimpicas	24/11/17	La primera mujer en concluir cinco maratones olímpicos tiene 40 años, es madre de cinco hijos y se despidió del atletismo en las calles de Río de Janeiro representando a Chile.

MULHER É FRAGILIDADE

Website	Link	Data da pesquisa	Conteúdo
Express	https://www.express.co.uk/sport/olympics/698998/rio-2016-olympics-simone-biles-floor-routine-fire-alarm-video-famous-five	25/11/17	Despite the panic, the girls had one thing on their minds – their medals.
CNN	http://edition.cnn.com/2016/08/19/sport/rio-2016-olympics-katinka-hosszu-swimming-shane-tusup/index.html	25/11/17	The Hungarian had been so disillusioned with swimming after narrowly missing out on a medal at London 2012 that she nearly threw in the towel.

UOL	https://olimpiadas.uol.com.br/noticias/redacao/2016/08/03/decima-atleta-mais-rica-do-mundo-vence-o-medo-fica-na-vila-e-so-elogia.htm	18/11/17	A tenista canadense Eugenie Bouchard pensou muito, refletiu e decidiu ter coragem de enfrentar as nebulosas informações sobre o vírus da Zika e vir aos Jogos do Rio de Janeiro.
UOL	https://olimpiadas.uol.com.br/noticias/redacao/2016/08/19/natalia-gaudio-e-eliminada-e-fica-fora-da-final-da-ginastica-ritmica.htm	18/11/17	Sem se abalar por não ir à final, Natália já volta suas atenções para as próximas competições.
Globoesporte.com	http://globoesporte.globo.com/rj/olimpiadas/jogo/06-08-2016/feminino-brasil-suecia/	20/11/17	As meninas não diminuíram o ritmo, mas sofreram um golpe.
LANCE!	http://www.lance.com.br/rio2016/dama-ferro-natacao-busca-rio-sua-primeira-medalha-olimpica.html	20/11/17	No Rio de Janeiro, Katinka terá seis chances para acabar com seu jejum olímpico. Ela competirá nos 100m e 200m costas, 200m e 400m medley, 200m borboleta e o revezamento 4x200m livre. Após confessar que se sentiu pressionada em Londres, a húngara diz ter desembarcado no Brasil mais relaxada, querendo curtir o momento.
Globoesporte.com	http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/ginastica-artistica/noticia/2016/08/sorrisos-traumas-e-curticao-conheca-proxima-acumuladora-de-ouros.html	22/11/17	Sorrir é o caminho da extrovertida baixinha de 1,45m para não perder a cabeça diante da pressão de ter que confirmar na Olimpíada o status de maior nome da história de seu esporte, favorita a cinco ouros.
Marca	http://www.marca.com/2014/08/30/baloncesto/seleccion/1409398008.html	26/11/17	Otro reto mundial para el Universo Mujer
ESPN	http://espn.uol.com.br/noticia/622130_eua-levam-revezamento-feminino-e-ganham-seu-1000-ouro-na-historia-dos-jogos	25/11/17	Senhoras e senhores, não olhem agora, mas os Estados Unidos acabam de chegar à impressionante e histórica marca de 1000 medalhas de ouros na história dos Jogos Olímpicos. O feito inédito veio nas piscinas do Rio de Janeiro, com as meninas do revezamento 4x100m medley.
Globoesporte.com	http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/natacao/noticia/2016/08/phelps-magico-dama-de-ouro-e-show-de-recorde-o-pacotao-da-natacao.html	18/11/17	O feito transformou a garota em uma revelação da natacão.
El Pais	https://elpais.com/deportes/2016/08/20/actualidad/1471720030_034155.html	19/11/17	Siempre ha sido una niña con carácter especial
El Pais	http://m.elpais.com.co/deportes/simone-biles-la-pequena-gimnasta-que-se-hizo-gigante-en-los-juegos-olimpicos-de-rio.html	23/11/17	Simone Biles, la pequeña gimnasta que se hizo gigante en los Juegos Olímpicos de Río
Marca	http://www.marca.com/deporte/juegos-olimpicos/estrellas/katie-ledecky.html	28/11/18	La niña es ya toda una mujer y llegará a Río como reina indiscutible de la natación mundial.
El Pais	https://elpais.com/deportes/2016/	19/11/17	No lo tuvieron fácil las chicas de

	08/14/actualidad/1471140138_212884.html		hockey ante Corea
La Nacion	https://www.lanacion.com.ar/1926577-de-la-favela-al-oro-rafa-la-chica-que-sacudio-a-brasil	23/11/17	Río 2016: de la favela al oro: Rafa, la chica que sacudió a Brasil
Marca	https://www.marca.com/juegos-olimpicos/2016/08/20/57b78e9022601db4128b45a8.html	23/11/17	Marozsan, la niña que jugaba a escondidas otorga el oro a Alemania
La Nacion	https://www.lanacion.com.ar/1923309-documentales-olimpicos-rio-2016-rio-sanchez-moccia-y-como-hacer-magia-con-una-bocha-de-hockey-sobre-cesped	23/11/17	"Olímpicos" Río 2016: Rocío Sánchez Moccia, la pequeña ilusionista de las bochas de hockey sobre césped
Marca	https://www.marca.com/juegos-olimpicos/2016/08/21/57ba1ca5268e3e00638b45d5.html	28/11/17	Las chicas de la selección española de baloncesto, se colgaron por primera vez en su historia una medalla olímpica
La Nacion	https://www.nacion.com/puro-deporte/otros-deportes/missy-franklin-conquista-su-primer-oro-olimpico-en-100-espalda/R2YJJH2GYJCCLJ3L6Y3TQVWRCE/story/	28/11/17	la chica prodigio de la natación
El Pais	https://elpais.com/deportes/2016/08/06/actualidad/1470515110_464259.html	28/11/17	La gimnasia ya no es cosa de niñas

MULHER É SEXO

Website	Link	Data da pesquisa	Conteúdo
The Telegraph	https://www.telegraph.co.uk/news/2016/08/16/brazilian-diver-falls-out-with-team-mate-by-bringing-canoeist-ba/	24/11/17	Brazilian diver falls out with team mate by bringing canoeist back to shared Olympic Village room for 'marathon sex session'
Daily Star	https://www.dailystar.co.uk/news/latest-news/537973/Ingrid-Oliveira-sex-scandal-Rio-Olympics-2016-Giovanna-Pedroso-Pedro-Goncalves	24/11/17	Rio 2016 sex scandal: Stunning Olympic diver in 'steamy late night romp' before key final
Daily Star	https://www.dailystar.co.uk/news/latest-news/537973/Ingrid-Oliveira-sex-scandal-Rio-Olympics-2016-Giovanna-Pedroso-Pedro-Goncalves	24/11/17	A SAUCY Brazilian synchronised diver kicked her team-mate from her room to have sex with a canoeist the night before she was due to dive for Olympic glory, it has been reported.
Mirror	https://www.mirror.co.uk/news/world-news/brazils-olympic-diving-pair-refuse-8635236	24/11/17	Brazil's Olympic diving pair refuse to compete after row over bedroom 'marathon sex session'
Daily Mail	https://www.dailymail.co.uk/news/article-3741221/Brazil-s-synchro-diving-pair-split-SEX-scandal-one-girl-banishes-team-mate-shared-room-marathon-session-canoeist.html	24/11/17	'She's more interested in her bottom than diving!' Swimmer who banished synchro partner for 'marathon of sex' with canoeist was in trouble BEFORE - after posting sexy bikini selfie

New York Post	https://nypost.com/2016/10/05/the-rise-and-sudden-fall-of-an-olympic-sex-symbol/	28/11/17	The rise and sudden fall of an Olympic sex symbol
LANCE!	http://www.lance.com.br/rio2016/ingrid-dorme-com-atleta-briga-com-parceira-quase-acaba-expulsa.html	17/11/17	Ingrid dorme com atleta, briga com parceira e quase acaba expulsa
LANCE!	https://www.lance.com.br/rio2016/apos-escandalo-vila-ingrid-oliveira-desabafa-todo-mundo-erra.html	17/11/17	Musa dos saltos ornamentais quase foi expulsa da Olimpíada pelo COB por ter dormido com outro atleta na Vila Olímpica e brigar com parceira
Terra	https://www.terra.com.br/esportes/lance/na-web-ingrid-oliveira-comemora-ferias-e-faz-sucesso-de-biquini.cd43146d3425fcec84012f3e983e5e16mewy13fm.html	17/11/17	Musa das Olimpíadas 2016, Ingrid também se envolveu em polêmica durante os Jogos ao se envolver com o atleta brasileiro de canoagem, 'Pepê'.
RedeTV	http://www.redeTV.uol.com.br/esportes/rio-2016/musa-da-esgrima-amanda-simeao-admite-que-rolou-paquera-na-rio-2016	17/11/17	Musa da esgrima, Amanda Simeão admite que rolou paquera na Rio 2016
Globoesporte.com	http://globoesporte.globo.com/ginastica-artistica/noticia/2016/05/sem-opcao-trinidad-e-tobago-terapivo-de-escandalo-do-topless-no-rio.html	22/11/17	Sem opção, Trinidad e Tobago terá pivô de "escândalo do topless" no Rio
AS	https://as.com/masdeporte/2016/08/13/juegosolimpicos/1471102878_889461.html	20/11/17	La saltadora brasileña Ingrid de Oliveira pasó la noche con el remero, también brasileño, Pedro Gonçalves, en la habitación que tenía con su compañera Giovanna Pedrosa.
El Mundo	https://www.elmundo.es/deportes/2016/08/04/57a22d6446163fc7368b45a6.html	28/11/17	Al observar cómo se deja llevar, rendido su cuerpo a la voluntad del elemento como se rinde a la de un amante, se diría que es un momento del día muy esperado por Ona.
Terra	https://www.terra.com.br/esportes/lance/conheca-a-jogadora-de-volei-que-vem-fazendo-sucesso-na-web.743f7b0876a5b9d4e137cda12bf0186bwrsr3fu.html	23/11/17	A jogadora de vôlei Winifer Fernández, da seleção da República Dominicana, foi um dos assuntos mais comentados na internet na última semana. A líbero, de 21 anos, chama atenção nas quadras durante os jogos com sua beleza.

MULHER É BELEZA

Website	Link	Data da pesquisa	Conteúdo
Sporting News	http://www.sportingnews.com/athletics/news/rio-olympics-2016-michelle-jenneke-routine-photos-	28/11/17	Following her team's gold medal win at the 2012 London Olympics, which she

	hurdles-australia-sixth-place/siffgrqmvomv1u6c7uzjupybk		played a huge role in assuring, Morgan became a big celebrity in America, and not just because of her athletic accomplishments.
thestar.com	https://www.thestar.com/sports/olympics/2016/08/08/eugenie-bouchard-loses-in-straight-sets-at-rio-olympics.html	28/11/17	Eugenie Bouchard gave herself a figurative smack upside the head. But the 22-year-old glamour girl of women's tennis was smiling and she was joking.
O Jogo	https://www.ojogo.pt/multimedia/fotografias/interior/patricia-mamona-encanta-fotografos-do-rio-5339751.html	20/11/17	Patrícia Mamona encanta fotógrafos do Rio
Record	https://www.record.pt/jogo-da-vida/detalhe/gemeasfazemfuror-no-rio201	21/11/17	Gêmeas fazem furor no Rio'2016
Jornal de Notícias	https://www.jn.pt/desporto/galerias/interior/os-atletas-mais-sexy-dos-jogos-olimpicos-5345118.html	21/11/17	A portuguesa Patrícia Mamona é considerada uma das atletas mais bonitas dos Jogos Olímpicos 2016
Record	https://www.record.pt/multimedia/videos/detalhe/uma-autentica-sereia-nas-piscinas-dos-jogos-olimpicos	21/11/17	Ingrid Oliveira é uma das musas destes Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro
Sapo	https://desporto.sapo.pt/jogo-perigoso/artigos/amanda-simeao-a-musa-da-esgrima	21/11/17	Amanda Simeão, a musa da esgrima
O Jogo	https://www.ojogo.pt/multimedia/fotografias/interior/thaisa-pallesi-com-atributos-para-miss-jogos-olimpicos-5325838.html	22/11/17	Thaisa Pallesi com atributos para Miss Jogos Olímpicos
LANCE!	http://www.lance.com.br/fora-de-campo/elas-estao-fora-rio-2016-mas-batem-bolao-fora-esporte.html	17/11/17	Elas estão fora da Rio-2016, mas batem um bolão fora do esporte
LANCE!	http://www.lance.com.br/fora-de-campo/elas-estao-fora-rio-2016-mas-batem-bolao-fora-esporte.html	17/11/17	Confira fotos de atletas que não vão estar presentes, mas que batem um bolão!
LANCE!	http://www.lance.com.br/fora-de-campo/fotos-veja-musas-rio-2016.html	17/11/17	Thaisa Pallesi com atributos para Miss Jogos Olímpicos
LANCE!	http://www.lance.com.br/fora-de-campo/elas-estao-fora-rio-2016-mas-batem-bolao-fora-esporte.html	17/11/17	A norte-americana de 19 anos já tinha mostrado toda a sua classe no tapete para todo o Mundo ver, antes de chegar Rio.
LANCE!	https://www.lance.com.br/fora-de-campo/fotos-veja-musas-rio-2016.html	18/11/17	Além de muito competentes nos esportes, as belas atletas fazem sucesso com suas belezas.
IG	http://esporte.ig.com.br/olimpiadas/2016-08-23/gatas-musas-rio-2016.html	18/11/17	Relembre as mais belas atletas que competiram nas Olimpíadas do Rio
Terra	https://www.terra.com.br/diversao/purebreak/olimpiadas-rio-2016-jaqueline-do-volei-darya-klisina-e-as-atletas-mais-gatas-dos-jogos-do-brasil,1bcb5dfe5d033b768ebdc7eb95676447fcsv6klj.html	18/11/17	Rio-2016: Jaque, Darya e as atletas mais gatas dos Jogos

Terra	https://www.terra.com.br/esportes/lance/elas-estao-fora-da-rio-2016-mas-batem-um-bolao-fora-do-esporte.48851114b5ee0c26fcf2b39801f1abaagkv3tf8.html	18/11/17	Algumas atletas do esporte mundial não vão poder mostrar seus talentos nas Olimpíadas 2016, no Rio de Janeiro, seja por suspensão, corte, desclassificação ou desistências. Mas além disso, os Jogos também vão perder grandes nomes à musas da Rio-2016.
iG	https://esporte.ig.com.br/olimpiadas/2016-08-23/gatas-musas-rio-2016.html	18/11/17	Seja no atletismo, natação ou futebol, a beleza feminina foi marca registrada nos Jogos do Brasil. Confira as gatas que estiveram no evento
Terra	https://www.terra.com.br/diversao/purebreak/olimpiadas-rio-2016-jaqueline-do-volei-darya-klishina-e-as-atletas-mais-gatas-dos-jogos-do-brasil.1bcb5dfe5d033b768ebdc7eb95676447fcsv6klj.html	18/11/17	Tem muita atleta gata prometendo brilhar e conquistar ouro. Pensando nisso, o Purebreak fez uma listinha para apresentar essas musas.
Terra	https://www.terra.com.br/esportes/lance/na-web-ingrid-oliveira-comemora-ferias-e-faz-sucesso-de-biquini.cd43146d3425fcec84012f3e983e5e16mewy13fm.html	18/11/17	A atleta do salto ornamental, posou de biquíni e recebeu muitos elogios dos seguidores e fãs.
Terra	https://www.terra.com.br/diversao/purebreak/olimpiadas-rio-2016-jaqueline-do-volei-darya-klishina-e-as-atletas-mais-gatas-dos-jogos-do-brasil.1bcb5dfe5d033b768ebdc7eb95676447fcsv6klj.html	17/11/17	Eugenie Bouchard : a gata é canadense, tem 22 anos e busca ouro no tênis.
LANCE!	http://www.lance.com.br/fora-de-campo/com-belas-fotos-thaisa-chama-atencao-nas-redes-sociais.html	17/11/17	Com belas fotos, Thaisa chama atenção nas redes sociais
Torcedores.com	https://www.torcedores.com/noticias/2016/06/galeria-veja-20-musas-que-estarao-nos-jogos-olimpicos-rio-2016	17/11/17	Com início agendado para o dia 5 de agosto, os Jogos Olímpicos do Rio 2016 vão reunir os melhores esportistas do mundo em suas respectivas modalidades. E muitas destas atletas se destacam não só pela habilidade e técnica, mas também pela beleza.
Terra	https://www.terra.com.br/esportes/lance/na-web-ingrid-oliveira-comemora-ferias-e-faz-sucesso-de-biquini.cd43146d3425fcec84012f3e983e5e16mewy13fm.html	20/11/17	Viva a simplicidade da vida. Férias!, comemorou a gata.
UOL	https://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/olimpiadas/2016/08/09/goleira-gordinha-de-angola-e-melhor-que-neymar-para-torcida-brasileira.htm	20/11/17	Goleira "gordinha" de Angola é melhor que Neymar para torcida brasileira
Terra	https://www.terra.com.br/esportes/lance/conheca-a-candidata-a-musa-da-rio-2016-a-esgrimista	17/11/17	A atleta da equipe brasileira de esgrima, Amanda Simeão além de ser promessa de medalha nos jogos

	amanda-simeao.190126a2dc783238dff6e549d5794baedz7kdjj2.html		olímpicos do Rio de Janeiro, também é candidata a musa da competição.
RedeTV!	https://www.redeTV.uol.com.br/esportes/rio-2016/musa-da-esgrima-amanda-simeao-admite-que-rolou-paquera-na-rio-2016	28/11/17	Aos 22 anos, a esgrimista Amanda Simeão não conquistou medalhas em sua estreia em Olimpíada na Rio 2016, mas deu o que falar por sua beleza.
Folha de S. Paulo	https://www1.folha.uol.com.br/esporte/olimpiada-no-rio/2016/08/1802679-antes-de-salvar-marta-barbara-nao-queria-ser-goleira.shtml	18/11/17	Vaidosa, Bárbara diz que passou a cuidar mais da aparência depois que ficou conhecida.
ESPN	http://espn.uol.com.br/noticia/324934_musa-do-taekwondo-quer-medalha-nos-jogos-do-rio-em-2016	21/11/17	A atleta Talisca Reis tinha tudo para ser modelo, mas optou pela carreira esportiva no taekwondo e se tornou uma das esperanças de medalha brasileira na Olimpíada de 2016
O Globo	https://oglobo.globo.com/esportes/alex-morgan-desinibida-dos-estados-unidos-19875191	21/11/17	Alex Morgan, a desinibida dos Estados Unidos
O Globo	https://oglobo.globo.com/esportes/alex-morgan-desinibida-dos-estados-unidos-19875191	18/11/17	Jogadora de futebol é a primeira personagem da série 'Deusas do Olimpo', d'o GLOBO
GQ	https://gq.globo.com/GQ-no-podio/noticia/2016/08/linda-craque-e-adora-ver-futebol-na-tv-conheca-alex-morgan.html	18/11/17	Linda, craque e adora ver futebol na TV. Conheça Alex Morgan
Globoesporte.com	http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/hoquei-sobre-grama/noticia/2016/08/pressao-pelo-ouro-leonas-descartam-rotulo-e-esperam-torcida-de-brasileiros.html	18/11/17	Apontada como uma das favoritas ao ouro olímpico no hóquei sobre grama e potência na modalidade, a seleção argentina - as Leonas – por vezes acaba chamando a atenção por outros atributos, que nada têm a ver com o esporte. A beleza das jogadoras é exaltada pelo público, dentro e fora da Argentina.
Globoesporte.com	http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/hoquei-sobre-grama/noticia/2016/08/pressao-pelo-ouro-leonas-descartam-rotulo-e-esperam-torcida-de-brasileiros.html	18/11/17	Acostumada ao rótulo de “time de musas”, a atacante Delfina Merino foi categórica: a seleção não liga para isso.
LANCE!	https://www.lance.com.br/fora-de-campo/jaque-volei-quer-seguir-carreira-moda-diz-site.html	18/11/17	Considerada a Musa do vôlei brasileiro, Jaque Carvalho já está pensando na vida quando se aposentar do esporte
Globoesporte.com	http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/ginastica-ritmica/noticia/2016/07/musa-confessa-empresaria-e-futura-juiza-natalia-gaudio-no-selfie-olimpico.html	22/11/17	Musa confessa, empresária e futura juíza: Natália Gaudio no Selfie Olímpico
Terra	https://www.terra.com.br/esportes/lance/brasileiras-do-volei-sao-sucesso-dentro-e-fora-das-quadras.0302de667bed7a7f63e71cf49517d9f0olz97dzl.html	20/11/17	As atletas, que representam muito bem o Brasil, também fazem sucesso fora das quadras. Conheça as musas do vôlei!

Terra	https://www.terra.com.br/esportes/lance/musa-do-futebol-rejeita-ficar-entre-as-suplentes-do-canada-na-rio-2016.4347d2e5c2860b7801da6301a8639c41qb1tli0f.html	20/11/17	O fato de só disputar os jogos caso outra jogadora se lesionasse não agradou a gata.
O Globo	https://oglobo.globo.com/esportes/musa-do-futebol-feminino-rejeita-ficar-entre-as-suplentes-do-canada-nao-vem-para-rio-2016-19749663	21/11/17	“Não, obrigado”, teria dito a musa segundo o jornal “Mundo Deportivo”. Kaylyn tem no currículo a medalha de bronze na Olimpíada de Londres-2012. Abaixo, mais fotos da beleza.
UOL	https://olimpiadas.uol.com.br/noticias/2015/08/10/bia-e-branca-se-assustam-com-repercussao-de-foto-corpo-esta-normal.htm	21/11/17	Bia e Branca já haviam há algum tempo causado espanto pelo físico, quando abandonaram o corpo mais de meninas com que ficaram famosas e passaram a ostentar abdômens sarados.
UOL	https://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/esporte/2015/08/10/bia-e-branca-se-assustam-com-repercussao-de-foto-corpo-esta-normal.htm	21/11/17	As gêmeas do nado negam uma preocupação excessiva com a vaidade e reafirmam que o único foco é com a performance nas piscinas, especialmente com a chegada das Olimpíadas de 2016.
Terra	https://www.terra.com.br/esportes/lance/brasileiras-do-volei-sao-sucesso-dentro-e-fora-das-quadras.0302de667bed7a7f63e71cf49517d9f0olz97dzl.html	21/11/17	As atletas, que representam muito bem o Brasil, também fazem sucesso fora das quadras. Conheça as musas do vôlei!
R7	https://esportes.r7.com/mais-esportes/gemeas-do-nado-bia-e-branca-sao-convocadas-e-disputarao-olimpiada-pela-1-vez-24032016	21/11/17	Famosas pela beleza que as levou à carreira televisiva, as gêmeas Bia e Branca Feres vão, enfim, disputar os Jogos Olímpicos pela primeira vez.
Globoesporte.com	http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/ginastica-artistica/noticia/2016/08/beleza-americana-comeca-o-reinado-olimpico-de-simone-biles.html#atleta-simone%20biles	22/11/17	É a beleza americana transformada em esporte.
Globoesporte.com	http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/hoquei-sobre-grama/noticia/2016/08/modelo-escritora-vida-saudavel-maniac-ellen-hoog-busca-tri-olimpico.html	22/11/17	Ellen Hoog é muito mais que um rosto bonito.
Terra	https://www.terra.com.br/diversao/purebreak/olimpiadas-rio-2016-jaqueline-do-volei-darya-klishina-e-as-atletas-mais-gatas-dos-jogos-do-brasil.1bcb5dfe5d033b768ebdc7eb95676447fcsv6klj.html	18/11/17	Elodie Clouvel : a francesinha tem rosto de atriz! Com 27 anos, ela arrasa no pentatlo moderno que inclui natação, esgrima, tiro esportivo, corrida e hipismo. Quanta coisa, não?
GQ	http://gq.globo.com/GQ-no-podio/noticia/2016/08/linda-craque-e-adora-ver-futebol-na-tv-conheca-alex-morgan.html	21/11/17	Craque ela é. Gata também. E, para completar, curte acompanhar futebol no aconchego do sofá. Alex Morgan é um sonho para todos os apaixonados por futebol.

Globoesporte.com	http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/ginastica-artistica/noticia/2016/08/beleza-americana-comeca-o-reinado-olimpico-de-simone-biles.html#atleta-simone%20biles	22/11/17	É a beleza americana transformada em esporte.
Folha de S. Paulo	http://f5.folha.uol.com.br/voceviu/2016/08/atleta-australiana-que-ficou-famosa-por-dancinha-ja-ganhou-ao-menos-us-3-milhoes-com-publicidade-diz-jornal.shtml	17/11/17	Mas não espere encontrar, na internet, discussões sobre seu desempenho nas pistas.
Olé	https://www.ole.com.ar/diosas/Diosa-ruedas_0_1659434212.html	19/11/17	Diosa sobre ruedas
El Mundo	http://www.elmundo.es/album/loc/2016/08/02/579f6d73ca474150768b45d4.html	19/11/17	La lista de las atletas olímpicamente atractivas
Olé	https://www.ole.com.ar/juegos-olimpicos-rio-2016/munecas-suecas-chicas-mujeres-rubias_0_1624637670.html	19/11/17	Las muñecas suecas
Olé	https://www.ole.com.ar/juegos-olimpicos-rio-2016/munecas-suecas-chicas-mujeres-rubias_0_1624637670.html	19/11/17	Las chicas del país escandinavo llaman la atención en la Villa Olímpica.
Olé	https://www.ole.com.ar/diosas/Uma-beleza_0_1628837258.html	19/11/17	La voleibolista brasileña, Jaqueline Carvalho, juega de local en Río y es considerada como una de las jugadoras más bellas y exitosas de la actualidad.
Clarín	https://www.clarin.com/deportes/polideportivo/caras-bonitas-veran-Rio_0_HJJdf03O.html	19/11/17	Diez caras bonitas que se verán en Río
Clarín	https://www.clarin.com/deportes/polideportivo/caras-bonitas-veran-Rio_0_HJJdf03O.html	20/11/17	Y es, a la vez, una excelente oportunidad para conocer algunas de las deportistas más lindas que participarán en Río de Janeiro.
La Nacion	http://www.lanacion.com.ar/1926322-rio-2016-trato-de-gorditas-a-las-atletas-de-su-pais-y-la-discriminacion-le-costo-su-despido-inmediato	20/11/17	Río 2016: el director de un diario deportivo trató de "gorditas" a tres atletas de su país y lo despidieron
Marca	http://www.marca.com/juegos-olimpicos/album/2016/08/03/57a0d846e5fdeaa26b8b463d.html	20/11/17	Las más bellas de los Juegos
La Nacion	http://www.lanacion.com.py/2016/06/30/leryn-y-ramon-portan-hoy-la-llama-olimpica	24/11/17	La bella ex atleta paraguaya Leryn Franco porta hoy la antorcha olímpica a su paso por Foz de Yguazú.
Cinco Dias	http://cincodias.com.ar/2016/07/bellezas-las-atletas-mas-lindas-de-los-juegos-olimpicos/	19/11/17	Sin embargo, hay cuatro deportistas que, más allá de su talento atlético, se llevan premios a las más bellas de la competencia
Cinco Dias	http://cincodias.com.ar/2016/07/bellezas-las-atletas-mas-lindas-de-los-juegos-olimpicos/	19/11/17	¡Bellezas! Las atletas más lindas de los Juegos Olímpicos
AS	https://mexico.as.com/mexico/2016/08/04/album/1470263729_124239.html	19/11/17	Las 10 deportistas más guapas que verás en Juegos Olímpicos

La Opinion	https://laopinion.com/2016/08/05/fotos-las-10-mujeres-que-te-robaran-el-corazon-en-rio-2016/	23/11/17	Fotos: las 10 mujeres que te robarán el corazón en Río 2016
La Opinion	https://laopinion.com/2016/08/05/fotos-las-10-mujeres-que-te-robaran-el-corazon-en-rio-2016/	23/11/17	Pero estas atletas, además de sus talentos atléticos, brillan por su gran belleza y sin duda se romperán corazones y se robarán las miradas y suspiros de muchos.
Vanguardia	http://www.vanguardia.com.mx/articulo/la-atleta-mas-guapa-del-mundo-asistira-rio-2016-y-la-llaman-nazi-en-su-pais	23/11/17	La atleta más guapa del mundo asistirá a Río 2016 y la llaman Nazi en su país
Los Andes	https://losandes.com.ar/articulo/wini-fer-fernandez-la-morocha-dominicana-que-levanto-suspiros-en-el-voley-olimpico	24/11/17	Winifer Fernández, la morocha dominicana que provocó suspiros en el vóley olímpico
Olé	https://www.ole.com.ar/diosas/Encanto-salto_0_1634236703.html	26/11/17	Encanto en un salto
Olé	https://www.ole.com.ar/diosas/Encanto-salto_0_1634236703.html	26/11/17	La atleta serbia, Ivana Spanovic, se colgó la medalla de bronce al saltar 7.08m de longitud y es una de las deportistas más bonitas que engalanan los JJ.OO. en Río. Conocela.
La Opinion	https://laopinion.com/2016/08/05/fotos-las-10-mujeres-que-te-robaran-el-corazon-en-rio-2016/	26/11/17	No solo son atletas que compiten al más alto nivel en sus respectivas disciplinas, estas hermosuras harán suspirar a más de uno en los Juegos Olímpicos
AS	https://us.as.com/us/2016/08/15/album/1471239452_163729.html#1471047978_139110_1471048059	24/11/18	Río 2016 se queda huérfano de la belleza de Morgan y Hope Solo
AS	https://as.com/masdeporte/2016/08/11/juegosolimpicos/1470951768_465701.html	28/11/17	Segundo oro para Biles, la niña bonita de Río
Marca	http://www.marca.com/baloncesto/nba/album/2016/04/28/5721ce1a468aeb19618b45e2.html	28/11/17	12 mujeres de ensueño para dominar Río 2016
Daily Star	https://www.dailystar.co.uk/news/latest-news/535843/Rio-2016-Olympics-dutch-hockey-team-women-sexy	24/11/17	The team hoping for gold medal glory are made up of swimwear models, a fake tan addict and a vegan star striker.
Record	https://www.record.pt/modalidades/jogos-olimpicos/rio2016/andebol/detalhe/teresa-almeida-melhor-do-que-neymar	20/11/17	Se a visse na Aldeia Olímpica, provavelmente não diria que se tratava de uma atleta, mas é verdade é que, mesmo com 98 kg, está a brilhar e já conquistou o apoio... até do público brasileiro.
O Jogo	https://www.ojogo.pt/internacional/rio-2016/noticias/interior/baconquista-brasileiros-em-vesperas-de-dar-o-no-5326003.html	24/11/17	Os quase 100 quilos (98, precisamente) não tiram a flexibilidade a Teresa Almeida, mais conhecida no mundo do andebol por Bá.
Tvi 24	https://tvi24.iol.pt/internacional/jogos-olimpicos/ginasta-olimpica-criticada-pelo-peso-a-mais	24/11/17	A atleta tem 1,47 metros de altura e o peso oscila entre os 52 e os 54 quilos, sete a mais do que deveria ter, segundo a sua ficha olímpica.
R7	https://esportes.r7.com/esportes-	17/11/17	Musa da Rio 2016 exhibe abdômen

	olimpicos/fotos/musa-da-rio-2016-exibe-abdomen-trincado-nas-redes-sociais-e-ganha-elogio-ta-com-um-corpinho-lindo-10072017		trincado nas redes sociais e ganha elogio: "Tá com um corpinho lindo"
HuffPost Brasil	http://www.huffpostbrasil.com/2016/08/10/goleira-gorda-de-angola-ganha-o-coracao-dos-brasileiros-ahhhhh_a_21696399/	23/11/17	Goleira "gordinha" de Angola é melhor que Neymar para torcida brasileira
HuffPost Brasil	http://www.huffpostbrasil.com/2016/08/10/goleira-gorda-de-angola-ganha-o-coracao-dos-brasileiros-ahhhhh_a_21696399/	23/11/17	A goleira chama a atenção por suas boas defesas e também por sua forma física.
ESPN	http://espn.uol.com.br/noticia/621119_gordinha-sensacao-do-handebol-admite-que-sobrepeso-atrapalha-mas-ignora-regime	25/11/17	Bá não pensa em mudar seu físico.
ESPN	http://espn.uol.com.br/noticia/621119_gordinha-sensacao-do-handebol-admite-que-sobrepeso-atrapalha-mas-ignora-regime	25/11/17	Goleira gorda de Angola ganha o coração dos brasileiros: 'Ahhhhhhhhh, a Bá é melhor que Neymaaaarrrr'
O Globo	https://oglobo.globo.com/esportes/teresa-almeida-fofinha-que-virou-xodo-do-rio-19905115	17/11/17	1,70m de altura e 98kg. A goleira Teresa Almeida, mais conhecida como Bá, ganhou o coração dos torcedores brasileiros. É claro que a condição física incomum ao esporte fez sua parte na nova paixão brasileira.
ESPN	http://www.espn.com.br/noticia/621119_gordinha-sensacao-do-handebol-admite-que-sobrepeso-atrapalha-mas-ignora-regime	17/11/17	São 98kg distribuídos em apenas 1,70m. Por isso, Teresa Patricia Almeida, a Bá, virou carinhosamente a "goleira gordinha". O físico e as atuações nas duas primeiras rodadas do grupo A do handebol na Olimpíada a fizeram cair nas graças da torcida brasileira que tem ido à Arena do Futuro, na Barra, assistir aos jogos.
ESPN	http://www.espn.com.br/noticia/621119_gordinha-sensacao-do-handebol-admite-que-sobrepeso-atrapalha-mas-ignora-regime	17/11/17	Embora pareça não se importar muito com o peso a mais, Bá, que não tem nenhum outro tipo de atividade a não ser jogar, admitiu que se fosse mais magra teria mais mobilidade para as intervenções que precisa fazer no handebol.
O Globo	https://oglobo.globo.com/esportes/teresa-almeida-fofinha-que-virou-xodo-do-rio-19905115	17/11/17	Teresa Almeida, a fofinha que virou xodó no Rio
Torcedores.com	http://torcedores.uol.com.br/noticias/2016/08/esgremista-revela-perguntas-de-como-pode-ser-chamada-de-musa-por-ser-baixinha-e-gordinha	17/11/17	Esgremista revela perguntas de como pode ser chamada de musa por ser baixinha e gordinha
Torcedores.com	https://www.torcedores.com/noticias/2016/08/esgremista-revela-perguntas-de-como-pode-ser-chamada-de-musa-por-ser-baixinha-e-gordinha	22/11/17	Logo após a eliminação, Amanda concedeu uma entrevista ao UOL, onde fez uma incrível revelação, ao falar de como ser musa com o seu tamanho e peso. "As outras meninas ficam perguntando como posso ser chamada de musa se eu

			sou baixinha e gordinha”.
R7	https://noticias.r7.com/jornal-da-record/videos/conheca-uma-das-candidatas-a-musa-dos-jogos-olimpicos-30072016	18/11/17	Lorena Molinos é carioca da gema possui um corpo que lembra as mais belas curvas do Rio de Janeiro.
TVi24	https://tvi24.iol.pt/internacional/jogos-olimpicos/ginasta-olimpica-criticada-pelo-peso-a-mais	21/11/17	Ginasta olímpica criticada pelo peso a mais
Terra	https://www.terra.com.br/diversao/gente/purepeople/gemeas-bia-e-branca-feres-posam-decotadas-antes-das-olimpiadas-foto.f46450be52a83e2fe5971b3da20bbeckduab6d2.html	21/11/17	A foto publicada no perfil das duas no Instagram gerou muitos elogios, mas também críticas de algumas pessoas que apontaram uma magreza excessiva.
Terra	http://esportes.terra.com.br/jogos-olimpicos/2016/bicampea-olimpica-no-hoquei-holanda-conhece-estrutura-do-rio-2016.4736367398dec6ef1ff67250f14e9f26oldm1wl9.html	22/11/17	Vistas como uma das mais belas equipes dos Jogos Olímpicos, as holandesas brincaram com o rótulo e acreditam que isso não interfere nada dentro de campo, no entanto, esse fator pode fazer com que os torcedores compareçam aos jogos no ano que vem.
Folha de S. Paulo	https://f5.folha.uol.com.br/voceviu/2016/08/atleta-australiana-que-ficou-famosa-por-dancinha-ja-ganhou-ao-menos-us-3-milhoes-com-publicidade-diz-jornal.shtml	11/11/17	Nas redes sociais, ela se tornou assunto por algo que não tem nada a ver com o atletismo: seus seguidores deixaram a Olimpíada de lado e estão em um "debate" sobre se ela passou por algum procedimento cirúrgico para aumentar os seios antes dos Jogos.
Marca	http://www.marca.com/juegos-olimpicos/2016/08/08/57a86eaa46163f14328b45ce.html	11/17/17	Teresa Almeida, una portera sin complejos
El Pais	https://elpais.com/deportes/2016/08/11/actualidad/1470915856_107478.html?rel=mas	19/11/17	Con menos de metro y medio, Biles ha ganado los tres últimos Mundiales sin discusión y nadie duda de que se irá de Río con un puñado de oros olímpicos.
La Nacion	http://www.lanacion.com.ar/1926322-rio-2016-trato-de-gorditas-a-las-atletas-de-su-pais-y-la-discriminacion-le-costo-su-despido-inmediato	20/11/17	Río 2016: el director de un diario deportivo trató de "gorditas" a tres atletas de su país y lo despidieron
La Nacion	http://www.lanacion.com.ar/1927503-fofinha-rio-de-janeiro	19/11/17	Desde su metro setenta y sus 98 kilos
Sports Illustrated (EUA)	http://www.espn.com/espn/feature/story/_/page/espnw-lloyd160523/carli-lloyd-ready-prove-2016-rio-olympics	25/11/17	Lloyd finally stepped to the forefront of women's soccer on that afternoon in July, but here, at the Turning Point, she practically recedes into the background. She is not Serena Williams, granite sculpture of biceps and triceps. She is not Ronda Rousey, bulk and power. At 5-foot-8, her hair piled into a messy bun, and sporting an unremarkable all-black warm-up suit, she could just as easily be your fitness-conscious roommate as a World Cup Golden Ball

			winner.
O Globo	https://oglobo.globo.com/esportes/rio-2016/conheca-as-atletas-musas-do-rio-2016-19799921	21/11/17	Nossa sereia do nado sincronizado, Lorena Molina, já está na contagem regressiva para os Jogos
O Globo	https://oglobo.globo.com/esportes/rio-2016/conheca-as-atletas-musas-do-rio-2016-19799921	18/11/17	Uma das sereias da natação italiana, Federica Pellegrini vai dar trabalho nas piscinas brasileiras
Record	https://www.record.pt/multimedia/videos/detalhe/uma-autentica-sereia-nas-piscinas-dos-jogos-olimpicos	18/11/17	Uma autêntica sereia nas piscinas dos Jogos Olímpicos
Olé	https://www.ole.com.ar/diosas/angel-arena_3_1630066989.html	26/11/17	Como un ángel sobre la arena

MULHER É SUBMISSÃO

Website	Link	Data da pesquisa	Conteúdo
The New York Times	https://www.nytimes.com/2016/08/07/sports/olympics/katie-ledecky-swimming-coach-rio-2016.html?smid=tw-nytimes&smtyp=cur&r=0	24/11/17	His Latest Innovation: The World's Best Swimmer
The New York Times	https://www.nytimes.com/2016/08/07/sports/olympics/katie-ledecky-swimming-coach-rio-2016.html?smid=tw-nytimes&smtyp=cur&r=0	24/11/17	His latest project, Katie Ledecky, has thrived under his tinkering, becoming stronger, faster and more versatile.
NBC	http://i2.wp.com/jessweiner.me/wp-content/uploads/2016/08/Screen-Shot-2016-08-08-at-5.06.17-PM.png?resize=548%2C435	24/11/17	The man responsible
Diário de Notícias	https://www.dn.pt/desporto/interior/o-plano-de-katinka-a-dama-de-ferro-das-piscinas-5557046.html	21/11/17	Húngara passou a dominar as piscinas desde que começou a ser treinada pelo namorado.
Diário de Notícias	https://www.dn.pt/desporto/interior/o-plano-de-katinka-a-dama-de-ferro-das-piscinas-5557046.html	21/11/17	Certo é que Katinka assegura que foi a relação com o marido que a ajudou a atingir os resultados mais recentes.
Diário de Notícias	https://www.dn.pt/desporto/interior/o-plano-de-katinka-a-dama-de-ferro-das-piscinas-5557046.html	21/11/17	As mudanças na vida de Katinka começaram em 2012: Shane Tusup, o namorado que conheceu na University of Southern California, passou a ser também o treinador. E a experiência arrancou da melhor forma: logo nos Mundiais de Pequim, a nadadora conseguiu cinco medalhas e ganhou a alcunha que agora a acompanha.
UOL	https://olimpiadas.uol.com.br/noticias/redacao/2016/08/07/nadadora-hungara-esmaga-recorde-mundial-e-marido-torcedor-vira-atracao.htm	20/11/17	Nadadora húngara esmaga recorde mundial, e marido torcedor vira atração

UOL	https://olimpiadas.uol.com.br/noticias/redacao/2016/08/07/nadadora-hungara-esmaga-recorde-mundial-e-marido-torcedor-vira-atracao.htm	20/11/17	Só parou quando viu seu torcedor mais ilustre: Shane Tusup, norte-americano com quem Katinka é casada desde 2013, que chamou atenção pelas reações efusivas nas arquibancadas do Rio de Janeiro.
Globoesporte.com	http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/natacao/noticia/2016/08/pulverizado-katinka-hosszuate-recorde-mundial-dos-400m-medley.html	20/11/17	Dama de Ferro pulveriza recorde mundial e leva o marido à loucura
Globoesporte.com	http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/natacao/noticia/2016/08/pulverizado-katinka-hosszuate-recorde-mundial-dos-400m-medley.html	20/11/17	Húngara Katinka Hosszu baixa em mais de dois segundos a marca histórica dos 400m medley e garante primeiro ouro; marido, que também é técnico, dá show fora da piscina
Globoesporte.com	http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/natacao/noticia/2016/08/pulverizado-katinka-hosszuate-recorde-mundial-dos-400m-medley.html	20/11/17	Proporcional ao show dado por Katinka na água, foi o que fez seu esposo e técnico, Shane Tusup, fora dela. O americano, companhia inseparável da nadadora, vibrou enlouquecidamente e levantou ainda mais o barulho do estádio aquático ao aparecer nos telões.
Globoesporte.com	http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/natacao/noticia/2016/08/com-atencao-em-phelps-katinka-hosszu-tenta-roubar-cena-nos-jogos.html	20/11/17	Para chegar até o pódio olímpico no Rio de Janeiro, Katinka passou por uma transformação. Com Shane Tsup, namorado e treinador, a húngara reformulou seus métodos de treinamentos.
UOL	https://olimpiadas.uol.com.br/noticias/2015/03/22/ex-bbb-vira-inspiracao-para-namorada-austriaca-rumo-ao-ouro-no-rio-2016.htm	22/11/17	Austríaca se inspira em namorado ex-BBB em busca de ouro olímpico em 2016
UOL	https://olimpiadas.uol.com.br/noticias/2015/03/22/ex-bbb-vira-inspiracao-para-namorada-austriaca-rumo-ao-ouro-no-rio-2016.htm	22/11/17	E para que esse sonho possa se tornar realidade, Fernando e Viktoria começaram a treinar juntos, o que serve de motivação extra para a austríaca.
Diario AS	https://twitter.com/arantxastark/status/766726744762187776	24/11/17	Rivas, el hombre que convirtió en oro las rabietas de Carolina
Sporting News	http://www.sportingnews.com/athletics/news/rio-olympics-2016-corey-cogdell-wife-chicago-bears-lineman-mitch-bronze-medal-trap-shooting/pq2bkhi2xjml1tqtaw2wu3ags	25/11/17	Rio Olympics 2016: Corey Cogdell, wife of Bears lineman, wins bronze in shooting
Chicago Tribune	https://twitter.com/chicagotribune/status/762401317050605568	24/11/17	Wife of Bears' lineman wins bronze medal
The Eagle	http://www.theeagle.com/editio n/search/?q=phelps+ties+for+silver+in+100+fly&d1=2016-08-13&d2=2016-08-14&sd=desc&l=50	24/11/17	Phelps ties for silver (título) - Ledecy sets world record in women's 800 freestyle (subtítulo)
Globoesporte.com	http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/natacao/noticia/2016/08/com-atencao-em-phelps-	20/11/17	Com atenção em Phelps, Katinka Hosszu tenta roubar a cena nos Jogos

	katinka-hosszu-tenta-roubar-cena-nos-jogos.html		
La Informacion	https://twitter.com/la_informacion/status/766659370134474752	24/11/17	Carolina Marín, la niña que admira a Nadal, primera no asiática que gana el oro olímpico

MULHER É LAZER

Website	Link	Data da pesquisa	Conteúdo
NBC	http://www.nbcolympics.com/news/zaccardi-katie-ledecky-sarah-sjostrom-primed-200m-freestyle-battle-world-records-and-gold	24/11/17	Sjöström previously said that if she won the 100m butterfly, she would do the samba on Copacabana Beach, which is interesting for this reason: it's unclear how seriously the Swede takes the 200m freestyle.
Star Tribune	http://www.startribune.com/lindsay-whalen-s-mind-focused-on-gold-medal-not-rio-distractions/390523821/	24/11/17	Lindsay Whalen's mind focused on gold medal, not Rio distractions
The Sun	https://www.thesun.co.uk/sport/rio-2016/1599966/rio-olympics-2016-olympic-fencing-champ-yana-egorian-shows-her-sexy-side-in-stunning-bikini-snaps/	25/11/17	Russian Egorian won gold in the sabre category in Rio, but likes nothing more than to take off her heavy costume and relax in her bikini
Daily Mail	http://www.dailymail.co.uk/news/article-3743498/Michelle-Jenneke-does-signature-warm-dance-bombing-Rio-Olympics.html	28/11/17	Wouldn't it be nice if you were known for actually winning a race, Michelle? Jiggling Jenneke shows off her signature dance - and then bombs out in the HEATS of 100m hurdles in Rio
Sporting News	http://www.sportingnews.com/athletics/news/rio-olympics-2016-michelle-jenneke-routine-photos-hurdles-australia-sixth-place/siffgrqmvmv1u6c7uzjupybk	28/11/17	Olympic athlete/internet star Michelle Jenneke will sashay out of the Rio Olympics without a medal.
HuffPost	https://www.huffingtonpost.com/entry/michelle-jenneke-pre-race-routine-rio-olympics_us_57b33003e4b0c75f49d84d04	28/11/17	Michelle Jenneke Brought Her Pre-Race Routine To The Olympics
HuffPost	https://www.huffingtonpost.com/entry/michelle-jenneke-pre-race-routine-rio-olympics_us_57b33003e4b0c75f49d84d04	28/11/17	But her fans likely aren't too happy right now because she won't be dancing or running anymore on the track in Rio. Jenneke appeared sluggish while finishing sixth in her heat with a time of 13.26 seconds.
ESPN	http://www.espn.com/espnw/culture/the-buzz/article/17265993/being-eliminated-olympic-play-not-stopped-eugenie-bouchard-living-rio	28/11/17	Being eliminated from Olympic play has not stopped Eugenie Bouchard from living it up in Rio

ESPN	http://www.espn.com/espnw/culture/the-buzz/article/17265993/being-eliminated-olympic-play-not-stopped-eugenie-bouchard-living-rio	28/11/17	While always reppin' her native land, Bouchard and her Team Canada threads have been spotted EVERYWHERE during the past several days. From watching swimming, to fencing, to gymnastics, she is living all of our collective Rio dreams. Who needs a medal when you can have this much fun experiencing everything else? Don't answer that.
thestar.com	https://www.thestar.com/sports/olympics/2016/08/08/eugenie-bouchard-loses-in-straight-sets-at-rio-olympics.html	28/11/17	The Australian hurdler, best known for her looks and pre-race hip-shaking routine (yes, and her ability, too), was eliminated from the women's 100 meters after finishing sixth in her heat Tuesday.
O Jogo	https://www.ojogo.pt/area-j/excitacoes/noticias/interior/simone-biles-surpreendida-por-ator-norte-americano-5343201.html	22/11/17	Depois das cinco medalhas, Simone Biles realizou um dos maiores sonhos da sua vida, ao conhecer no Rio de Janeiro o ator Zac Efron.
O Globo	https://oglobo.globo.com/esportes/rio-2016/conheca-as-atletas-musas-do-rio-2016-19799921	18/11/17	Musa da esgrima, Amanda Simeão deixa Rio-2016 com ouro em popularidade
Extra	https://extra.globo.com/esporte/rio-2016/musa-da-esgrima-amanda-simeao-deixa-rio-2016-com-ouro-em-popularidade-19906063.html	28/11/17	Amanda Simeão não deixa os Jogos Olímpicos com a sensação de derrota. Nem poderia. A esgrimista de Curitiba perdeu os dois jogos desta quinta-feira, encerrou sua participação na competição, mas também ganhou muito graças à fama que conquistou. Alçada ao posto de "Musa da Esgrima", agora espera colher os frutos da popularidade.
Globoesporte.com	http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/esgrima/noticia/2016/07/primeira-americana-competir-de-veu-ibtihaj-quer-ser-imagem-das-minorias.html	18/11/17	Se pudesse escolher, a menina que tem descendência africana gostaria que sua opção religiosa nunca fosse motivo para tanto falatório.
Tvi 24	http://www.tvi24.iol.pt/margem-olimpica/ibtihaj-muhammad/e-a-nova-estrela-dos-eua-porque-usa-o-veu-islamico	23/11/17	É a nova estrela dos EUA porque usa o véu islâmico

MULHER É (OBJETO DE) DESEJO

Website	Link	Data da pesquisa	Conteúdo
Daily Star	https://www.dailystar.co.uk/news/latest-news/535843/Rio-2016-Olympics-dutch-hockey-team-women-sexy	24/11/17	THE Dutch women's hockey team play in the Olympic final today but their growing legion of Brit male fans will be torn about who to support – because the other finalists are Team GB.

Daily Star	https://www.dailystar.co.uk/news/latest-news/535843/Rio-2016-Olympics-dutch-hockey-team-women-sexy	24/11/17	If social media is anything to go by their male fans from across the world just want them to stay in the competition to admire their talents for as long as possible.
The Sportster	https://www.thesportster.com/entertainment/top-25-hottest-athletes-heading-to-the-2016-rio-olympics/	25/11/17	But athletic ability isn't the only thing that's put on display during the Games. Olympians are some of the fittest people in the world, and, as such, the Olympics are also a time to see who has the hottest athletes in the world.
The Sportster	https://www.thesportster.com/entertainment/top-25-hottest-athletes-heading-to-the-2016-rio-olympics/	25/11/17	While Aly Raisman might be the hottest female gymnast in the world at the moment, 19 year-old Simone Biles of Columbus, Ohio, is undoubtedly the best
The Athletic Build	http://theathleticbuild.com/the-top-50-hottest-female-athletes-of-2016/	25/11/17	We have painstakingly researched female athlete after female athlete to come up with the 50 hottest for 2017. It was a tough job but someone had to do it.
The Athletic Build	http://theathleticbuild.com/the-top-50-hottest-female-athletes-of-2016/	25/11/17	Serena Williams - You know who she is, especially if you like booty.
The Sun	https://www.thesun.co.uk/sport/rio-2016/1599966/rio-olympics-2016-olympic-fencing-champ-yana-egorian-shows-her-sexy-side-in-stunning-bikini-snaps/	25/11/17	Olympic fencing champ Yana Egorian shows her sexy side in stunning bikini snaps
Express	https://www.express.co.uk/sport/olympics/700152/rio-2016-olympics-yana-egorian-fencer-bikini-photos	25/11/17	Beach Volleyball: Players in action - Rio 2016 Olympic games kicks off to a hot and sweaty round of Beach Volleyball held in Rio de Janeiro, Brazil
Daily News	http://www.nydailynews.com/sports/hottest-olympic-athletes-2016-rio-olympics-gallery-1.2736777	25/11/17	Sure, they're the best athletes in the world in terms of strength, speed and talent, but these sizzlin' Olympians are also on top of their game when it comes to simply being hot.
Sports Illustrated	https://www.si.com/swim-daily/2016/08/09/michelle-jenneke-olympics-dance-hurdles	28/11/17	Rewatch the sexy dance that made Olympic hurdler Michelle Jenneke a viral video star
Sports Illustrated	https://www.si.com/swim-daily/2016/08/09/michelle-jenneke-olympics-dance-hurdles	28/11/17	Let us refresh your memory. Leading up to the 2012 World Junior Championships in Barcelona, Michelle became an instant Internet sensation for her pre-race shake—which looked even hotter in slow-motion.
Sapo	https://www.sabado.pt/ultima-hora/detalhe/gemeasfazemfuror-no-rio201	22/11/17	Além de serem duas das maiores promessas brasileiras da natação sincronizada, as gémeas são donas de uma grande beleza, que não tem passado (nada!) despercebida.
O Jogo	https://www.ojogo.pt/multimedia/fotografias/interior/as-atletas-mais-sexy-dos-jogos-olimpicos-5320605.html	22/11/17	As atletas mais sexy dos Jogos Olímpicos (galeria de fotos, as atletas sequer são nomeadas)

Record	http://www.record.pt/fora-de-campo/e-de-homem/lifestyle/detalhe/esta-quentinho-no-rio2016-e-a-culpa-e-destas-beldades.html	22/11/17	Está 'quentinho' no Rio e a culpa é dessas beldades
Record	http://www.record.pt/fora-de-campo/e-de-homem/lifestyle/detalhe/esta-quentinho-no-rio2016-e-a-culpa-e-destas-beldades.html	22/11/17	Diz a letra da música dos Jogos Olímpicos que "o Rio de Janeiro continua lindo". Mas porquê? O É de Homem foi investigar e chegou a uma conclusão: a culpa é destas atletas que impressionam... e não é pelos seus recordes pessoais.
Jornal de Notícias	https://www.jn.pt/desporto/interior/o-caso-do-gala-da-canoagem-e-da-musa-do-jogos-olimpicos-5333517.html	20/11/17	Ingrid Oliveira ganhou o título de musa nos Jogos Pan-Americanos, o ano passado, no Canadá, muito à conta das fotos sensuais que partilha no Instagram.
O Jogo	https://www.ojogo.pt/multimedia/fotografias/interior/ingrid-oliveira-a-atleta-brasileira-mais-sexy-e-polemica-do-ano-5570306.html	21/11/17	Ingrid Oliveira, a atleta brasileira mais sexy e polémica do ano
Terra	https://www.terra.com.br/esportes/lance/jaqueline-do-volei-quer-seguir-carreira-na-moda-diz-site.bd0d3ba2136478115f12707c348ef78309ndjpf2.html	20/11/17	Esbanjando beleza, a atleta lida muito com o assédio dos fãs e parece não se incomodar com o rótulo de musa.
Terra	https://www.terra.com.br/esportes/lance/musa-do-futebol-rejeitar-ficar-entre-as-suplentes-do-canada-na-rio-2016.4347d2e5c2860b7801da6301a8639c41qb1tli0f.html	22/11/17	Vistas como uma das mais belas equipes dos Jogos Olímpicos, as holandesas brincaram com o rótulo e acreditam que isso não interfere nada dentro de campo, no entanto, esse fator pode fazer com que os torcedores compareçam aos jogos no ano que vem.
Record	http://www.record.pt/jogo-da-vida/detalhe/gemeasfazemfuror-no-rio2016.html	21/11/17	Gêmeas fazem furor no Rio'2016
Record	http://www.record.pt/multimedia/fotogalerias/fotos/detalhe/gemeas-brasileiras-fazem-subir-temperatura-no-rio2016.html#/2	21/11/17	Gêmeas brasileiras fazem subir temperatura no Rio'2016
RedeTV	http://www.redetv.uol.com.br/esportes/rio-2016/musa-da-esgrima-amanda-simeao-admite-que-rolou-paquera-na-rio-2016	17/11/17	Após ter sido cotada para estampar a capa da edição especial de 41 anos da Playboy, que terá Pathy Dejesus, a jovem foi considerada uma das mais gatas dos Jogos Olímpicos.
Torcedores.com	http://torcedores.uol.com.br/noticias/2016/07/rio-2016-exercito-proibe-ensaio-sensual-de-esgrimista-musa-das-olimpiadas	17/11/17	Além do talento na modalidade, a qual levou-a a garantir uma das vagas brasileiras para os Jogos Olímpicos Rio 2016, a paranaense também impressiona por sua beleza de tal maneira que a revista "Playboy" escolheu a atleta para um ensaio sensual. A aposta da publicação era que Amanda seria a "Musa da Olimpíada", porém o Exército brasileiro estragou tudo.

Extra	https://extra.globo.com/esporte/ri-o-2016/musa-do-atletismo-de-malta-posa-so-de-toalhinha-na-vila-olimpica-leva-seguidores-loucura-19933718.html	18/11/17	A musa do atletismo de Malta, Charlotte Ashley Wingfield, que disputa a Rio-2016, deu um show de sensualidade, nesta terça-feira, na Vila Olímpica.
Extra	https://extra.globo.com/esporte/ri-o-2016/musa-do-atletismo-de-malta-posa-so-de-toalhinha-na-vila-olimpica-leva-seguidores-loucura-19933718.html	18/11/17	Ela posou para uma foto só de toalinha e levou os fãs à loucura no Instagram.
Yahoo	https://esportes.yahoo.com/fotos/apontada-como-atleta-mais-sexy-do-mundo-alex-morgan-%C3%A9-s%C3%A9ria-candidata-a-musa-da-olimp%C3%ADada-slideshow/	18/11/17	Apontada como atleta mais sexy do mundo, Alex Morgan é séria candidata a musa da Olimpíada
Terra	https://www.terra.com.br/diversao/gente/purepeople/gemeas-bia-e-branca-feres-posam-decotadas-antes-das-olimpiadas-foto,f46450be52a83e2fe5971b3da20bbeckduab6d2.html	21/11/17	Bia e Branca Feres posam decotadas antes das Olimpíadas
UOL	https://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/olimpiadas/2016/10/13/famosa-por-aquecimento-sexy-ela-perdeu-ate-bolsa-atleta-apos-fiasco-no-rio.htm	22/11/17	Famosa por aquecimento sexy, ela perdeu até bolsa-atleta após fiasco no Rio
Marca	http://www.marca.com/juegos-olimpicos/2016/08/23/57bc8b34e2704e11788b4663.html	19/11/17	El líder supremo de la República Islámica de Irán, Alí Jameneí, emitió un mensaje de elogio y agradecimiento a la delegación olímpica del país, en el que subrayó el brillo de las mujeres por su "honorable vestimenta", pues demostraron a todo el mundo "el símbolo honorable de la vestimenta de la mujer iraní"
RPP	http://rpp.pe/multideportes/juegos-olimpicos/juegos-olimpicos-rio-2016-las-10-atletas-mas-sensuales-del-certamen-noticia-984807	20/11/17	Juegos Olímpicos Río 2016: las 10 atletas más sensuales del certamen
Mundo Deportivo	http://www.mundodeportivo.com/buzz/20160803/403658738777/las-6-deportistas-mas-guapas-de-los-juegos-olimpicos-de-rio-de-janeiro.html	23/11/17	Las 6 deportistas más sexys de los Juegos Olímpicos de Río de Janeiro
El Diario	http://images.eldiario.es/sociedad/Happn-mundo-deportivo EDIIMA20160803_0446_18.jpg	28/11/17	Deportistas olímpicas españolas que despiertan más pasiones
Marca	https://www.marca.com/juegos-olimpicos/2016/08/06/57a51286268e3e0a2a8b4577.html	26/11/17	Los siete días de Mireia

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Maria Clotilde et al. **Jogar Futebol com as Palavras. Imagens metafóricas no jornal “A Bola”**. Lisboa: Colibri, 2013.

BADENHAUSEN, Kurt (Forbes). **Full List: The World’s Highest-Paid Athletes 2017**. [S. l.], 15 jun. 2017. Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/kurtbadenhausen/2017/06/15/full-list-the-worlds-highest-paid-athletes-2017/#2930a079d583>. Acesso em: 1 ago. 2018.

BILLINGS, A. C.; BUTTERWORTH, M. L.; TURMAN, P. D. Cap. 6 Gender in Sport. **Communication and Sport: Surveying the Field**. [S. l.]: SAGE Publications, 2011.

BLACK, Max. **More about metaphor**. Cambridge: Cambridge University Press, p.19 – 41, 1993.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade** (Tradução: Renato Aguiar). Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Diccionario de análisis del discurso**. Buenos Aires: Amorrortu, 2005.

Comitê Olímpico Internacional (COI). **Promotion of women in sport through time**. [S. l., S. d.]. Disponível em: <https://www.olympic.org/women-in-sport/background>. Acesso em: 5 nov. 2018.

CRUZ, Mário (Lusa). **Portugal tem a quinta menor percentagem de mulheres no Governo da UE**. Lisboa, 8 mar. 2018. Disponível em: <https://observador.pt/2018/03/08/portugal-tem-a-quinta-menor-percentagem-de-mulheres-no-governo-da-ue/>. Acesso em: 1 ago. 2018.

DARWIN, Charles. **The Descent of Man**. London: Penguin Books, p. 326-327, 1871.

FORCEVILLE, Charles; URIOS-APARISI, Eduardo. Introduction. In: FORCEVILLE, Charles; URIOS-APARISI, Eduardo. **Multimodal Metaphor. Applications of Cognitive Linguistics**. Berlim: Mouton de Gruyter, 2009.

FUNARO, Vânia Martins Bueno de Oliveira [et al.] (coordenação). **Diretrizes para apresentação de dissertações e teses da USP: documento eletrônico e impresso Parte I (ABNT)**. São Paulo: Sistema Integrado de Bibliotecas da USP, 2009.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve História do Feminismo**. São Paulo: Claridade, 2015.

GOATLY, A. **Washing the Brain: Metaphor and Hidden Ideology**. Amsterdam: Benjamins, Cap. 2, 2007.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Mulher e esporte no Brasil: fragmento de uma história generificada**. In: KNIJNIK, J. D.; SIMÕES, A. C (Orgs). **O mundo**

psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho. São Paulo: Aleph, p. 359 – 373, 2004.

_____. **Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico.** Porto Alegre: Movimento, v. 13, n. 2, p. 171-196, 2007.

_____. **A produção cultural do corpo.** In: LOURO, Guacira; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana. *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação.* 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. **A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade.** Cadernos de Formação RBCE, Campinas, SP, v. 1, p. 71-83, 2010.

HALL, Stuart (2006). **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade** (Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro). Rio de Janeiro: DP&A Editora, 11ª edição, 2006.

_____. **Cultura e Representação.** Rio de Janeiro: Apicuri, PUC-Rio, edição brasileira, 2016.

HARDIN, M.; SHAIN, S. **Strength in numbers? The experiences and attitudes of women in sports media careers.** In: BILLINGS, A. C.; BUTTERWORTH, M. L.; TURMAN, P. D. *Communication and Sport: Surveying the Field.* [S. l.]: SAGE Publications, 2011.

HARGREAVES, Andy. **Communication and Sport: Surveying the Field.** In: BILLINGS, A. C.; BUTTERWORTH, M. L.; TURMAN, P. D. *Communication and Sport: Surveying the Field.* [S. l.]: SAGE Publications, 2011.

_____. **Sporting females: Critical issues in the history and sociology of women's sports.** In: BILLINGS, A. C.; BUTTERWORTH, M. L.; TURMAN, P. D. *Communication and Sport: Surveying the Field.* [S. l.]: SAGE Publications, 2011.

JOHNSON, Mark. The Philosophical Significance of Image Schemas. In: JOHNSON, Mark. **Embodied Mind, Meaning, and Reason. How our bodies give rise to understanding.** Chicago: The University of Chicago Press, 2017.

KAUR, Rupi. **O que o sol faz com as flores.** São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

KÖVECSESE, Zoltán. **Language, Mind, and Culture. A Practical Introduction.** Nova York: Oxford University Press, Inc., 2006.

_____. **Metaphor: A Practical Introduction.** Nova York: Oxford University Press, Inc., 2007.

LAKOFF, G; JOHNSON, M. **Metaphors we live by.** Chicago: Chicago University Press, 1980.

LAKOFF, G; TURNER, M. **More than cool reason: a field guide to poetic metaphor**. Chicago: The University of Chicago, 1989.

LAKOFF, G. **The contemporary theory of metaphor**. In.: ORTONY, Andrey. *Metaphor and Thought*. Second Edition, Cambridge: Cambridge University Press, p.202 a 251, 1993.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2006.

LEEZENBERG, M. **Contexts of Metaphors**. Amsterdam: Elsevier, Cap. 2, 2001.

LIM, E.T. **Gendered metaphors of women in power: the case of Hillary Clinton as Madonna, unruly woman, bitch and witch**. In: AHRENS, K. (ed.), *Politics, Gender and Conceptual Metaphors*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2009.

LOPES, M. S. **Metáforas sobre a mulher: uma visão linguística e conceitual**. 2005. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/103008>. Acesso em: 22 jan. 2018.

Michaelis Online. [S. l.]: Melhoramentos, 2018. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em: 1 ago. 2018.

MILLER, Alice Duer. **Are Women People? A Book of Rhymes for Suffrage Times**. Nova York: George H. Doran Company, 1915.

MOTA-RIBEIRO, S. **Ser Eva e dever ser Maria: paradigmas do feminino no Cristianismo**. Coimbra, 17 – 19 abr. 2000. Comunicação apresentada ao IV Congresso Português de Sociologia, Universidade de Coimbra. Disponível em: https://www.academia.edu/33024801/Ser_Eva_e_dever_ser_Maria_paradigmas_do_feminino_no_cristianismo.

NEWSOM, J. S. **Miss Representation**. Califórnia: Girls' Club Entertainment, 2011. Disponível em: <https://www.netflix.com>. Acesso em: 1 ago. 2018.

PFISTER, Gertrud; HARTMANN-TEWS, Ilse. **Sport and Women: Social Issues in International Perspective**. [S. l.]: Taylor & Francis e-Library, 2005. E-book.

PUTNAM, H. **Mind, language and reality. Philosophical Papers**. Cambridge: Cambridge University Press, v. 2, cap.12, 1975.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Porto Alegre: Educação & Realidade, v. 20, nº 2, 1995.

THOMPSON, Martha E.; ARMATO, Michael . **Investigating Gender – Developing a Feminist Sociological Imagination**. Cambridge: Polity Press, 2012.

TOLDY, Teresa Martinho. **As Mulheres na Igreja Católica - Luzes e sombras ao longo da história**. Revista Theologica, II série, v. XXXII, Fasc. 2., Braga, p. 219-245, 1997.

UNGERER, F.; SCHMID, H. **An Introduction to Cognitive Linguistics**. Harlow: Pearson Longman, 2ª edição, 2006.

VAN DIJK, Teun A. **Discurso, notícia e ideologia: estudos na análise crítica do discurso**. Porto: Campo das Letras, 2005.

_____. **Discurso e Poder**. São Paulo: Contexto, 2008.

Think Olga. **Minimanual do Jornalismo Humanizado**. [S. l.], 27 jun. 2016. Disponível em: <https://thinkolga.com/2018/01/31/minimanual-de-jornalismo-humanizado/>. Acesso em: 1 ago. 2018.

WADE, Lisa; FERREE, Myra **Marx. Gender – Ideas, Interactions, Institutions**. Nova York: Norton & Company, INC, 2015.

WODAK, Ruth; REISIGL, Martin. Discourse and Racism. In: SCHIFFRIN, Deborah; TANNEN, Deborah; HAMILTON, Heidi E. **The Handbook of Discourse Analysis**. Malden: Blackwell Publishing, p.378 a 382, 2003.